

A romantic couple, a man with a beard and a woman with long dark hair, are shown in a close embrace, nearly kissing. They are both wearing white t-shirts. The background is a soft, out-of-focus purple and pink bokeh.

As
Gêmeas
INESPERADAS DO
MILIONÁRIO
A REDENÇÃO

Two newborn babies are shown sleeping peacefully. The baby on the left is wrapped in a light blue blanket and wears a small blue headband. The baby on the right is wrapped in a light green blanket and wears a white headband with a flower. They are lying on a soft, light-colored surface.

ELLA ARES



As
Gêmeas
INESPERADAS DO
MILIONÁRIO
A REDENÇÃO

ELLA ARES

COPYRIGHT © 2022 Ella Ares

Capa: Ruby Design

Revisão: Deborah A. Ratton

Diagramação: Deborah A. Ratton

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, mas contém marcas próprias da oralidade em respeito ao contexto retratado.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da autora (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhum dos fatos narrados e personagens citados são reais.

Todos os direitos desta edição reservados à autora.

*Dedico este livro à Daniele da
vida real, amiga
e parceira.*

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)



Sabe quando a sua vida dá um salto inesperado e você fica parada no tempo, olhando para o nada sem conseguir entender o porquê? Isso tinha acontecido exatamente comigo e acabou se tornando a minha realidade nos últimos anos, que passaram na velocidade de uma tartaruga. A minha vida tinha dado um salto alto, me deixando presa no tempo. E tudo começou com uma proposta de trabalho nada convencional. Que a verdade seja dita, aquilo nem de longe pareceu um convite, foi mais uma ordem a qual aceitei sem pensar duas vezes.

Estava voltando para casa de um plantão no hospital, quando fui interceptada por dois homens. Minha ação imediata foi fugir para a primeira rua que eu encontrei, mas algo me deteve; sabiam o meu nome, pois os ouvi gritar por ele. Além do mais, aqueles homens afirmaram em seguida ter informações sobre a minha família. Tive que parar e ouvir o que tinham para dizer, independente do que fosse. O medo ainda se fazia presente, mas naquele momento eu

não podia reagir. Eles eram altos, fortes, tatuados e usavam roupas pretas. No final das contas, eu só tinha que abrir mão do meu atual trabalho para cuidar do irmão deles que estava em coma. Iriam me pagar muito dinheiro por aquilo desde que eu ficasse em silêncio, pois ninguém poderia saber informações sobre o seu estado de saúde.

E acabei aceitando.

Eu tinha terminado o curso de técnico de enfermagem havia pouco menos de um ano, quando descobri da pior forma que minha mãe estava doente. Tudo começou com um desmaio, mas os médicos descobriram que ela estava com uma doença vascular periférica, além da diabetes altíssima, problemas esses que iriam comprometer toda sua vida dali em diante, o que a obrigava a parar de trabalhar. Foi um choque, como se uma bomba fosse jogada em minhas mãos sem que eu tivesse controle da situação. Precisei mudar drasticamente todos os meus planos para cuidar dela, dos meus dois irmãos, me desdobrando em duas para manter as despesas da casa, estava sendo difícil lidar com aquilo tudo. Com o que ganhava no hospital, eu não conseguia suprir metade dos gastos diários e então tive que entrar naquela cilada. Era pelo dinheiro, mas também era por medo do que eles eram capazes de fazer se eu dissesse *não*.

Sombrios.

Perigosos.

Eu teria que cuidar daquele desconhecido adormecido naquela cama. *Rafael*. Esse é o nome dele. Tinha sofrido um acidente de carro que afetou drasticamente o seu corpo, estava sem o cinto de

segurança na hora do impacto, lesionando mais precisamente a região da sua cabeça.

Ao longo dos dois últimos anos, acompanhei de perto sua situação cuidando dia e noite, vendo-o parado, sem responder aos sinais. Era um homem bonito, apesar da magreza. Branco demais por ficar entre aquelas paredes, sem contato direto com o sol, mas ainda assim era belo. E eu estava certa sobre isso, pois tinha visto algumas fotografias dele por todo o quarto decorado, feito para acomodá-lo melhor. Todas as semanas vinha um médico visitá-lo, assim como uma enfermeira diariamente. Apesar de ter cursado aquela área da saúde, eu tinha sido designada apenas para cuidar das outras coisas, como sua alimentação pela sonda, banho e ficar ao seu lado até que um de seus irmãos chegasse no final da noite para ocupar o meu lugar.

E lá estava eu, entediada de novo, passando um pano de tecido fino, molhado, em volta do seu rosto. Aquela tarde estava quente, escaldante demais e, mesmo com o ar-condicionado ligado no quarto, gostava sempre de fazer aquilo, cumprindo com o meu papel como cuidadora responsável que eu era.

— Rafa. O que você me diria se eu falasse que estou morrendo de vontade de ir para casa? — perguntei sabendo que não responderia, mas gostava de fazer aquilo todas as vezes.

Os médicos falavam que era um ótimo estimulante, que mesmo em coma uma parte dele ainda estava viva, talvez escutando.

— Acho que você com certeza iria me despedir na hora. — Fiquei olhando-o, enquanto deslizava o pano molhado em seu rosto, parando próximo a seus lábios. — Você não me bota medo — falei, parada observando-o.

Terminei o que estava fazendo e fui guardar o material em uma cesta que estava em cima de uma mesa no canto do quarto. Aproveitei para higienizar as mãos a fim de em seguida conferir os aparelhos ligados ao corpo dele. Tinha aprendido a entender como aquilo tudo funcionava para garantir que, em caso de um imprevisto, saberia como proceder em busca de ajuda médica.

Fiquei parada, olhando um por um, até que constatei que estava tudo *ok*. Faltavam mais algumas horas até que meu turno terminasse, então peguei um livro em minha bolsa para ler e distrair um pouco a cabeça.

Havia uma poltrona ao lado da cama do Rafael e foi para lá que fui, em passos suaves. Sentei-me nela e me acomodei para iniciar a leitura que sempre fazia em voz alta, como se ele também pudesse ouvir aquilo que eu lia.

— Não sei se você vai gostar desta história. — Abri o livro. — Foi uma amiga que me deu de presente, sabe? — Passei uma página, correndo os olhos pelas primeiras palavras.

Comecei a ler em voz alta. Era um romance e contava a história de um vampiro que se apaixonava por uma humana, que era a sua prometida. Devorei os primeiros capítulos tão rápido que mal vi o tempo passar, estava cada vez mais envolvida com a trama, os acontecimentos marcantes, querendo descobrir logo o desfecho, mas tive que parar um pouco para respirar.

Deixei o livro na minha perna, aberto na página em que havia parado de ler, e desviei a atenção para o paciente na cama.

— Rafael, gostou dessa história? — perguntei, entusiasmada. — Eu gostei muito. Tem um enredo bem fluido, dinâmico e o mais interessante é como... — Minha voz foi cortada quando vi de

relance seus dedos se mexerem; aquilo acontecia vez ou outra, mas não com aquele movimento. — Rafael. — Eu me aproximei, pegando sua mão. — Consegue me ouvir? — Ele se mexeu de novo e abriu um sorriso largo.

Parecia que um milagre estava acontecendo.

— Ai, meu Deus! — falei empolgada, fazendo um carinho em sua mão.

— Ca..

Ele estava despertando, sua voz saiu quase sem som, rouca, mas por estar próxima consegui ouvir e entender.

— Ai, meu... Deus! Você acordou. Rafael, consegue me ver? — Parei imediatamente.

Minha animação foi para o ralo logo, quando entendi o que ele queria dizer. Com um pouco de dificuldade, Rafael abriu os olhos lentamente e acabei sorrindo, feliz por vê-lo ganhando uma nova chance para recomeçar.

Um pequeno milagre.

— Calada... — disse, tossindo. — Luz... Apaga...

Grosso, gritei mentalmente com ele. Estava tão feliz por vê-lo daquela forma, mas por que tinha que me destratar tão friamente? Não entendia o motivo, mas achei melhor desconsiderar, tendo em vista o tempo que perdeu naquela cama, em coma.

— Vou apagar... Um minuto. — Levantei, deixando o livro de lado na poltrona, para desligar a luz e deixar apenas o abajur ligado clareando o ambiente escuro.

Antes de voltar, peguei o celular para mandar uma mensagem para Gabriel, o irmão dele que estava sempre por perto, cuidando

de tudo. Digitei rápido demais e cliquei em enviar logo, guardando o aparelho na bolsa.

— A... água.

— Como você se sente? — arrisquei-me em perguntar, curiosa.

— Água — insistiu, falava tão baixo.

Caminhei até o filtro com água que havia no quarto, peguei um copo descartável para colocar uma pequena quantidade e levar até ele, que não parava de tentar se mover para o lado na cama. Eu me aproximei, fitando o seu rosto pálido.

— Aqui. — Levei até a sua boca, que se abriu para receber, bebendo devagar. — Sei que não é o momento mais apropriado para falar isso, mas... eu sou a Daniele, fui designada para ficar cuidando de você durante esses dois últimos anos.

Ele fechou a boca, tinha parado de sugar a água e entendi que não queria mais. Dei um passo para trás, um pouco incerta e desconfortável com ele me olhando.

— Dois anos? Você... disse isso mesmo? — perguntou, tossindo um pouco, com o olhar parado sob o meu.

— Uhum — respondi e me arrependi de ter dito aquela informação daquela forma.

— Saia daqui. — Inclinou a cabeça para o lado. — Agora.

— Seus irmãos... eles... — tentei argumentar. — Eu não posso te deixar sozinho.

— Saia, porra... — tinha ganhado fôlego, falando um pouco mais firme e exigente.

— Olha aqui... — Inclinei um dedo. — Não vou, não. Você acabou de despertar, vai precisar ser avaliado pelo médico e,

enquanto seu irmão não chega, vou ficar aqui querendo ou não. —
Cruzei os braços, sentando-me na poltrona ao seu lado.

Ele não disse mais nada, ficou quieto, olhando para o teto do quarto. *Melhor assim*. O silêncio reinou até que a porta se abriu e passaram por ela três homens, fortes, altos. Alguém acendeu a luz e tudo começou. Gritos e uma comemoração em prol do irmão que estava de volta à vida.

— Ah, irmão, porra...

Eu me levantei para deixá-los sozinhos e fui para fora do quarto, com uma certeza: perderia o meu emprego.



Nunca fui de acreditar em milagres até o momento em que abri os olhos, pela primeira vez depois de anos vegetando, em cima daquela cama de hospital. Eu tinha sobrevivido ao caos, a minha pior fase, e era até caótico pensar dessa forma, mas era a mais pura verdade. Um fodido como eu tinha ganhado uma nova chance, nascido de novo. Aquele maldito acidente tinha sido capaz de me apagar, roubando anos da minha vida, em que passei ligado a aparelhos que me mantiveram vivo, respirando.

Ainda não conseguia lembrar com exatidão o que de fato havia acontecido, só tinha a vaga recordação da noite em que perdi o controle do carro. Depois de beber muito, sair dirigindo e perder a direção, tinha desviado para uma estrada contrária, com um matagal sem fim, o que quase me levou ao óbito. Após isso, o resto na minha cabeça era só escuridão, um borrão, como foi pelos últimos dois anos. E eu nunca entenderia por que tinha sido merecedor

daquele milagre, não era religioso e havia feito tanta coisa errada na vida que não me considerava digno dessa dádiva.

Uma confusão inesperada se fez e não vi mais o rastro da voz de anjo no quarto, provavelmente ela tinha ido embora. Comemoraram e trataram de chamar um médico para que analisassem em seguida o meu estado de saúde.

No dia seguinte fui fazer uma bateria de exames no hospital e descobri que teria que passar por todo um processo de reabilitação, física e mental. Minhas pernas estavam frágeis, com a movimentação limitada e eu precisava ter um cuidado maior com aquela parte do corpo. Não dei a devida atenção ao médico responsável pelo meu caso, mas Gabriel, meu irmão que não saía nenhum minuto do meu lado, garantiu que eu faria tudo que fosse possível para me recuperar completamente.

Eu realmente queria? Não parava de me questionar sobre isso.

Antes de aquele acidente mudar a minha vida, eu sabia o que queria, o que desejava. Sempre corri atrás para satisfazer os meus caprichos e vontades, sem me importar com as consequências. Depois de acordar do coma, vivo novamente, eu não sabia quais eram os meus planos, só queria que tudo aquilo terminasse o mais rápido possível. Ficaria dependente por um tempo dos meus irmãos para tudo e daquela garota que, segundo Gabriel, continuaria fazendo o seu trabalho. Fui resistente a essa ideia maluca dele, porque estava claro que não nos daríamos bem; mesmo que tivesse acreditado, no fundo, que ela era diferente, a realidade mostrava outra coisa. O difícil de aceitar é que aquela não era uma escolha minha, e sim *deles*. No entanto, eu não facilitaria nem um pouco a vida daquela garota.

Uma parte da minha cabeça sempre esteve adormecida durante esses anos, mas existia uma outra que estava desperta, ouvindo de alguma forma uma voz doce, distante, que parecia ser a de um anjo conversando comigo todos os dias.

Quem era? Eu sempre me perguntava.

Não conseguia ter domínio sobre meu corpo para abrir os olhos e descobrir quem era de fato. Uma força maior sempre me puxava para trás, levando-me ao lugar onde eu deveria estar. Só sabia que lá no fundo era gostoso ficar ali parado, quietinho, ouvindo quem quer que fosse do outro lado. Aquela voz tinha um dom de tocar no mais profundo da minha alma e acalmar o meu caos, afastando toda a tormenta, coisa que ninguém tinha feito antes. E aquela havia sido a minha esperança, a parte viva em meio à outra que dormia sem querer despertar. Não sabia identificar o que aquela voz falava na maioria do tempo, só que era gostosa demais para ficar apreciando, como uma melodia de uma música linda.

Mas nada me preparou para acordar pela primeira vez e encarar a minha maldita realidade. Foi como se tivesse sido jogado novamente contra um buraco, porque foi assim que me senti ao acordar; vazio. Perceber que tinha despertado naquelas condições era apavorante. E o meu primeiro contato foi justamente com a dona da voz, tão próxima e ali do meu lado, para em seguida fazer o que eu fazia de melhor; afastar as pessoas para longe. Só que ela não era todo mundo e mostrou isso em poucos minutos de contato, principalmente o quanto era resistente e determinada demais para obedecer a minha maldita ordem de sair do quarto.

Um contraste. Fazendo-me acreditar que de anjo ela não tinha nada e havia sido só uma maldita ilusão criada pela minha cabeça

ainda estragada. Não foi tão difícil descobrir que a dona da voz era ela; Daniele. Baixinha, cabelos escuros e os olhos mais bonitos que já vi na vida, mas é claro que eu nunca diria isso em voz alta. A dona da voz que tocava no mais fundo da minha alma era ela. Ficaria se eu pudesse admirá-la um pouco mais, se ainda fosse o Rafael do passado, galanteador, cafajeste de carteirinha, mas uma parte dele não existia mais em mim.

Eu sentia isso.

Uma semana depois que acordei do coma, eu ainda me sentia deslocado, como se não pertencesse mais àquele lugar. Tudo estava diferente e a falta do meu gêmeo era gritante, sentia como se não tivesse a minha outra metade. Nem a presença dos meus outros irmãos, que estavam ali assim que me encontraram desperto, tinha conseguido preencher essa lacuna.

E lá estava ela, a voz de anjo, de volta após ficar afastada alguns dias do trabalho. E eu, na sala, sentado naquela maldita cadeira de rodas, assistindo a alguma coisa aleatória na TV para ver se o tempo passava mais rápido, só que isso não acontecia.

— Bom dia, senhor Rafael. Tudo bem? — ela me cumprimentou quando percebeu que não fiz conta da sua chegada.

— Rafael — respondi, seco, olhando-a dos pés à cabeça.

Vestia uma calça jeans e um moletom, cheio de desenhos, o que me fez torcer os lábios para o lado.

Que merda é essa?

— Hum? Não entendi o que o senhor disse. — Fechou a porta da sala, parando próximo ao sofá para deixar sua bolsa.

— Só Rafael. — Parei meu olhar em seus olhos. — Daniele.

— Ah, sim. — Abriu um sorrisinho de lado. — Tudo bem. Já tomou o seu café da manhã? — falou, vindo em minha direção.

— Estou sem fome. Pode ir — fui sincero, observando-a.

— Isso não é bom. — Puxou uma respiração funda. — Vou pegar os seus remédios.

Ela caminhou até a cozinha para pegar a cesta de medicamentos. *Tempo perdido*. Eu não queria falar nada, mas já tinha tomado os remédios antes de Gabriel sair de casa, pareceu interessante vê-la gastando um pouco da sua energia; ficaria brava e isso fazia parte do meu plano de fazer a minha babá se despedir. Se ela tivesse bons motivos, isso seria só uma questão de tempo. Veria até onde a garota aguentaria aquele meu jogo sujo, eu era um bom jogador e iria usar todas as minhas cartas. Poderia estar fraco, perdido ainda, mas não perderia aquilo.

— Aqui. Tome um por um. — Veio com os remédios em um recipiente e um copo de água em mãos.

— De novo? — Ergui uma sobrancelha, encarando-a sério.

— Você já tomou? — Fez um bico que achei fofo, mas tratei de espantar essa visão. — Não acredito que me fez ir até a cozinha para pegar... Ah, Rafael.

— Oh, sinto muito. — Dei de ombros, sem dar importância. — Da próxima vez, seja um pouco mais esperta, Daniele. — Pisquei um olho e poderia jurar que ela estava explodindo por dentro, seus olhos estavam vidrados nos meus, e sua respiração, acelerada. — Ei, calma. Não foi por mal. Eu juro. — Ergui a mão em redenção.

— Você me paga — decretou e foi deixar o que tinha trazido de volta no lugar.

Balancei a cabeça para o lado, rindo do jeito como ela tinha reagido.

Um ponto. Comemorei.

— Como você já tomou todos os remédios — disse, vindo de volta para a sala —, não vai se importar de tomar um banho gelado, não é? — ameaçou.

— Não vou, não — respondi grosso.

Ela não estava pensando em me banhar, não?

Isso estava fora de cogitação. Até o momento eu tinha recebido auxílio dos meus irmãos para realizar essa tarefa e as necessidades fisiológicas, mas com ela eu jamais me submeteria a tal humilhação. Era pedir demais.

— Sim. Vamos para o banho agora — afirmou, segura do que falava.

Ela estava ficando louca.

— Vamos? — rebati usando suas palavras e ri seco. — Ficou louca?

— Sim e não. — Balançou a cabeça para o lado e seus cabelos acompanharam o movimento. — Sim, eu vou te dar um banho. E não, eu não fiquei louca. É o meu trabalho cuidar de você assim como fiz todos esses anos.

— Era diferente, porra. — Levo a mão ao rosto, passando com força. — Vá para longe com essa sua ideia. Você não vai me dar banho coisa nenhuma.

— Não precisa ter vergonha... — continuava insistindo naquela merda.

— O quê? Vai lavar o meu pau agora? — retruquei, nervoso.

— É o meu trabalho — disse me olhando, levemente corada.

— Que se foda a *porra* do seu trabalho. — Afastei as mãos, negando com a cabeça. — Fora daqui.

— Pare. Está com vergonha de quê? Eu já vi tudo, tudo mesmo. — Ergueu um dedo. — Eu vou te banhar e ponto-final.

— Simples assim? — disse irônico, querendo calar aquela boca.

Ah, se tivesse forças suficientes nas pernas para fazer isso.

— É. Simples assim. Vamos logo. — Caminhou em minha direção, sorridente, como se tivesse ganhado aquela maldita guerra, quando na verdade ela estava apenas começando.

Você me paga, garota atrevida, pensei em silêncio.



— Vira essa cabeça para o lado, por favor — pedi pela segunda vez a Rafael, que não queria obedecer ao meu comando. Nessa altura do campeonato, tinha molhado toda a minha roupa ao conduzir o seu banho-padrão. — Ótimo.

É claro que dessa vez era diferente. Rafael estava ali em minha frente, com seus olhos azuis, brilhantes, ferozes como se a qualquer momento fosse me engolir viva com um deslize meu. Estava claro que a minha presença naquela casa era rejeitada por ele, e talvez Rafael tivesse engolido aquilo porque era mais uma ordem de seus irmãos, os quais respeitava. *Problema dele!* falei em pensamento.

Estava chateada pelo que ele tinha feito na sala, quase explodindo por dentro, mas suportaria um pouco mais, pois não queria lhe dar aquele gostinho de vitória. Afinal, eu ainda precisava daquele dinheiro e isso ainda não tinha mudado.

— Para de mandar, *mulher* — rosnou, sem paciência. — Já acabou? Essa porra está gelada demais — reclamou de novo e eu

já tinha perdido as contas.

— Se você me obedecesse, iria facilitar muito o meu trabalho.

— Passei os dedos pelos seus cabelos, esfregando o seu couro cabeludo, e ele finalmente deu uma relaxada na cadeira. — Tá vendo? Não é tão difícil assim.

— Termine logo com isso, *porra*. Essa água está gelada *pra caralho*.

De novo. Revirei os olhos, tentando não dar atenção ao que falava.

Neguei com a cabeça, focada em terminar de lavar os seus cabelos, que estavam grandes e precisavam de um corte, mas fiquei calada para não prolongar aquela discussão. Já tinha sido um sufoco fazer com que aceitasse a minha ajuda para tomar banho. Para Rafael aquilo parecia ser uma ofensa, mas para mim não era problema algum e não me incomodava como para ele. Afinal, fazer aquilo era normal, era parte da rotina de cuidados que eu tinha com ele durante os anos que se passaram. A única diferença era que agora ele estava desperto e me intimidava com o olhar e comportamento grosseiro, só não o suficiente para me fazer correr como um bichinho assustado.

Quando me ordenaram passar alguns dias em casa depois que Rafael havia acordado, pensei que não voltaria mais para aquela casa. Por um lado parecia uma ideia tentadora, pois teria a oportunidade de encontrar um novo emprego, mas até para fazer isso levaria tempo e as minhas contas não se pagavam sozinhas, nem mesmo esperavam. Ao receber a ligação de Gabriel pela manhã, como sempre nada amigável, para retomar o trabalho, meu coração vibrou por saber que teria no final do mês o dinheiro para

continuar comprando os remédios da minha mãe. A necessidade sempre nos fazia engolir os limões azedos que a vida dava.

— Acabou aí? — ele se arriscou em perguntar, revirei os olhos ao ouvir.

Pensando bem, lá no fundo era bem mais fácil lidar com ele dormindo. Aquela versão desperta não era nem um pouco fácil de engolir.

Rafael estava realmente determinado a roubar toda a minha sanidade, se é que ainda restava alguma. Eu não era cega nem tonta para não saber que aquilo era uma de suas artimanhas para me afastar, tirar-me daquele emprego pelo qual eu tanto zelava. Bastou apenas alguns minutos ao seu lado para deduzir isso facilmente, ele não conseguia ser tão sutil nas atitudes e investidas quanto os seus irmãos eram misteriosos. Estava estampado em seu rosto a sua verdadeira intenção; que eu pedisse demissão. E é claro que eu iria bater o pé no chão para isso não acontecer.

— Está perto. Calma — avisei, parando de lavar os cabelos dele para enxaguar.

Eu me afastei para levar a sua cadeira para o centro do chuveiro e ligar, a água correu em um jato forte contra sua cabeça e quase ri da cena, ao vê-lo fazendo careta pela temperatura da água. Ainda era cedo e estava sentindo o impacto do dia frio.

— Oh, *porra* — gemeu, e deixei que ele continuasse sozinho o resto do banho, limpando as outras partes do seu corpo.

Dei espaço, porque era um pecado olhar para aquele corpo que, mesmo muito magro, coberto de tatuagens e cicatrizes, ainda era extremamente sexy e atraente.

— Não saia daí, eu volto em um segundo — avisei, saindo do banheiro para pegar uma toalha limpa no armário do seu quarto, além das roupas que ele tinha escolhido em cima da cama antes de entrar no banho.

Não demorei muito para pegar tudo, voltei rápido e logo ele tinha terminado o banho. Estava parado, passando os dedos entre os fios de cabelo molhados. Um pouco perdido sobre o que fazer. Eu estava ali para ajudá-lo a passar por aquele processo de reabilitação, que não era nem um pouco fácil, bastava só ele cooperar e ser mais compreensivo. O que era algo extremamente difícil.

— Ei. — Estalo a língua para que note a minha presença no ambiente. Seu olhar paira sobre o meu e fico um pouco receosa pela primeira vez. — Vou te ajudar.

— Termine logo essa *merda* — murmurou grosso.

— Tudo bem — tentei relevar sua grosseria, aproximando-me para puxar a cadeira de rodas equipada para recebê-lo. Precisei usar minha força para empurrá-lo até o quarto, parei com ele próximo à cama. — Licença — falei antes de terminar de enxugar seu corpo, evitando tocar demais nele.

Rafael ficou quieto, aceitando meu contato sem repulsa como fez desde o primeiro momento em que nós nos cruzamos. Poderia jurar que ele tinha baixado um pouco a guarda, mas era questão de hora, e eu sabia disso bem lá no fundo.

— Pronto. — Sorri de lado. — Eu vou te vestir. Ei, não precisa ficar com vergonha. — Observei quando ele franziu o cenho e respirei fundo.

— *Vergonha?* — frisou bem a palavra, rindo sem som. — Termine logo o que você começou, *porra*.

— Boca suja. — Fiz careta, mostrando a língua para continuar secando-o.

— E você fala demais. — Bufou, rouco, dando de ombros.

Não quis responder e fiquei calada. Tive que me abaixar para tirar a sua cueca molhada, que usou durante o banho, com cuidado para não o machucar, ou forçar a situação que para ele era constrangedora. Tratei de tirar a peça rapidamente e a descartei de lado, evitando olhar demais para sua parte íntima. *Não olhe!* Tirei tão rápido que acabei saltando para trás, caindo no chão, com vergonha.

— Ah, não. — Bufou novamente, para cobrir seu membro com a toalha. — Eu mereço isso mesmo. Me dê a minha roupa, que eu mesmo visto. Agora, Daniele — pediu e eu sabia que ele não iria conseguir, suas sessões de fisioterapia ainda não tinham começado e ele não tinha força para fazer aquilo no momento.

— Não — fui rápida em falar, levantando-me. — Me desculpe por isso. Não vai se repetir.

— É bom mesmo, ou você já sabe o que pode acontecer — soou ameaçador e fiz careta.

— Pode tentar. Eu não ligo para essas suas ameaças sem graça. Estou aqui porque os seus irmãos me pagam, entendeu? Só eles podem e têm o direito de me demitir com uma única ligação. — Mostrei indiferença, ajeitando sua roupa para começar a vesti-lo pela blusa; ele aceitou, facilitando o processo.

Desci para colocar a outra cueca seca e de tecido confortável para o dia, dessa vez foi impossível não encarar aquela obra de arte

adormecida e mole.

Ainda assim era bonita demais e, *minha nossa*.

Que calor!

— Cuidado para não babar em cima do meu pau — disse, rindo alto.

Fuzilei Rafael com um olhar, terminando de vestir a peça para colocar o short moletom. *Como podia ser tão idiota?* Em pensamentos xinguei sem dó nem piedade. Achei melhor não revidar e fui pegar suas coisas para pentear seus cabelos, entregar os itens para que ficasse perfumado como parecia gostar, já que seu guarda-roupa tinha vários frascos de perfumes caros, assim como outros acessórios.

— Pronto. Precisa de mais alguma coisa? — Fiquei parada em sua frente, observando-o arrumadinho, parecia menos chato e ranzinza.

— Sim. Que tire a porra dessa roupa. — Quando disse isso, eu quase caí para trás, mas ele logo tratou de continuar falando, não me dando tempo de responder. — Está toda molhada — isso também não ajudava nem um pouco e eu estava à beira de desfalecer em pé. — Vista algo seco ou vai pegar um resfriado.

Minha nossa... Por um minuto eu quase pensei bobagens demais. *Não!* Fiquei muda de repente, sem saber o que responder, parada olhando-o nos olhos, chocada com a dupla conotação no tom de suas palavras, pelo visto seria uma tarefa e tanto continuar sendo a sua cuidadora.

— E arrume as suas malas também — decretou por fim. — Nós vamos para o meu apartamento.

Ok. Aquilo não tinha terminado nada bem.



Cometi a maior loucura da minha vida.

Havia exatamente duas semanas que eu tinha decidido voltar para o meu apartamento, longe da sede, onde ficava a casa dos meus irmãos. Fiz aquela escolha por impulso, mas no final das contas era a melhor coisa a ser feita.

Estava sufocado por ficar naquela casa sendo um fardo pesado na maldita cadeira de rodas, com os meus irmãos sempre por perto. Eu precisava de um pouco mais de tempo para entender tudo que tinha acontecido, me readaptar àquela minha nova condição e de espaço. Queria sentir que estava voltando a minha vida antiga, e sabia que isso levaria um pouco mais de tempo, porém poderia começar voltando para o meu lugar, o meu cantinho antes de tudo ter desmoronado. O pior era que dessa vez eu estava voltando com um pacote e um fardo pesado demais do lado.

Daniele.

A única opção para conseguir voltar para minha casa sem que os meus irmãos colocassem essa ideia abaixo era trazê-la comigo, para trabalhar em tempo integral. Não gostava de pensar que teria uma figura feminina andando pela minha casa, invadindo o meu espaço, meu ponto sagrado aonde não levava quase ninguém além dos meus irmãos, que quase nunca frequentaram. Só que ela era a minha consequência por tomar aquela decisão e as duras penas eles entenderam; até Gabriel, que era o mais egoísta de todos os quatro, aceitou sem ressalvas.

O maior problema foi fazer com que a minha cuidadora aceitasse. Daniele se mostrou irredutível, pisando duro no chão, quase berrando que não iria fazer aquilo. Suas explicações eram até compreensíveis do meu ponto de vista, ela tinha uma mãe doente e eu não julgava sua reação, mas ainda precisava dela, e como nunca. Usei a maior arma que tinha ao meu favor no momento; dinheiro. Ofereci o dobro do que os meus irmãos pagavam e foi o que fez com que a garota aos poucos baixasse a guarda. Havia uma condição, de que aos finais de semana pudesse ficar com a sua família, e concordei querendo resolver o mais rápido possível aquela situação.

A mudança aconteceu dois dias depois, e meus irmãos se prontificaram em me ajudar. Meu apartamento, apesar de passar anos fechado, estava arrumado e limpo do jeito que eu gostava, graças a eles. Quando cheguei ao meu prédio, passando por aquela porta, senti como se nunca tivesse saído por ela e dormido por tantos anos. Senti que poderia voltar a ser a minha versão do passado, que julguei ter morrido naquele acidente. Ainda havia esperança. Fiquei ali, com Daniele, que estava calada, mas me

ajudou a entrar, organizando o que tinha pendente. Não demorou muito para que meus irmãos encontrassem uma mulher para cuidar da limpeza da casa e da alimentação, facilitando um pouco mais o trabalho da minha querida e doce babá.

E ali criamos uma rotina. Meu apartamento tinha um quarto de hóspede, que foi ocupado por Daniele, e eu tinha o meu de sempre, quase ao lado do dela. Criamos uma relação restrita e profissional desde nossa chegada ali. Ela tinha ficado seca, calada e não rebatia as minhas provocações. Acabei deixando-a de lado, desistindo de fazer com que se despedisse, pois nessa altura do campeonato não encontraria ninguém melhor para ocupar seu lugar e, se os meus irmãos a tinham escolhido para aquele serviço, um bom motivo eles tinham.

Estava na varanda do apartamento, olhando o movimento da rua. Carros, pessoas indo e voltando, nada diferente. Sentia o corpo tenso, um pouco cansado da fisioterapia que tinha começado a fazer, além das aulas de natação. Fazer aquilo exigia muito de mim fisicamente e, por mais que eu me esforçasse, ainda me sentia quebrado, sem disposição para realizar as atividades. Os médicos responsáveis pelo meu caso afirmavam que era só questão de tempo até que eu recuperasse de vez os movimentos das pernas. E eu queria acreditar que isso era verdade.

— Oi — era Daniele entrando na área. — Fiz um suco para você.

— Não quero — tratei de responder, sem olhar para ela, que estava ao meu lado.

Eu podia sentir o seu perfume doce, que lembrava o aroma de um morango.

— Você não comeu nada desde que chegou da fisioterapia. Precisa se alimentar melhor, Rafael. — Suspirou e desviei o olhar para ela, que estava com uma expressão preocupada, distante.

— Estou bem assim. Não precisa se preocupar. — Voltei a olhar para a rua, querendo que ela saísse dali.

— Um copo e te deixo em paz — fez uma proposta, que eu iria recusar.

— Não. Beba por mim. Pode ir — devolvi a resposta rápido.

— Okay. Se precisar de qualquer coisa, eu estou na sala — sussurrou a resposta baixinho.

Ela estava diferente, como se algo tivesse acontecido, e achei melhor não demonstrar interesse em saber, eu já tinha os meus problemas para tratar.

Olhei para o celular, que estava na minha perna, peguei e toquei na tela, abrindo o aplicativo de mensagem, vendo uma dentre outras enviadas pelo meu gêmeo. Os meus irmãos evitaram falar sobre ele todas as vezes que perguntei, não queriam explicar o que tinha acontecido nos anos em que estive em coma, mas a foto estampada no seu contato respondia a todas as minhas dúvidas. Romeu tinha seguido a sua vida, abrindo mão de tudo para viver um amor com a garota que eu julgava desejar, querer, e que no final o escolheu. Os dois tinham se escolhido no fim e eu tinha sido um tolo por não imaginar que algo como isso iria acontecer.

Eu sabia que, onde estivesse, ele se preocupava comigo e ainda se importava, mas respeitava os outros irmãos a ponto de não vir pessoalmente me visitar. Eu o conhecia como a palma da mão; mesmo magoado por saber que ele tinha feito aquela escolha, ainda o amava e sentia um pouco de felicidade por vê-lo feliz.

Ele merecia a felicidade por tudo o que passamos no passado.

Vi que ele estava online e apertei no botão de ligar por vídeo. Fiquei ansioso pela expectativa de falar com meu gêmeo pela primeira vez depois do acidente, e ele logo tratou de me atender.

— Po... — Parou de falar. — Irmão. Meu Deus. — Estava ofegante, sorrindo largo.

— Irmão. Está diferente — cumprimentei, observando o quanto estava mudado, até o brilho em seu olhar era outro.

Ele estava realmente feliz.

— Não acredito no que estou vendo. Irmão — sua voz entrecortou, estava emocionado. — Eu esperei tanto por isso, ansiava todos esses anos ouvir sua voz, te ver assim... Sinto muito por não estar aí e te abraçar agora. Senti a sua falta, babaca.

— Vaso ruim não se quebra fácil assim — respondi, até que notei uma mão pequena tocando o rosto do meu irmão e fiquei surpreso. — Não, *porra*. Você é pai.

— Sim, irmão. — Ele se ajeitou no sofá em que estava sentado, pegando no colo uma garotinha, e pude ver finalmente o seu rostinho. Era tão linda, *caralho*, tinha a mesma cor de olhos que nós dois. Meu coração se apertou. — Essa é a minha princesinha, Íris. Diz oi para o *titio* amor.

A pequena ficou me olhando, estranhando até que abriu um sorrisinho de lado e eu correspondei, vibrando por dentro. Nunca tinha tido contato com nenhuma criança até aquele momento e todos os conflitos, desavenças, tinham caído por terra.

— *Oi. Tio* — respondeu embolado e entendi.

— Você é tão linda, mas não se parece nada com o baba... — lembrei que não podia falar palavrão na frente daquela criança

inocente — com o seu pai feio.

— *Papai*. — Ela se empolgou pulando na perna de Romeu, querendo pegar o celular.

Relaxe um pouco apreciando a companhia dos dois, vendo a minha sobrinha derreter o meu coração de gelo toda vez que me olhava e sorria sem parar, ou conversava alguma coisa que eu quase não conseguia entender. Por ora evitamos conversar sobre temas sérios e foi até melhor assim. No momento certo voltaria a falar com o Romeu, para entender melhor como tudo tinha acontecido, principalmente com o meu acidente, que parecia estar ligado ao pai da mulher que ele tinha escolhido para construir a sua família.

— Irmão, ela é muito esperta. Um dia ela... — Romeu continuava falando, mas parei de dar atenção quando a Daniele entrou no ambiente roubando o meu foco.

— Romeu — chamei, fazendo meu irmão parar de falar. — Tenho que desligar agora, depois nos falamos novamente. Tchau, *pequena*. *Um beijo*. — Fiz um aceno com a mão e ela repetiu meu gesto, soltando um beijo, tão fofa.

Eu me despedi com um aceno para Romeu e desliguei o telefone.

— Desculpa atrapalhar você — Danielle explicou.

— Tudo bem. O que quer? — perguntei, intrigado.

— Eu nunca o vi antes... Soube que largou tudo por uma mulher.

— O que você quer? — cortei logo para que não continuasse falando.

— Banho. — Levantou um dedo. — Remédio.

— Lá vamos nós. — Suspirei fundo, apertando o celular na mão.

— Um dia você se acostuma com isso — brincou, piscando um olho.

E eu lá no fundo esperava que não.



ALGUNS DIAS DEPOIS

— Você está precisando sair um pouco desta casa, menina — disse Cida.

Ela era a responsável pela limpeza e alimentação da casa de Rafael. Estava ocupando aquele cargo havia exatamente um mês e desde então tinha se tornado uma amiga.

— Que Deus te ouça, *amém* — respondi, rindo logo em seguida de suas palavras.

— Estou falando sério, mocinha. Está precisando relaxar um pouco, talvez até pegar um pouco de sol, está branca demais — falou a verdade e eu não poderia negar.

— Você sabe que isso está fora de cogitação — disse, indo pegar outra cenoura lavada no recipiente para cortar em pedaços pequenos.

— Nada é impossível, minha querida. Apenas dê o primeiro passo ao tentar sair um pouco nem que seja sozinha. O importante é se divertir — ressaltou e eu sorri de lado em resposta.

Estava ajudando-a naquela tarde a preparar uma sopa de legumes para o jantar de Rafael. *Ele odiava aquilo*, sempre fazia caretas ao comer. Toda sua rotina alimentícia tinha sido modificada pela nutricionista recomendada na sua última consulta e aos poucos, seguindo as orientações, ele ganhava um novo tom, melhorando conforme avançava no tratamento.

Ainda era cedo para afirmar aquilo, mas havia uma faísca de esperança, tendo em vista seus avanços, e tudo começou nas primeiras tentativas de andar, arriscando alguns passos em pé sozinho. As consultas ao fisioterapeuta foram de grande ajuda para

isso acontecer, fazendo com que ele ganhasse impulso e coragem para tomar aquela iniciativa inesperada para todo mundo que o viu firme em pé. E agora, quase dois meses depois, Rafael andava com o apoio de uma muleta, por escolha própria. Dada a sua personalidade forte, não gostava de depender daquela cadeira de rodas. Ela não o tornava inválido, ao contrário, ajudava um pouco no processo, porém ele optou pelo caminho mais difícil, que no fim exigia muito mais do seu corpo.

Rafael estava se esforçando. Eu o acompanhava de perto, participando de suas sessões, conduzindo o seu carro na ida e na volta das consultas, que eram feitas semanalmente. Ele tinha me dado aquele voto de confiança e parecia querer depender cada vez menos dos irmãos, para me tornar o seu braço-direito, o que era estranho, já que claramente nos odiávamos.

E nessa rotina diária eu sentia que estava cada vez mais cansada, sem tempo para fazer as coisas que eu realmente queria fazer. Tinha aberto mão de muita coisa em prol daquele trabalho para garantir uma qualidade de vida melhor para a minha família, e nessa tarefa eu estava me saindo muito bem. Minha mãe estava cada vez melhor, eu tinha conseguido levá-la para outro especialista, para mudar seu tratamento, e tudo estava se encaminhando muito bem. Isso se dava por conta do que eu ganhava trabalhando para Rafael, que me pagava o dobro, e as preocupações haviam diminuído em um estalar de dedos.

Ainda não gostava nem um pouco de dividir o mesmo teto com ele e fui resistente a essa ideia, mas acabei aceitando no final das contas. Nossa relação era confusa, na maioria das vezes não nos entendíamos sobre nenhum assunto. Rafael era teimoso, cabeça-

dura e ainda não facilitava o meu trabalho. O pior era que, apesar de todos os prós e contras, ele ainda me mantinha ali, e eu me perguntava até quando isso tudo iria durar. Sua melhora era nítida, para quem tinha passado anos em coma ele tinha mostrado grandes avanços, e ver isso era esperançoso. Só que já estava preparada para o que viria pela frente e por isso estava me precavendo ao enviar currículos aos hospitais da cidade.

— Pronto. Precisa de mais alguma coisa? — Sequei as mãos na toalha, enquanto estava perdida em pensamentos; tinha terminado de cortar as cenouras, deixando-as na panela para que Cida usasse quando fosse preparar a sopa.

— Obrigada, menina. Pode ir. — Olhou para mim, gentil e com um sorriso largo.

Eu me aproximei dela para deixar um beijo estalado em seu rosto. Era uma mulher de quarenta e cinco anos, baixinha, tinha cabelos escuros, cacheados, um olhar sereno e acolhedor. Eu estava acostumada com sua presença por ali. Era minha companhia na maioria do tempo, dava cor aos meus dias, amenizando aquele fardo que eu tinha que carregar, presa naquele apartamento sem ter muito com o que me ocupar. Com ela trabalhando ali, tinha ganhado uma amiga, já que com Rafael isso era impossível, parecia que a qualquer momento iríamos nos matar.

— Qualquer coisa, estou no meu quarto, viu? — falei, pegando meu celular na mesa para sair da cozinha.

Caminhei até a sala e vi que tudo estava silencioso demais. *Melhor assim*, pensei.

Segui caminho pelo corredor, indo para o meu quarto, uma vez que Rafael estava no seu, entretido com alguma coisa. A porta dele

estava semiaberta quando passei por perto, já que ficava próximo ao meu. Não consegui conter a curiosidade e dei uma olhada por cima do ombro, mas não visualizei nada até que fui surpreendida com ele parado na porta, com apoio da muleta, pega no flagra.

— Oi. — Parei para cumprimentá-lo, com um sorriso sem graça para descontrair.

— Já te falaram que é feio fazer isso? — falou, abrindo de vez a porta, e meus olhos desceram para o seu corpo.

Que quente! Ele estava vestindo um moletom jeans rasgado, que o deixava ainda mais sexy. Àquela altura do campeonato, eu já sabia o quanto estava atraída por aquele cretino, mesmo que ele fosse um completo babaca na maioria do tempo, só que ninguém poderia me julgar em relação àquilo.

Olhar não tira pedaço. Era o que as pessoas costumavam falar.

— Fazer o quê? — Coloquei meu celular no bolso da calça jeans e em seguida cruzei os braços na frente do corpo.

— Ficar olhando por trás da porta. Eu poderia estar pelado, sabia? — Deu um passo para a frente, olhando-me dentro dos olhos, enigmático.

— Isso não faz diferença mesmo. Eu já vi tudo. Não vai ser nenhuma novidade, sabe? — Dei de ombros, torcendo o lábio para o lado.

— Já viu tudo. Entendi — disse com desdém, desviando o olhar para o corredor. — Entra aqui — falou baixo, quase um sussurro rouco.

— Oi? Eu não. — Não sabia se tinha ouvido direito o que ele tinha dito.

— Entra na porra do quarto, garota. — Fez um gesto com o dedo indicando.

— Só se eu quiser. E não quero — respondi, pronta para sair dali.

— É sério. Tenho que te mostrar uma coisa. — Voltou a me olhar, implorando.

Fiquei parada, olhando-o e analisando se era uma boa ideia ou não.

— Peça direto então. — Fuzilei-o com um olhar.

Ponto para mim.

— Você não joga para perder. — Acabou rindo, seco, negando com a cabeça.

— É pegar ou largar. — Bati o pé no chão, determinada a continuar com aquele joguinho que não levaria a lugar nenhum.

Rafael não cedia fácil e eu também não era indiferente quanto àquilo.

— Ah, mulher teimosa *do caralho*.

— Olha... — Ia levantar um dedo, mas ele me pegou pela mão com força e me puxou para entrar no quarto, sua muleta de suporte tinha caído no chão com o movimento inesperado.

Segurei Rafael pela cintura para que não caíssemos também e ele foi mais rápido, não me dando tempo para pensar em nada ou agir, logo tomou os meus lábios sedentos em um beijo feroz.

Oh, merda!



Que boca gostosa era aquela? Eu estava fodido!

Não sabia por que tinha feito aquela escolha quando decidi puxá-la para entrar no meu quarto, mas, enquanto tomava aqueles lábios, sugando, mordendo, não sentia um pinga de arrependimento por tê-la beijado. Daniele tinha uma boca que era um manjar, doce e completamente perigosa para mim. Estava reprimindo aquele desejo havia dias, toda vez que seus lábios se abriam para me responder ao nível, sentia um desejo desenfreado de possuí-la, foder aquela boquinha gostosa. E na primeira oportunidade que tive coloquei meu maldito plano em prática.

Que se foda tudo!

Suas mãos estavam ao redor da minha cintura, dando impulso para continuar firme em pé, beijando-a do jeito que eu queria. Era difícil, porque ainda não me sentia completamente disposto e forte para fazer o que tinha em mente. Para isso precisaria de um pouco mais de tempo, mas nada me impedia de fazer algumas coisas.

Prazer nem sempre se baseia apenas em sexo. Daniele estava tão receptiva, correspondendo, mordendo os meus lábios com força, uma gata felina.

— Cama — falei, quando afastei meus lábios dos seus devagar.

Ela ainda estava de olhos fechados, perdida no calor do momento, e eu me sentia da mesma forma. Precisava me sentar um pouco antes de continuar com aquilo.

— Hã? O quê? — Abriu os olhos, passando a língua nos lábios, retraída.

— Vem aqui. — Indiquei com um olhar e ela me entendeu logo.

Daniele se ofereceu como apoio, segurei em sua mão e fui caminhando devagar com ela do lado, tenso por dentro até alcançar a cama, sentando-me nela de vez.

— Hum... é. Eu preciso ir.

— Não fuja. — Eu me ajeitei, buscando uma posição confortável. — Vem aqui.

— Rafael. Não podemos. Isso é muito errado. — Ficou em minha frente, encarando-me, um pouco perdida e confusa.

— Não pode, ou não quer? — rebati, olhando em seus olhos, doido para puxá-la.

— Você me deixa confusa. — Mordeu o lábio, suspirando profundamente em seguida.

— Quero te bagunçar ainda mais. Senta aqui no meu colo — pedi novamente e ela ficou em dúvida. — Não vou fazer nada que você não queira, garota. É só um beijo.

— É errado demais. Eu sou a sua cuidadora.

— E agora vamos inverter os papéis, eu vou cuidar de você. — Bati com a mão na perna, ela ficou olhando ainda confusa, até que começou a vir de mansinho, sentando-se enfim. — Boa garota.

Ela se ajeitou devagar, sentada nas minhas pernas, e envolvi as mãos ao redor da sua cintura, puxando-a para mim com força.

Daniele estava prestes a abrir os lábios para falar alguma coisa, mas fui mais rápido em agir, beijando-a novamente, silenciando com a minha boca sobre a sua. Estava sendo cada vez mais difícil evitar isso.

Sem parecer indiferente, ela me devorava na mesma intensidade. Deixou toda a timidez de lado e começou a tocar em meu rosto, passando as mãos pelas minhas costas, alisando cuidadosamente. Por ali havia algumas marcas do acidente que não me incomodavam, além da falta de controle nos movimentos das minhas pernas.

Eu me sentia cada vez melhor por fora, fazendo as sessões de fisioterapia, e era questão de tempo até que estivesse recuperado totalmente. Me esforçava para retornar ao que eu era antes, mas me encontrava vez ou outra perdido em meio à escuridão e a incertezas do meu futuro. Antes de Daniele passar pela porta do meu quarto, estava me sentindo dessa forma, mas ela, com seu jeito marrento, tivera a capacidade de acalmar o meu caos, assim como costumava fazer ao conversar sem parar enquanto eu estava do outro lado, em coma.

Ela me desequilibrava. Eu não gostava de pensar que alguém tinha esse poder, nenhuma mulher era digna daquilo, por isso sabia que no fundo era só atração, desejo carnal. Sempre fui um homem ativo sexualmente e conviver com ela todos os dias me fez ficar

afoito, igual a um animal no cio, querendo foder. E eu pretendia fazer isso de alguma forma.

Senti quando ela começou a se mover em direção ao meu pau, que estava duro, pulsando e doido para se fartar naquela boceta coberta pelo tecido, mas não era o momento certo e a hora para isso.

— Quietinha. — Parei o beijo, segurando em seu queixo, e ela concordou com a cabeça. — Não estamos sozinhos em casa.

— Hum... Hum... Eu sei — murmurou baixo.

Ela ainda não tinha entendido o que eu queria dizer com aquilo, mas logo iria entender o significado por trás das minhas palavras. Afastei os seus cabelos para o lado, levando a boca até sua pele exposta para começar a morder, sugar, deixando-a vermelha. Daniele vibrou, movendo-se em meu colo, um atrito que me faria gozar facilmente. Fiquei perdido sentindo o seu cheiro marcante, de mulher, tocando em seus cabelos longos e escuros, apertando-os com força com a mão. Deixei um beijo em seu pescoço para descer até o vale entre os seios. Desci com a língua, querendo afastar aquela blusa e me perder de vez neles.

— Peça... — Fiquei parado, inspirando o seu cheiro, observando sua respiração ofegante, seu peito subindo e descendo sem parar.

— Não. — Rebolou um pouco mais no meu colo e, se eu tivesse força suficiente, daria o que ela queria.

— Então não vou dar o que você quer — falei em tom ameaçador.

— Cala boca. — Deu um pequeno pulo em minha perna e quase gemi.

— Ah, se vou calar... — Estendi a mão, batendo em sua bunda.

Não sabia explicar como nossa relação tinha pulado para aquele nível em tão pouco tempo. Só sentia que a atração era mútua, recíproca e que saberíamos lidar com as consequências depois que tudo acabasse. Eu era um homem adulto com trinta e oito anos, tinha passado daquela fase de namoro e casamento, sobrevivido a uma quase morte e agora desejava aproveitar cada minuto da minha nova vida. Esperava que Daniele, apesar de muito mais jovem, também partilhasse daquela minha linha de pensamento. Eu ao menos esperava que sim.

Beijei sua pele exposta, inalei seu cheiro, ficando perdido naquela mulher, nas sensações que me despertava sem que eu tivesse controle sobre isso. Desci com as mãos pelo seu corpo, tocando-a sem pudor algum. Daniele não me cortava, permitia, aceitando. Seus olhos estavam fechados, os lábios vermelhos pelo beijo e ali desejei-a um pouco mais. Fiz um carinho em sua cintura antes de alcançar o zíper da sua calça jeans, ela deu um pequeno saltinho para trás, mas aceitou a minha invasão. Com um pouco de esforço, encontrei o que eu tanto estava ansiando, a pequena boceta pulsava, molhada e pronta para me receber. Daniele se remexeu ainda mais, soltando um gemido sôfrego e baixo. Não quis falar nada para que aquela bolha que criamos explodisse com as minhas palavras. Passei um dedo por baixo, encontrando a boceta delicada e macia. Fiquei acariciando com a ponta do dedo, testando, em busca de encontrar o seu ponto de prazer. Ela continuava receptiva, quente e aquilo era demais para mim. Fiz uma pequena pressão no clitóris e penetrei-a com cuidado, sem ir muito além.

Senti o quanto era apertada, até que escutei seu murmurar de dor e constatee a pior verdade. Daniele era virgem.

Senti o ar ficar preso nos pulmões. Tratei logo de afastar o dedo a duras penas daquela boceta, e ela pareceu ficar assustada com minha atitude repentina, quebrando todo o clima. Era melhor assim. Em toda minha vida de merda nunca tinha tocado em uma virgem, preferia as mulheres maduras, pois era sujo para me mesclar com a pureza delas. Como água e óleo, que não se misturam.

— É melhor você voltar — disse, acertando sua calcinha e calça no lugar, de repente me sentindo um pouco incomodado com a presença dela.

— Mas... — Suspirou fundo. — Ok.

Ela acabou se afastando. Daniele não disse mais nada, só olhou no fundo dos meus olhos, e vi decepção estampada em seu rosto, tendo em vista minha atitude inesperada. Em passos rápidos, saiu do quarto, batendo a porta com força, deixando-me ali naquela cama, perdido e confuso com o que tinha acontecido.



— O que foi? Tenho te achado tão calada. Aconteceu alguma coisa?

— Hum? — Afastei de lado o celular, que estava em minha mão, para desviar o olhar para ela.

— Aconteceu, ou não? — Cida insistiu em perguntar novamente.

Franzi o cenho confusa, sem entender a que ela se referia, até que assimilei: ao meu comportamento dos últimos dias. É claro que tinha acontecido. Eu só não tinha me atirado nos braços do meu chefe, como o beijei. Quer dizer, foi muito mais que um simples beijo. Rafael tinha me tocado intimamente e me rejeitado logo em seguida. Sua atitude foi infantil e me surpreendeu, porque esperava mais dele.

Rafael era um cubo mágico, difícil de montar, e eu não estava pronta para lidar com ele. Aquela atração que vibrava por dentro do meu corpo tinha se esvaziado tão rápido quanto começara, tanto

que foi fácil encarar seu rosto no dia seguinte. Assim que me encontrou na sala, pronta para começar minha jornada de trabalho, estava blindado, determinado a se manter afastado, e assim fez, evitando minha presença na caradura. Idiota!

Era um dia em que eu o levaria para fazer uma sessão de terapia, como de costume, mas fui pega de surpresa quando vi Miguel passando pela porta da entrada da casa e o levando em seguida. Aquela tinha virado a nossa nova rotina. Rafael já tomava banho sozinho, descia para fazer as refeições com o apoio da muleta e só falava com Cida ou comigo quando era alguma coisa importante, depois se trancava no quarto. Eu ouvia de longe, às vezes até escondida, quando ele falava com seu irmão, o seu gêmeo, que tinha uma bebê linda. Parecia que, quando se tratava deles, Rafael se tornava outro. Sua voz, ao falar nas ligações, era doce, meiga e qualquer um podia jurar que aquele não era o ranzinza e grosseiro que habitava nele.

Como eu mesma me convencia; Rafael era complicado e eu nunca deveria ter aceitado aquele seu beijo tão facilmente. Não me considerava uma mulher atirada, contava nos dedos as bocas que beijara, mas nunca tinha ido tão longe com alguém. Por uma fração de segundos, pensei que perderia a minha virgindade com ele. Com o pior de todos. Agradecia aos céus por no final das contas ele ter parado, cortado aquele fogo que se alastrava entre nós. Minha permanência naquele serviço estava com os dias contados e era melhor que as coisas continuassem assim, pensei.

A regra mais importante: trabalho e prazer não se misturam. Ainda mais se o seu chefe não passa de um completo babaca, egoísta e grosseiro. Lembrete; nem se ele tiver a pegada mais

gostosa e o melhor beijo do mundo. Evite-o! Era o que eu digitava no meu bloco de notas quando fui despertada pela voz de Cida.

— Não — menti, sorrindo de lado. — Está tudo bem.

Ela ficou me olhando, buscando alguma mentira nas minhas palavras, o que seria difícil já que eu sabia muito bem disfarçar as emoções na maioria do tempo. Claro que, quando voltei correndo do quarto de Rafael, quase que por descuido ela me pegou no flagra, mas eu tinha sido mais rápida em me trancar dentro do meu quarto. Só que era óbvio que Cida notara como as coisas tinham mudado drasticamente. Antes de o beijo acontecer, Rafael e eu não parávamos de trocar farpas e isso era de conhecimento geral naquela casa. E tinha que haver um motivo específico para de repente tudo mudar da água para o vinho. Só que ela, e ninguém, deveria saber o que tinha acontecido dentro daquele quarto.

— Sei. — Ficou parada me analisando. — Vou preparar o jantar então — disse, caminhando de volta para a cozinha.

— Okay. — Abri um sorriso de lado e voltei a digitar no celular.

Aproveitei para mandar uma mensagem para minha mãe, que eu não via durante toda a semana. A saudade sempre era gritante, mas vê-la melhor, forte, era meu maior combustível para suportar aquele trabalho pelo menos um pouco mais.

“Com saudades.” Minha mãe tinha respondido.

Suspirei fundo e digitei uma resposta.

“Logo, logo estou aí.”

Fiquei sentada no sofá, com o corpo todo relaxado, trocando mensagens com ela um pouco mais, esperando a hora de conferir se Rafael precisava de alguma coisa. Ele ainda não havia descido do quarto, mas tinha chegado uma pilha de documentos no

apartamento no dia anterior e deduzi que ele estava voltando a trabalhar com alguma coisa, ou talvez não. A verdade é que estava empenhado com o que fosse, e aquilo me deixou intrigada para descobrir do que se tratava. Guardei o celular no bolso da calça e decidi ir para a cozinha, mas a campainha da casa tocou e fui atender. Tinha ordem restrita para ver quem era antes de conceder a entrada, mas daquela vez resolvi não ligar para a regra dos irmãos de Rafael, descobrindo logo em seguida quem era. O vizinho.

— Oi. — Abri metade da porta, colocando apenas o rosto para fora.

Havia cruzado com ele algumas vezes pelo prédio e sempre foi cordial, simpático até demais. O que era estranho, já que eu tinha um pé atrás com tudo.

— Oi. Daniele, estou certo? Sou o Henrique, o vizinho. — Era um homem mais jovem que Rafael fisicamente, alto, cabelos claros, olhos verdes e cheirava a perigo, porque era claro que eu o tinha achado bonito desde o primeiro momento em que o vi.

— Sim. Oi, Henrique. — Tentei sorrir, amigavelmente, com medo de que me pegassem infringindo uma regra. — Você... — deixei em aberto, ficando nervosa.

O que ele queria?

— Desculpe-me. Sei que você está trabalhando neste horário — explicou de forma educada. — É que eu queria te convidar qualquer dia desses para...

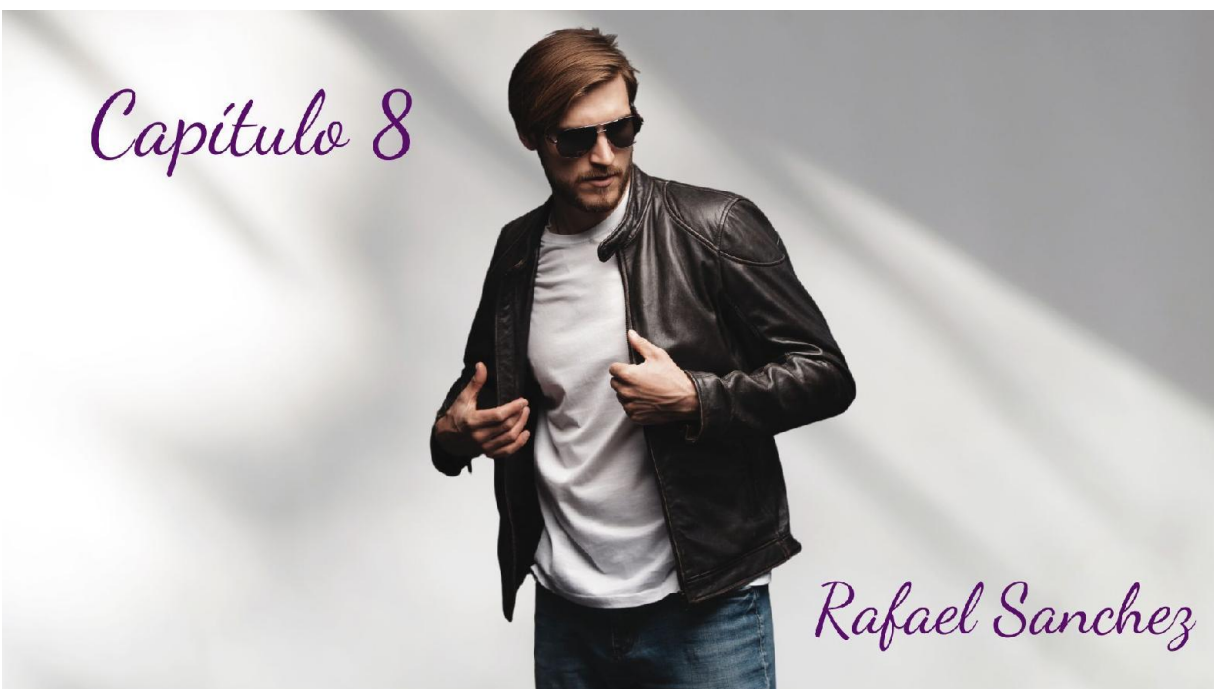
A expectativa me deixou ainda mais eufórica por dentro. Ele estava me chamando para sair, *oh, céus*, mas não terminou de falar, porque uma voz rouca ao pé do meu ouvido me fez saltar para trás, com os pelos da nuca arrepiados. Rafael.

— Ela não vai. Pode dar meia-volta, rapaz.

— Eu vou, sim. — Coloquei a mão no coração, ainda assustada com a forma como ele chegara.

— Não vai, não. É isso, *dá o fora*. Tchau. — Rafael pegou na minha mão livre, afastando-me ainda mais da porta, para fechá-la logo em seguida com força.

E juro que, se Rafael Sanchez não estivesse com aquela maldita muleta como apoio, eu teria voado no rosto dele.



Maldita e perigosa. Eram os nomes que eu dava à minha cuidadora. Daniele não só tinha desobedecido a uma das regras, como estava aceitando cantadas baratas do nosso vizinho. Todos os esforços que eu havia feito para me afastar dela caíram por terra quando acabei agindo por impulso, ao tirá-la da porta, depois de pegar metade da conversa no ar. Eu pouco me importei com aquela minha atitude grosseira, agi feito um animal protegendo a sua fêmea. Não que ela fosse importante ou tivesse algum significado em minha vida, mas, porra, estava em horário de trabalho e havia poucos dias tinha aceitado meu beijo, meu toque.

Ela parecia ter feito pouco-caso, ao contrário de mim que estava perturbado, confuso e me esforçando para não a pegar novamente e acabar com o que tínhamos começado. Era uma merda me sentir como um inválido, além da sua pureza, que fodia tudo. A dura verdade é que eu cada vez mais não conseguia me controlar estando no mesmo ambiente que ela, estava cogitando

demitir-la assim que conseguisse me ver livre daquelas malditas muletas. Meu irmão Miguel pela cidade tornava o caminho mais fácil para tomar aquela decisão. Só que, quando a vi com aquele imprestável na porta da minha casa, mudei de opinião em um estalar.

Naquele dia discutimos sem parar quando fechei a porta, e ela partiu logo em seguida para o quarto, deixando-me sozinho. Foi melhor assim, Daniele precisava de espaço, e eu, de tempo para entender o porquê de ter reagido daquela forma.

Tinha decidido voltar a trabalhar em casa, analisar a contabilidade e gestão de alguns negócios que tínhamos pela cidade. Retomar as antigas atividades me ajudaria a passar o tempo e não pensar naquela maldita que roubava minha atenção. Além do que estava empenhado em averiguar de perto as causas do meu acidente, pôr em prática o meu plano inicial.

Havia grandes indícios de que o responsável pelo meu atentado estava ligado ao pai de Ísis, mulher do meu irmão gêmeo, mas aquela informação não batia e eu precisava averiguar de perto se quisesse descobrir quem queria ferrar com a minha vida. Era hora de parar de mexer com a ilegalidade e trilhar o caminho correto, assim como o meu gêmeo tinha feito desde o começo, mas não faria isso sem antes pôr um ponto-final naquela página da minha vida. Nunca seria como Romeu no fim das contas, mas iria me esforçar para não parar em uma cama de hospital de novo.

Estava em uma sessão de fisioterapia assim como tantas outras que faltavam. Fazia naquela tarde um exercício voltado para o movimento das pernas. Sentia dores na região, sempre que forçava demais para a frente ou dava passos sozinho, mas, com

uma dose certa de esforço e paciência, eu alcançaria o meu objetivo; que no momento era pegar Daniele no colo, encostar na parede e...

— Muito bem, Rafael. Por hoje é só, nos vemos na próxima semana. Parabéns pelos esforços, vejo que está cada vez melhor. Continue assim, que muito em breve irá recuperar todos os movimentos e ter o domínio total nas pernas — disse a minha fisioterapeuta, fazendo com que eu voltasse para a realidade.

Só consegui sorrir de lado, um pouco incomodado pela forma como os meus pensamentos haviam sido desviados em frações de segundos. A médica saiu da sala me deixando ali com Miguel, que me olhava fixamente sentado com o celular.

— Que foi, porra? — perguntei, esticando a mão para pegar uma garrafa com água e dar um gole de uma vez.

— Vai com calma, babaca — respondeu, cruzando os braços no peitoral. — Estava com a cabeça na lua hoje?

— De onde tirou isso? Tá fumando, *caralho*? — Bebi um pouco mais, desviando o olhar para a parede.

— De nenhum lugar. Talvez sua cabeça esteja em uma certa baixinha de cabelos...

Estendi um dedo, pedindo para ele parar de falar.

— Pare de gracinha, porra — rosnei, descartando a garrafa de lado num rompante. — Me ajude aqui.

— Parece que a história está se repetindo. Quem será o próximo? — Caminhou em minha direção, estendeu a mão e me ajudou a levantar.

— Babaca. Você — respondi grosso, querendo socar seu rosto.

— Pode anotar, irmão. O próximo que vai cair é você. Ou melhor, já caiu.

Estava pronto para rebater a sua gracinha, mas decidi ficar quieto. Ele veio me ajudar a me ajeitar, colocando os sapatos, pegando as minhas coisas e com o seu suporte saímos da sala. Fizemos o trajeto para fora do hospital comigo segurando firme em seu ombro, Miguel servindo como uma muleta. Conseguia cada vez mais caminhar sem aquela merda e aos poucos a fraqueza pela quase atrofia nas pernas diminuía, além de estar recuperando o meu antigo peso, assim me sentia um pouco mais vivo, desperto. Chegamos ao estacionamento, Miguel me auxiliou na entrada do carro, acomodando-me para em seguida dar a volta e ocupar o seu lugar. Não trocamos mais nem uma palavra durante o trajeto até em casa e dentro de minutos paramos em frente ao prédio. Ele estacionou e eu fiquei olhando pela janela do carro, quando vi de longe uma cena que me travou, estancado naquele lugar.

Era Daniele e a *porra* do vizinho!

— Rafael? — Miguel me chamou, ao abrir a porta do carro.

— Fala — respondi seco, vi que sua mão estava estendida e aceitei, saindo do carro.

Sem dar tempo para ele fechar a porta, saí dando passos arrastados, com dificuldade até o banco da praça que tinha por ali no condomínio.

— Porra, espera... — Meu irmão veio logo atrás para me dar suporte, e pouco me importei com as dores que persistiam em incomodar.

— Rafael. — Daniele, que estava entretida com aquele merda, levantou-se para vir em minha direção, como se não tivesse visto

Miguel vindo logo em seguida.

— O que você está fazendo aqui com ele? — eu disse o que estava entalado na garganta, querendo uma explicação para aquilo.

— O quê? — Ela parecia indignada, vindo logo em seguida sem som. — Você só pode estar de brincadeira.

— Irmão, deixe a menina em paz. Vamos subir — Miguel interveio, tocando em meu braço, em busca de tentar me tirar dali, e eu me recusei.

— Você está em horário de trabalho — acusei-a porque era o melhor argumento que tinha em mente.

— Sim, mas... — Suspirou fundo, buscando se explicar.

— Rafael. Deixe-a em paz. Vamos subir — Miguel, dessa vez, foi duro. — As pessoas estão começando a olhar, depois vocês resolvem esse problema.

Notei que algumas pessoas tinham parado para ver o que estava acontecendo, resolvi engolir o que tinha para falar e sair com ele. Deixando Daniele com aquele homem que desde que cheguei não tinha dito uma palavra sequer, um frouxo!

— Irmão, você está fodido.

— Que porra!

Tinha que concordar com ele pela primeira vez na vida.



Aceitar o convite do vizinho foi a melhor coisa que eu fiz. A conversa com Henrique foi divertida, suave e me deixou leve, relaxada. Pena que acabou daquela forma, o idiota do meu chefe se metendo com a mesma sutileza de um furacão e destruindo meu estado de espírito com palavras que feriam tanto.

Rafael subiu primeiro para seu apartamento, acompanhado do irmão. Confusa, só consegui me despedir de Henrique, o vizinho, e retornar ao trabalho sem dar uma explicação. No meio do caminho de volta, comecei a colocar para fora as emoções que estavam presas, entaladas, sendo vencida pelas lágrimas que insistiam em escorrer pelos meus olhos. Aos poucos, finalmente, senti o coração bater mais devagar e o corpo tremer cada vez menos.

— Ei, minha querida. Bebe um pouco. Vai te ajudar a ficar mais calma.

— Obrigada, Cida, mas acho impossível que um copo faça esse milagre. — Apesar disso, aceitei a água que ela me oferecia e

bebi devagar.

Estava explodindo por dentro, se pudesse mataria Rafael com a primeira coisa que eu encontrasse pela frente. O meu chefe idiota. Se não bastasse ter me tirado na caradura da porta enquanto o vizinho propunha um convite amigável, Rafael tinha feito uma cena na praça do condomínio, chocando quem estava presente.

Eu não conseguia entender por que ele estava se alterando daquela forma, reagindo de um jeito assustador e que estava me deixando nervosa. Sua atitude só poderia estar ligada àquele beijo que ignoramos, mas, ainda assim, ele não tinha o direito de interferir nas minhas escolhas, precisamente quando eu estava fora de sua casa.

Babaca!

Bebi toda a água e entreguei o copo vazio a Cida, que se prontificou em me socorrer quando me viu entrar pela porta, aos prantos e chorando.

— Pode me explicar o que aconteceu? — Sentou-se ao meu lado no sofá.

— O idiota fez um show — respondi, frustrada. — Só porque me viu conversando com Henrique, o nosso vizinho aqui do lado. Ele só pode ter merda na cabeça para fazer uma coisa dessas. Merda mesmo! — Passei a mão no rosto, fungando.

— Que ele não te escute o chamando assim, menina. Respire fundo e tenha calma. — Balançou a cabeça para o lado. — Vocês precisam conversar e parar com essas discussões bobas que não levam a lugar nenhum.

— Como? — Eu me virei para ela, rindo sem som. — Isso é impossível.

— Não se esqueça de levar em consideração que algumas coisas, para nosso patrão, ainda são difíceis. Veja, ele passou longos anos naquela cama de hospital, o processo de recuperação não é só físico. A cabeça dele não deve ser das melhores.

Tinha que concordar, mas nada poderia anular o tamanho da sua grosseria.

— Eu sei, mas... — Mordi o lábio inferior. — Custava ser mais compreensivo?

— Ele vai aprender a ser, minha querida. O tempo resolve tudo. — Ela se aproximou, tocando em minha mão. — Um pouco de fé e paciência, assim como você teve enquanto cuidava dele. Não se pode desistir antes de tentar, menina.

Cida estava me deixando ainda mais confusa. Suas palavras pareciam levar a um outro sentido, no qual eu me negava a acreditar, não era possível. Ela não pensava que estávamos nos envolvendo, não é? Era bem provável que sim. Um beijo não nos colocava naquele patamar, mas o conflito que nos cercava era iminente. A empregada doméstica se afastou para preparar uma vitamina para Rafael, que estava no quarto. Seu irmão tinha saído havia pouco menos de minutos e eu ainda não me sentia preparada para encarar aquele furacão em pessoa. Resolvi ficar um pouco mais na sala, sentada e pensando sobre o que fazer. Talvez fosse o momento de desistir.

Ainda tinha o medo que me cercava quando pensava em fazer aquilo. Eu me lembrava dos dois outros irmãos de Rafael, que, com um deslize e recusa minha, poderiam colocar a minha vida e a da minha família em perigo. Esse era um dos principais motivos, além do dinheiro que garantia a saúde da minha mãe, que me fazia ficar.

Não era nada fácil, mas eu tinha que ser um pouco mais forte e engolir aquele limão azedo demais.

Os minutos passaram e me assustei quando vi Rafael de pé, no outro lado do sofá, me encarando. Estava com os cabelos molhados, vestindo apenas uma bermuda de moletom, expondo suas tatuagens pelo peitoral e braços.

— Precisamos conversar.

Torci o lábio para o lado, fazendo careta em seguida.

— Tem certeza? Ou vai ficar gritando feito um idiota?

— Sim, Daniele. Eu tenho. Por favor, me acompanhe.

— Não vou. — Ergui o olhar, firme em direção ao seu. — Aqui na sala mesmo.

— Só te peço isso, por favor. — Engoliu em seco, olhando para o lado. — Por favor.

— Dois minutos — cedi me levantando.

— O quê? — não tinha entendido minha resposta.

— É o tempo que você tem até que eu volte para a sala.

— Certo. É o suficiente. — Com o apoio da muleta, ele deu passos contrários, que levaram até o seu quarto no corredor.

Acompanhei-o em silêncio e Rafael abriu a porta. Entrou em seguida, e fiz o mesmo, passando logo depois. Dei uma olhada ao redor do quarto, notando o quanto estava bagunçado, roupas espalhadas e papéis por toda parte. Fixei o olhar em um ponto exato e vi um quadro dele e seu gêmeo. Senti quando sua mão tocou meu ombro, fazendo um breve carinho por cima da blusa.

— Olha, me desculpe pelo que aconteceu mais cedo.

Fechei os olhos, parada, apreciando sua presença potente e tão perto.

— Eu não tinha o direito de te abordar daquela forma. Durante toda a minha vida fui desequilibrado, o mais rebelde entre meus irmãos... — Respirou fundo, apertando ainda mais minha pele. — E agora, quando tento ser uma pessoa diferente, você chega de mansinho e me faz rever todos os meus conceitos, me deixando viciado e sem controle. Querendo te tocar, te beijar e te foder tanto... — Encostou o rosto no meu pescoço, cheirando-o, e me arrepiei por inteiro.

Eu estava ferrada!

— E que se foda tudo. Eu quero você, que seja minha, Daniele.



O primeiro passo para alcançar um objetivo é reconhecer que você vai errar muito no meio do caminho, mas precisa encarar, consertar e continuar em busca até encontrar a sua linha de chegada. Durante toda a minha vida, cometi inúmeras falhas, um inconsequente sem controle, mas com Daniele eu havia feito a pior burrada de todas elas. Reconhecer aquilo havia sido como levar um tapa na cara. Depois que fiz uma cena no prédio do condomínio em que morava, Miguel assumiu o papel de Romeu, colocando-me na linha, e tive que aceitar, ouvindo tudo calado.

Eu tinha errado feio com ela. E tudo era culpa do maldito desejo que sentia pela minha cuidadora, com voz de anjo e dona de uma braveza que me domava. Não foi preciso muito para que ela me tivesse nas mãos. *Eu queria aquela maldita.* Tive muitos casos, namoros de uma semana, mas nenhuma outra mulher tinha tido aquele poder de me deixar descontrolado, parecia que havia sido

enfeitiçado por Daniele desde a primeira vez que meus olhos cruzaram com os seus, tão serenos.

E eu não a deixaria partir. Não enquanto aquele fogo dentro de mim não apagasse.

— E que se foda tudo. Eu quero você, que seja minha, Daniele.

Ela abriu os lábios, chocada com as minhas palavras; aproveitei para puxá-la para os meus braços, agarrando-a com toda força que havia em mim e beijá-la. Daniele não tentou se esquivar ou fugir, beijou-me com paixão, retribuindo com desejo, acompanhando os movimentos da minha boca feroz, que a todo tempo queria devorar a sua. *Maldita!* Sua boca tinha um sabor único, e eu queria tudo. Tudo.

Com a pouca força que havia em minhas pernas, eu nos conduzi até a minha cama, que estava próxima, e no calor do momento minha muleta havia parado em qualquer lugar do quarto. Daniele afastou seus lábios dos meus para me auxiliar, mas não era momento para isso porque naquele minuto ela era a porra da minha mulher, e eu cuidaria de cada pedacinho do seu corpo, com a minha boca e idolatria por ela.

Devorei cada pedacinho da sua boca, bebi seus suspiros, tocando o seu rosto, sentindo o quanto era macia, perdido no seu cheiro natural e marcante, que me embriagava. Parei de beijá-la a duras penas para tocar com a boca em seu pescoço, mordendo com força, marcando aquela pele como minha. Daniele gemeu baixinho, apreciando o meu contato, e desci com esforço para tocar onde eu tanto sonhava nas últimas noites. Com a sua permissão, infiltrei os dedos por baixo da sua blusa e toquei descaradamente em seus

seios cobertos pelo sutiã; ela fechou os olhos, ficando vermelha, e compreendi que ninguém havia tocado ali.

— Me deixe tocá-la, Melek. — Soprei aquelas últimas palavras no idioma turco, controlando o desejo de erguer sua blusa de uma vez e me faltar em seus seios.

Daniele ficou quieta, mas concordou em seguida com um balançar de cabeça.

— Rafael. — Mordeu os lábios, ainda de olhos fechados.

— Sim, sou eu. Me deixe ver seus olhos, Melek. Me deixe ver você se desmanchando em meus braços. — Raspei o nariz em seu pescoço e com cuidado tirei sua blusa pela cabeça, descartando-a de lado, passando a língua nos lábios ao ver um verdadeiro paraíso em minha frente.

Era tão linda e delicada.

Feitos na medida exata para a minha boca, que tinha fome deles.

— Ah, Melek. — Nunca tinha feito aquilo, mas tirei com atenção a peça para ter acesso aos seus mamilos pontudos.

Levei a boca até eles e mamei com força, dividindo-me entre um e outro.

Tratei de direcionar a mão até o zíper da sua calça, abrindo-a para tocar em sua boceta, queria senti-la por completo.

— Oh... Rafael! — Timidamente, tocou com os dedos em meu cabelo, puxando com certa força para trás, e isso despertava ainda mais fome por aquela mulher.

— Eu vou cuidar de você — prometi, deixando uma mordida em um dos bicos, para descer e tirar o resto da sua calça, jogando para fora da cama.

Daniele ficou assustada, mas logo se insinuou em minha direção, com seu olhar felino.

Meu pau pulsava na cueca, babando, como se a qualquer momento fosse gozar só por ver aquela cena; ela tão entregue, cabelos espalhados pela cama e respiração ofegante. A maldita porra de um quadro perfeito.

Busquei uma posição confortável na cama, as minhas pernas reclamaram silenciosamente daqueles movimentos bruscos, mas eu estava determinado a continuar um pouco mais, por ela. Deixei um beijo em seu ventre, para descer até sua calcinha branca, simples e sem detalhes. Cheirei, quase esfregando o rosto ali, e por fim tirei-a de uma vez. Daniele estava molhada demais, sua boceta era a porra da perdição, pequena como a dona era, sem um risco de pelo no caminho. Tratei logo de abrir seus lábios, lambendo toda sua lubrificação que escorria, tocando com os dedos, buscando o ponto exato que lhe dava prazer.

Daniele gemia, puxava meus cabelos, rebolando para o lado.

— Você se toca aqui, Melek? — Apertei o dedo indicador na entrada da sua boceta, buscando espaço para penetrá-la.

— N... Sim. — Pigarreou se engasgando com os gemidos estrangulados.

— Isso é bom. — Passei a língua pelo clitóris, em movimento uníssono. — Mas está proibida de fazer isso. Só eu que vou tocar nesta bucinha, ela agora é minha. Minha para tocar na hora em que eu quiser, beijar e foder, ouviu bem? — Penetrei um dedo devagar, sem machucar ou invadir o que era intocável.

Tinha uma maldita regra para não me envolver com garotas virgens, mas com Daniele eu estava disposto a quebrar, infringir e

ser um inconsequente novamente.

— É minha, Daniele? — Movimentei o dedo para dentro e para fora, deslizando com facilidade pelo líquido que o banhava, continuei a mamar em sua boceta.

— Minha — ela respondeu se contorcendo para os lados, tocando os seios, apertando-os com força, e era porra da cena mais sexy do mundo.

— Não. — Parei com o movimento, torturando-a com a boca. — Diga. Eu quero ouvir.

— Minha, Rafael — quase gritou, perdida na busca do prazer.

— Não, Melek. É minha. Toda minha. — Parei com o jogo e dei continuidade ao ritmo, em busca de fazê-la alcançar o ápice em minha boca.

Porque era questão de tempo até que entendesse a verdade.

Daniele era minha.

— Goze, me dê tudo. Vem. — Com um pouco mais de pressão, eu a vi alcançar, gemendo alto, como se estivéssemos ali sozinhos e nada mais importasse.

Daniele, como uma flor que era, desabrochou em minha boca. Dando a mim muito mais que o seu mel, esperança e um motivo para continuar lutando por um “nós”.



O que eu tinha acabado de fazer?

Aceitar vir para o quarto de Rafael pela segunda vez em um curto período de tempo significava pisar em território inimigo, ia contra todos os meus pensamentos criados em relação a ele, mas pouco me importei com aquilo. Não enquanto me desmanchava em sua boca em mil pedacinhos, apreciando o seu toque tão intimamente em meu corpo. Nenhum outro homem tinha ido tão longe como ele, Rafael tinha esse maldito dom de me fazer ser uma inconsequente como nunca antes, eu permitia coisas que em outro momento nunca deixaria. Ele ainda era o babaca de horas atrás. Só que entre aquelas paredes o homem havia se tornado outro, feroz, paciente e me respeitou em cada toque inesperado e ousado demais.

Seu olhar era outro, ele nunca seria capaz de ultrapassar algum limite sem que tivesse a minha permissão. Seus toques eram centrados, objetivos e tudo aconteceu porque cedi e mesmo indo

contra a minha armadura e determinação em me manter longe daquele cafajeste, entreguei-me no fim à pessoa por quem tinha uma atração inexplicável. Era tão errado no final das contas e talvez eu nunca me perdoasse por fazer aquilo. Ele roubava o meu juízo. Só que naquele exato segundo, após o ápice, eu não conseguia pensar em outra coisa senão continuar naquela bolha.

Bolha de paixão, entrega e prazer.

Meus olhos ainda estavam fechados, a respiração, ofegante, e o coração batia aceleradamente. Não tinha coragem de abri-los e encarar Rafael, que estava por cima do meu corpo, tocando com a ponta dos dedos em meu rosto, ajeitando de forma delicada os fios dos meus cabelos bagunçados para o lado. Puxei uma respiração funda antes de encarar seus olhos, vibrantes e tão azuis. Ele era tão lindo e eu não pude deixar de admirar aquilo, com suas falhas e imperfeições.

— Olha um cabelo branco aqui. — Estendi a mão para tocar em seus cabelos bagunçados para trás, o que o tornava ainda mais sexy e atraente.

— O quê? — pareceu não ter ouvido, pegando a minha mão erguida de imediato e deixando uma mordida nela.

— Rafael — gemi ao sentir seu contato inesperado, afastando-a para bater devagar em seu peitoral exposto. — Eu juro que vi um fio de cabelo bem por aqui... — Tentei novamente tocar, mas ele não permitiu, o que me deixou logo nervosa.

— Espertinha — respondeu, rindo sem som, e, com um pouco de esforço no corpo recentemente recuperado, ele se deitou ao meu lado.

Senti sua respiração funda e tratei de ficar de lado para continuar observando-o.

— Rafael? — arrisquei em chamar. Ele não tinha ficado chateado com o que eu tinha dito, certo? Era bem provável que sim, tendo em vista os anos que havia perdido. Cida, a funcionária que cuidava da casa, tinha frisado um fato importante que eu tentava ignorar; era preciso ter um pouco mais de paciência com ele, que havia passado pela experiência de uma quase morte e anos em coma. — Rafael? — chamei novamente e dessa vez ele me olhou, ficando de lado para me encarar.

— Hum? Diga. — Fixou-se em um ponto exato da minha boca e mordeu os lábios. — Quero ouvir o que você tem a dizer.

— Me desculpa. Olha, eu não queria falar isso...

— Não me importo com o que as pessoas pensam sobre mim, Melek. E isso nunca vai mudar.

— Isso eu já sabia. É nítido para qualquer pessoa, Rafael.

— Só me importo com o que você pensa — disse duro, pegando-me de surpresa, sem tirar o olhar dos meus. — E o que pensa sobre mim?

— Essa é uma pergunta fácil. Você é um babaca, grosso, idiota, ranzinza... — Não me deixou terminar de falar, estendeu a mão para puxar os meus cabelos pela nuca, cobrindo minha boca com os seus lábios.

Ele me beijava como se quisesse me punir, me devorava, apertando a mão em um feixe de fios dos meus cabelos, fazendo com que meu corpo todo entrasse em erupção. Dessa vez eu resolvi tomar a iniciativa partindo para ficar em cima dele, sentando-me em sua cintura, onde tinha acesso direto ao seu pau, que estava *tão*

duro. Toquei com as mãos em seu peitoral, raspando as unhas em sua pele. Ele pareceu gostar, pois parou o beijo e veio atacar o meu pescoço com mordidas. Rafael sugava a minha pele como se pudesse deixá-la ainda mais marcada do que provavelmente estava, escorregando até encontrar a minha boceta, que estava molhada demais, pronta para ser dele, se aquilo fosse realmente possível. Eu estava mesmo cogitando ir tão longe com ele?

— Rafael — gemi sôfrega, sentindo um calor percorrer o meu corpo. — Eu...

— Sim. Eu sei o que quer. Você me quer, sua boceta está implorando para ser fodida pelo meu pau, para ser toda minha. Estou certo, porra? Diz. Eu quero ouvir.

— Uhum. — Não estava com um pingo de vergonha de me esfregar em seu pau, em busca de apagar aquele fogo que crescia em meu ventre, tornando-me uma devassa.

— Eu quero ouvir. — Trouxe sua boca até a minha. Raspando os lábios nos meus, deixou um leve beijo, fazendo uma trilha em direção aos meus seios, onde ficou passando o nariz, arrepiando-me inteira. — Fala, *porra*.

— Me faça mulher. Eu... — respondi convicta daquela minha escolha, olhando fixamente para dentro dos seus olhos. — Quero ser sua.

— Porra, um fodido como eu não te merece. Olha como estou. — Encostou o rosto no vão do meu peito, respirando fundo. — Não posso te dar a primeira vez que você tanto merece, Melek. Com flores, velas e todas aquelas merdas românticas que costumam fazer. Aquele acidente desgraçado me tornou em um quase inválido

e você é uma joia preciosa, pura, eu nunca seria capaz de te corromper com a minha sujeira. É melhor pararmos por aqui...

Sua dor era a minha. Toquei com os dedos em seus cabelos, puxando-os devagar, fazendo com que ele me olhasse fixamente; queria que Rafael enxergasse que eu o queria daquele jeito, não mudaria nada se pudesse.

— Eu te quero assim. Você não é um inválido, e nunca será, Rafael. Aquele acidente não mudou você por completo. Você está vivo, me deixe te fazer sentir.

Ele ficou me encarando, perdido em meio as minhas palavras até que veio ao meu encontro, me beijando novamente e aquela era a sua resposta. Deixei que me tocasse, tomasse tudo em um beijo exigente, desesperador e apaixonante. Afastei um pouco a nossa boca para me ajeitar em seu colo. Com cuidado, tirei o seu short moletom, deixando um beijo delicado em algumas cicatrizes que ele tinha na perna, até descartar de vez aquela peça de lado, para admirar aquele mastro. Rafael era todo potente, forte, viril, seu pau coberto por veias que me faziam salivar, querendo provar, sentir o seu sabor assim como havia feito comigo.

— É tudo seu. Vem aqui, sua safada. Quero ver se está pronta para tomar meu pau.

Concordei com a cabeça, sentindo que tinha ficado ainda mais molhada ouvindo-o murmurar aquelas palavras com sua voz grossa, como um rosnado. Busquei uma posição confortável entre suas pernas e seu pau logo cutucou a minha entrada. Arfei, coração batendo rápido e ansiedade vibrando pelo que iria acontecer.

— Se esfrega devagarinho, com cuidado para não entrar de uma vez. É a sua primeira vez e vai doer *pra caralho*, Melek. Mas

prometo... Eu te juro que será a última vez que sentirá alguma dor em meus braços. Durante o tempo em que você for a minha mulher, eu só quero ouvir da sua boca o som dos seus gemidos enquanto meu pau toma sua boceta, que agora é toda minha, para sempre.

Fechei os olhos, afastando os cabelos, movendo a cintura para trás e parando próximo ao pau de Rafael, que tocava intimamente na entrada da minha boceta exposta, pronta para recebê-lo. Ele começou a instruir os movimentos com a mão direita, passando-o para cima e para baixo naquela direção, me testando, provocando e me deixando ainda mais afoita, fogosa. Rafael não tirava seu olhar do meu, sabia que ele estava se controlando para não ultrapassar, e para acabar com aquela tortura desci de uma vez, enterrando-o em mim por inteiro.

Caralho! A dor me consumiu imediatamente, como se tivesse sido rasgada, partida em duas se possível, e o pau de Rafael era grande demais, tomando tudo, preenchendo-me por completo. Fiquei parada em busca de tentar acomodar aquela potência em mim, a vontade de expulsá-lo de dentro, mas não tinha ido tão longe para parar agora, que tínhamos ultrapassado aquela barreira.

— Porra, Melek. Que boceta quente do *caralho*! — ele murmurou, rouco. — Está doendo? Porra, era para você ter esperado e ir com um pouco mais de calma. — Estendeu a mão para tocar na minha boceta, passando o dedo indicador no meu clitóris, fazendo uma pressão de leve, um carinho suave em círculos, que aos poucos foi diminuindo aquela queimação. — *Hum?*

— Bom... — Não sabia o que responder e tentei me movimentar para trás, para em seguida o seu pau escorregar novamente, alargando-me ainda mais.

Busquei apoio em seu peitoral, e ele logo segurou em minha mão, apertando-a sobre a sua livre.

Rafael continuou me tocando com seu dedo, enquanto eu ditava os movimentos, subindo e descendo aos poucos no seu membro. Com seu estímulo certo, a dor dava lugar a um prazer sublime, anestesiando, fazendo-me aumentar as descidas, e eu rebolava até onde aguentava receber aquele mastro. Ele me trouxe para mais perto, abraçando-me pela cintura, para começar a se mover em minha direção; daquela forma eu o sentia ainda mais fundo, tomando tudo, e comecei a gemer alto, apreciando o rumo que aquele momento seguia.

Rafael se afastou um pouco para pegar o bico do meu seio com a boca, deixando uma mordida antes de começar a mamar nele, revezando-se entre um e outro. Eu não parava de rebolar em seu pau, e ele se mexia me fodendo mesmo com os movimentos limitados, o que me levava à beira do precipício; como se eu fosse explodir a qualquer momento. A sensação era inexplicável, descomunal e eu sentia que pertencia a ele para sempre.

— Gostosa do *caralho*. Você é minha, Daniele. A porra *da minha mulher*. E essa boceta agora é completamente minha. — Deu uma palmada na minha bunda. Estocando, ele se esforçava ao extremo para me dar prazer, me fodendo por baixo. — Vou te encher todinha, vou te marcar selando a verdade que você tanto negava.

Não sabia o que falar, estava alcançando o ápice, gemendo tão alto que provavelmente qualquer pessoa fora daquelas paredes já havia ouvido.

— Ah... Rafael!

— Mais alto! Goze, porra — rosnou, batendo novamente na minha bunda.

Impulsionou com mais força, e explodi em seguida, gozando.

Rafael tapou a minha boca, beijando-me, e senti quando seu líquido quente me preencheu.

E eu senti naquele momento que era verdade. Eu era dele.



Aquela tinha sido a melhor noite de toda a minha vida. Não somente a primeira vez de Daniele, mas a minha também, onde consegui me sentir vivo e homem outra vez. Ela era uma flor delicada por baixo daquela marra e, como toda mulher, deveria ter tido uma primeira vez de princesa, com tudo que merecia, mas nas condições em que me encontrava não conseguia lhe dar aquilo.

As minhas pernas ainda eram um grande problema, mesmo com o enorme avanço nas sessões de terapia. No entanto, Daniele pareceu não se importar em conduzir o ato sozinha com a sua pouca experiência sexual, tomando tudo de mim e se entregando verdadeiramente, sem reservas. E eu apreciei, tocando-a, me perdendo dentro daquela boceta que era um paraíso, o meu novo lugar favorito.

Quando alcançamos o ápice juntos, foi um verdadeiro mar de emoção e, quando abri os olhos, encontrando os seus, senti um aperto no coração, sabia lá no fundo que não poderia deixá-la partir.

Para continuar me sentindo vivo, eu precisava de Daniele ao meu lado. Havia sido ela a me dar um motivo, uma direção para dar continuidade àquela minha fodida vida de merda. Ela tinha todos os motivos para me deixar a qualquer segundo, para procurar uma pessoa melhor, mas eu me certificaria de mantê-la em meus braços, presa entre eles, e fazer com que me visse além de todas aquelas imperfeições que havia em mim por dentro e por fora.

Daniele não disse uma palavra, apenas caiu ao meu lado na cama e aos poucos foi adormecendo com o carinho que eu fazia em seu rosto tão belo, macio. Foi difícil me levantar, ainda estava abalado demais com o que tinha acontecido naquela cama, mas precisei assumir as rédeas da situação.

Fui até o banheiro e tomei uma ducha rápida, voltando para o quarto em seguida e a encontrando ainda adormecida. Aproveitei para limpar os vestígios do sexo ainda em seu corpo com uma toalha molhada, tendo todo cuidado e atenção. Por fim, deixei-a dormindo. Vestindo apenas uma calça moletom, saí do quarto para ir até a cozinha. A empregada doméstica ainda estava por lá preparando o jantar e não troquei nenhuma palavra com ela, peguei apenas uma garrafa com água na geladeira e copo, levando-os para o quarto.

A noite foi intensa e era a primeira vez que uma mulher dormia em minha cama. Não consegui voltar a deitar ao lado de Daniele, que dormia serena, como o verdadeiro anjo que era. Fiquei sentado em uma poltrona que tinha no meu quarto, admirando-a até que as horas passaram e acabei sendo vencido pelo cansaço, aceitando miseravelmente me deitar do seu lado na cama.

Sem que percebesse a minha presença, Daniele se aconchegou de mansinho perto do meu corpo e dormimos abraçados, com o meu rosto encostado em seus cabelos. E pela primeira vez em anos dormi bem, sem pesadelos para me atormentar.



Tinha acordado havia alguns minutos com o meu celular vibrando na cômoda, era uma mensagem de Eziel, o meu irmão mais novo. E ainda não tinha me levantado, porque estava preso observando Daniele deitada do meu lado. Acabei abrindo um sorriso de lado, para me aproximar dela e beijar sua testa. Deveria estar muito cansada por dormir daquele tanto e não era só pelo que tínhamos vivido juntos. Seu trabalho era intenso e, pelo que me foi informado, durante todos aqueles anos ela havia estado ao meu lado, sendo muito mais que a minha cuidadora.

— Melek, vamos acordar... — murmurei, passando o nariz em sua bochecha. — Deixe de ser tão dorminhoca. Vamos, hm, me deixe ver seus olhos.

— O que significa essa palavra que tanto fala? — Eles se abriram e ela sorriu de lado.

— Estava acordada, espertinha. Me enganou. — Franzi o cenho, admirado com o quanto ela me desdobrava em dois.

— Hm, não. Faz apenas alguns segundinhos que acordei. — Deu um risinho, seus olhos se fechando, daquela forma ela ficou ainda mais linda e *minha*.

— Sei, quanto tempo então? — perguntei, estendendo a mão para tocar seu rosto, arrumando o seu cabelo.

— Tempo suficiente para ficar observando as batidas do seu coração, sua respiração suave... Mas você não respondeu a minha pergunta.

— Essa palavra quer dizer anjo. Em uma das minhas viagens a negócios com meu irmão Miguel, acabei aprendendo a falar algumas coisas em turco. E, bom, você é o meu Melek... — respondi.

— Oh, minha nossa. Que lindo. — Abriu a boca, espantada com a minha resposta.

— Agora que respondi, posso ganhar um beijo de bom-dia?

— Sim, Rafael. Todos. Mas só porque você foi bonzinho em me responder.

— Tudo que você quiser, Melek. — Puxei-a pela cintura, unindo nossos lábios, beijando-a.

Ela retribuiu na mesma intensidade, envolvendo os braços ao redor do meu pescoço, sedenta por mais, e facilmente iria me acostumar com sua entrega.

Daniele era assim, ela se rendia, não tinha reservas ou vergonha. Como se fosse feita sob medida para mim, como se sempre nos pertencêssemos, o nosso destino. Beije-a mais um pouco até que parei com selinhos suaves, para me dedicar e abraçá-la apertado, fungando o seu perfume, que havia se tornado o meu vício.

— Você... — Fiquei incerto nas minhas palavras pela primeira vez, sendo um covarde.

Tinha medo da sua resposta.

— O quê?

— Foi bom para você? — arrisquei-me em perguntar, queria ouvir a sua resposta.

Aquilo havia me deixado ansioso, nervoso, coração batendo acelerado.

— Bom? — Acabou rindo, deixando-me ainda mais apreensivo.

— Foi perfeito. Eu não mudaria nada, Rafael. E, se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo.

Suas palavras encheram o meu coração de esperança.

— Tudo de novo? — Sorri largo, fitando os seus lábios, querendo beijá-la.

— Uhum. — Notou meu olhar, mordendo o lábio inferior para me ativar.

— Vem aqui, me deixe te dar um *bom-dia de princesa*. — Peguei duas almofadas, colocando-as atrás da minha cabeça como suporte. — Vem. — Ela parecia não entender o meu convite cheio de más intenções. — Traga essa boceta, eu quero me fartar nela, tomar o meu leite direto da sua fonte.

Ficou visivelmente corada, mas engatinhou até onde eu estava, ajeitando o corpo para me dar acesso a sua boceta, que já tinha um rastro de lubrificação. Daniele se sentou em meu rosto com cuidado, segurei em sua cintura, apertando com a mão livre sua bunda, para apalpá-la com força em seguida. Ela soltou um gemido e aproveitei para cair com a boca no seu monte, passando a língua pelos lábios carnudos, mamando naquela boceta que era toda minha, para sempre.

Eu me dediquei a fodê-la com a boca, fazendo movimentos circulares, testando os pontos da sua intimidade que a deixavam

ainda mais excitada, afoita. Daniele, rebolava, puxava os meus cabelos, e eu aceitava de bom grado, mamando seu mel, perdido naquela boceta quente, vermelhinha, apertada demais e que meu pau estava doido para foder. Aproveitei para penetrar um dedo, Daniele apreciou, rebolando suavemente nele, e aquilo era uma tentação. Eu estava à beira de mandar a porra do meu controle para o espaço e fodê-la de vez. Não parava de chupá-la, penetrando o dedo com força; fiz certa pressão até que a vi se desmanchar novamente em minha boca, dando-me seu prazer e seu mel.

— RAFAEL!

— Isso, assim. Me dê tudo, porque eu quero tudo. Gostosa da *porra*. — Lambi, devorando seu orgasmo como se fosse o melhor uísque do mundo, fechando os olhos, querendo ficar para sempre ali com ela em meus braços, sendo minha.

— Rafael, hm... — gemeu, sôfrega e caindo para trás. Afastei a boca e ajudei-a a se deitar na cama, pousando seu corpo ao meu lado. Meu pau estava tão duro, à beira de gozar com um único toque. — Você...

— Seu prazer é o meu. — Peguei sua mão e deixei um beijo nos nós dos seus dedos. — Vou tomar um banho gelado, pode continuar deitada.

— Eu quero, Rafael.

— Me quer?

— Muito. Vamos tentar... — Ela veio por cima novamente, tirando a minha calça, meu pau duro pulando para fora, e Daniele tratou de pegar, tocando-o, apertando.

— Eu quero tentar, Daniele. É a minha vez de dar prazer a minha mulher. — Toquei com a mão em seu rosto, para deixar outro

beijo suave em seus lábios. — Fique de quatro na beirada da cama, deixe essa bocetinha bem aberta para mim, Melek. Agora — falei em um rosnado, querendo possuí-la de vez.

Daniele me obedeceu sem reservas, ajeitando-se sobre o colchão, pronta para me receber. Saí da cama com um pouco de esforço, indo ao seu encontro.

Fiquei por trás do seu corpo, perdido naquela visão, inclinando os braços para trazer sua cintura para perto, meu pau roçando em sua boceta e a penetrei em um tranco firme. Gememos juntos e a mantive presa em mim, movendo a cintura em sua direção, dando estocadas fundas, com força. Era uma sensação indescritível estar no controle, dominando-a, selando ainda mais nossa união. Não iria aguentar por muito tempo, por isso aumentei as estocadas, a boceta de Daniele me sugando, apertando o meu pau em seu canal, e estendi a mão direita para tocar em seu clitóris, estimulando-a com a ponta do dedo indicador.

— Ah, *caralho*. Vou te encher, Melek. Você é a porra da minha mulher, minha. — Dei uma última estocada, esporrando dentro dela, gemendo rouco sem tirar o meu dedo da pressão que fazia na boceta dela, Daniele me acompanhou, gozando.

— *Porra* — disse alto, ofegante demais, e meu dedo não dava trégua.

Eu queria tudo.

— Goze. Eu quero tudo, porra. Tudo. — Meu pau parou de pulsar, saí todo para fora e voltei em seguida sem dó, deixando uma mordida no pescoço dela com força.

— AAAH! RAFAEL — gemeu ainda mais alto, gozando, molhando o meu pau, e com cuidado deixei seu corpo cair na cama,

acompanhando-a por cima.

— Minha.



Voltar para casa era sempre bom, reconfortante e me fazia apreciar aquele momento como único, especial, como se ele fosse o último da minha vida.

Era sábado, acordei mais cedo que o normal para arrumar as minhas coisas na mochila. Eu me despedi de Rafael com um beijo demorado e ele estava dormindo tão pesado que mal notou quando saí dos seus braços, não querendo acordar. Quando despertasse, saberia onde eu estava, porque aquele era o combinado desde que decidi ficar com ele no apartamento. Meus finais de semana eram todos com a minha família e disso eu nunca abriria mão.

Tomei um banho no banheiro do meu quarto, vesti qualquer roupa simples que encontrei pela frente, bagunçada no meio de tantas peças, e fui pegar o primeiro ônibus na linha para ir embora o mais rápido possível. Queria colo de mãe, o afago que ela tinha em busca de amenizar o turbilhão de sentimentos confusos que faziam morada em meu coração.

Desde a primeira noite nos braços de Rafael, as coisas mudaram da água para o vinho. Passei os últimos dias na sua cama, sendo invadida pelo furacão que era aquele homem, agraciada pelos seus beijos, sua boca, ele me tomando por baixo, por cima, céus; ao lembrar senti o rosto queimar, a vergonha por constatar que eu tinha me tornado uma verdadeira devassa sem limites em seus braços. Bastava que Rafael me tocasse para que eu me entregasse ao prazer sublime, o fogo se alastrando, querendo ser cada vez mais dele, as almas se pertencendo uma à outra. Escapava da sua cama para fazermos as refeições juntos e o babaca não disfarçava o que estava acontecendo, me tocava, dava pequenos beijos no topo da minha cabeça, sem temor ou receio. Deixava claro o que estava acontecendo para os olhares curiosos de Cida, que observava tudo calada, mas seu olhar entregava que estava feliz.

E eu não sabia o que havíamos nos tornado.

Nossas conversas eram artificiais, assuntos paralelos e aleatórios demais. Rafael era calado, evitava falar muito sobre como se sentia, principalmente em relação a sua vida antes de aquele acidente lhe roubar anos, não me dava espaço para o conhecer além do que mostrava. Eu tinha curiosidade para saber mais sobre ele, o que realmente fazia e era, porque, mesmo estando tanto tempo parado naquela cama, em coma, era um homem rico e cheio de posses, assim como seus irmãos. A sua verdadeira face era um completo mistério e isso tinha tirado o meu sono na última semana, porque não sabia onde estava entrando, me jogando, e os danos poderiam ser irreversíveis.

Aproveitei que ficaria dois dias longe dele para colocar a cabeça enfim no lugar, entender o que tinha acontecido entre nós.

A verdade dura é que toda vez que pensava nele o meu coração se apertava, como se estivéssemos ligados, indo muito além do sexo que aconteceu naquele quarto. A nossa conexão era real e explosiva, indo contra os meus conceitos, provando que sim, eu estava me apaixonando por ele. Talvez esse sentimento sempre estivesse ali e eu o tenha ignorado, mesclado com a raiva que tinha do seu jeito grosseiro, que me amedrontava. Talvez tenha criado aquele sentimento enquanto cuidava dele, preocupada com o seu bem-estar, torcendo para que abrisse os olhos e voltasse a viver, e floresceu, criando raízes quando tudo explodiu, tornando-nos em um só.

Ah, acorda, Daniele! Coloquei as mãos na cabeça, quase puxando os fios dos cabelos. Fazia uma hora que tinha chegado em casa, minha mãe estava na cozinha preparando o café da manhã. Meus dois irmãos, despertos, jogavam videogame e me ignoravam enquanto eu, pensando como sempre alto demais, permanecia sentada naquele sofá.

— Filha — a minha mãe me chamou e tratei de me levantar. — Pode vir aqui um segundo?

— Claro, mamãe. — Passei no meio dos meninos para ir até ela, minha mãe estava visivelmente bem, saudável, e aquilo fazia o meu coração explodir de felicidade. — Do que precisa, dona Deborah?

— Sente-se, por favor — pediu, puxando a cadeira da mesa para se sentar, e acompanhei-a também. — Estou te achando tão

quietinha desde que chegou. Aconteceu alguma coisa no trabalho que você não quis contar?

— Posso ser sincera? — murmurei, tirando o celular do bolso da calça para colocar em cima da mesa. — O meu problema é bem maior do que a senhora pode imaginar, mamãe.

— Oh, meu Deus. — Ficou assustada, colocou a mão no coração.

— Mamãe, calma. Não é nada disso do que está pensando. — Suspirei fundo, tentando tranquilizá-la. — Está tudo bem. Eu apenas fui parar nos braços do meu chefe — falei baixo, mordendo o lábio e com vergonha da minha declaração.

— O quê? Minha filha, o que você fez, Daniele? Me conta essa história direito.

— É isso que a senhora escutou, mamãe. E o problema é que eu acho que estou apaixonada por ele, eu acho... Não sei. — Balancei a cabeça para os lados. — Penso que esse sentimento sempre esteve no meu coração e agora explodiu. O pior é que não sei o que fazer.

— Oh, minha filha. — Estendeu a mão para tocar na minha, fazendo um carinho. — O amor às vezes pode ser complicado. Nunca consegui entender esse seu trabalho, mas sei que vai saber o que fazer quando o momento certo chegar. É uma menina preciosa, de ouro, e espero muito que esse rapaz reconheça o seu valor, que te faça a mulher mais feliz do mundo — disse, e dei um sorriso largo.

— Eu... espero que a senhora esteja certa, mamãe. Um coração partido é tudo que eu não quero para a minha vida. — Fechei os olhos, apertando-os com força.

— Vou estar aqui para te ajudar a juntar todos eles. Nunca se esqueça disso, eu sempre vou estar aqui, nesta mesma casinha esperando por você.

— Ah, mamãe. — Abri os olhos, levantando-me para abraçá-la apertado. — Te amo.

— Te amo, minha menina. — Afagou minhas costas, retribuindo o abraço. — Agora estou curiosa para conhecer esse rapaz, pode me mostrar uma foto dele?

— Mamãe, eu acho que ele já passou da idade de ser chamado de rapaz. — Ri e me afastei para voltar a me sentar. Em seguida peguei o meu celular, abrindo o aplicativo de mensagem para buscar no contato dele, clicando na foto do seu perfil. — Aqui.

Entreguei a ela o aparelho, minha mãe aceitou, fitou-o atenta e logo sorriu.

— Ele é muito bonito... Eu diria que só um pouco mais velho, mas para o amor isso é apenas um mero detalhe — e me entregou de volta o celular. — Traga esse moço qualquer dia aqui na nossa casa, quero conhecê-lo e preparar um jantar para vocês dois.

— Prometo tentar. — Fiquei mexendo no celular até que vi na barra de notificações uma mensagem, abri um sorriso largo.

“Melek, volte. Estou sentindo saudades.”

Meu coração se apertou, respondi em seguida.

“Sabe onde me encontrar.”

Logo visualizou e respondeu.

“Me espere, estou chegando.”

— Que sorriso mais lindo — disse a minha mãe, também sorrindo. — O amor é lindo.

— Imperfeito — completei.

— Esse é o mais verdadeiro que existe.

Fiquei olhando para o celular sem saber o que responder, sentindo o coração bater mais rápido, acelerado. Ele seria capaz mesmo de vir? eu me perguntei.



Eu era péssimo em cumprir promessas, falhava miseravelmente.

Acordar e constatar que Daniele não estava do meu lado na cama havia sido assustador, sufocante, eu queria aquela mulher e pela primeira vez na vida estava apreciando momentos como aquele com ela. Poderia virar rotina acordar e tê-la em meus braços, que eu não iria reclamar nem um pouco, mas a danada escapou me deixando na mão naquele final de semana para ficar com a sua família. Ficar sozinho não era uma tarefa difícil, aos poucos me acostumava e dependia cada vez menos da minha cuidadora, mas a manteria naquele serviço mais um pouco.

Não estava pronto para deixá-la ir. Em nenhum segundo passava pela minha cabeça cogitar isso, mas o medo de quando esse dia finalmente chegasse roubava todo o meu fôlego, como se não soubesse viver mais sem ela. Daniele tinha todos os motivos para me abandonar, tocar a sua vida quando eu não tinha nada

além de dinheiro para lhe oferecer. O que eu tinha era aquela parte que ela conhecia, um homem marcado por dentro e por fora de muitas formas, atormentado pelos erros do passado que sempre me acompanhariam, pelo resto da minha vida. Não era um amante carinhoso, nunca lhe daria flores ou me lembraria do seu aniversário. Sabia que quando estava com ela uma nova versão se fazia presente em minhas atitudes, demonstrações de afeto, afinal Daniele tinha aquele poder sobre mim, mas eu duvidava muito de que fosse capaz de amá-la um dia; não era possível nascer aquele sentimento em mim quando nunca o senti antes, nem pelos meus irmãos.

Resolvi reprimir aquelas incertezas, dúvidas e viver o presente sem reservas. Tinha ganhado da vida uma segunda chance e a honraria em cada minuto vivido.

Passei o final de semana trancado no quarto, sentado em frente ao computador analisando alguns documentos enviados pelo meu irmão Gabriel, aquela era a desculpa perfeita para não largar tudo e encontrar-me com a Daniele. Havia prometido a ela quando trocamos mensagens, mas sabia que não era capaz de dar aquele passo. Não voltei a lhe responder, deixando-a respirar um pouco, porque sabia que de alguma forma, assim como eu, ela estava confusa com o que tinha acontecido nos dias que passamos juntos na nossa bolha de prazer.

A semana tinha começado, estava empenhado em voltar à sede da casa onde os meus irmãos moravam, era a hora de voltar a trabalhar, ser o que era antes, mesmo que ainda estivesse um pouco limitado a algumas atividades.

Acordei cedo, tomei um banho demorado, indo em seguida procurar uma roupa social no guarda-roupa. Aos poucos deixava de fazer uso da muleta para caminhar, com as sessões intensivas de fisioterapia semanalmente, as minhas pernas ganharam gás e resistência para suportar todo o processo.

Eu me arrumei e antes de sair decidi ver se a Daniele já tinha chegado do final de semana com a mãe, a ansiedade me sufocava para ver o meu anjo.

Tudo estava muito silencioso quando saí do quarto, mas ao chegar à sala escutei seu riso baixinho e o cheiro de café fresco no ar.

— Bom dia. — Passei pela porta da cozinha, cumprimentando-as.

Daniele estava sentada na cadeira do balcão, Cida preparava o seu prato com café. As duas viraram a cabeça e eu tratei de abrir um sorriso torto e sem graça.

— Bom dia, senhor Rafael. Acordou cedo. Aceita uma xícara de café? Leite? Acabei de tirar do forno um bolo de milho quentinho, sei que é o seu favorito — disse Cida, terminando de servir Daniele e virando as costas para pegar o bule com o leite.

— Não — respondi, seco, cruzando os braços.

Daniele parecia me ignorar enquanto cortava um pequeno pedaço de bolo e levava até a boca, mordendo.

— Café? — a mulher insistiu e precisei respirar fundo para não ser grosseiro e responder mal.

A rejeição de Daniele logo cedo me desequilibrava.

— Depois. Obrigado. — Tratei de encerrar logo aquilo. — Daniele? Podemos conversar? — murmurei, esperançoso de que

ela me desse uma chance.

— Pode ser depois? — Não se dava ao trabalho de me olhar nos olhos, continuava comendo como se eu não estivesse a poucos centímetros dela. — Só terminar o meu café...

— Agora. Eu preciso sair dentro de dois minutos, mas antes quero falar com você.

— Hm, é importante? — disse com desdém e eu queria, se estivéssemos sozinhos, dar umas palmadas em sua bunda por estar agindo daquela forma sem motivo algum.

— Sim, por favor.

— Ok. — Terminou de mastigar, bebeu um pouco do café antes de limpar a boca e se levantar da cadeira. — Cida, volto daqui a pouco. — A mulher murmurou em concordância e saí da cozinha com Daniele, levando-a até o meu quarto. — O que você quer tanto falar, Rafael? — perguntou quando entramos no cômodo e fechei a porta, trancando-a com a chave. — Rafael — chamou, cruzando os braços.

— O que eu quero? Porra, eu quero você. — Eu me aproximei, ficando em sua frente e encostando o seu corpo na porta. — Não gosto quando me rejeita assim, quando se afasta e faz esse bico que me dá vontade de te beijar, foder...

— Você me deixa confusa, seu babaca... — Respirou fundo, baixando a guarda. — Eu esperei por você, sabia? — Ela me cutucou com a ponta do dedo e peguei, beijando.

— Me desculpa. — Passei as mãos ao redor da sua cintura, abraçando-a. — Juro que se pudesse eu teria ido naquele mesmo segundo, mas os meus irmãos chegaram aqui logo mais e tive que dar atenção, você sabe como eles são.

— Sou menos importante? — sussurrou e percebi que estava magoada.

— O quê? Não, porra. — Beijei sua testa várias vezes. — Você é o caralho do meu centro, está aqui. — Peguei sua mão, fazendo-a tocar na minha cabeça. — Aqui. — Fiz descer até o meu coração, que batia acelerado. — E aqui, Melek. — Continuei conduzindo-a até o meu pau, e mesmo coberta pela calça era visível a ereção que pulsava por ela.

— Rafael. — Aproveitou para apertar meu membro com força, pressionando a cabeça, que babava, e gemi rouco com seu toque. — Você me paga. Nunca mais faça uma promessa, entendeu? Só quando for homem suficiente para cumprir com ela.

— Sim, eu prometo com todo o meu coração. — Levei a mão até sua nuca, puxando os fios do seu cabelo, trazendo sua boca até a minha. — Agora vou te fazer uma outra promessa, e essa eu vou cumprir. Quer ouvir, hm? Eu vou foder sua bocetinha, te fazer gozar no meu pau, te deixar toda marcada até que eu volte.

— Ah... não — disse, me provocando e mordi a ponta do seu lábio inferior.

— Sim, Melek. Você me quer, seu corpo me deseja e essa boceta está pingando. Se tivesse um pouco mais de tempo, eu me abaixava e passaria o dia todo mamando, tomando o seu mel, que é o meu sabor favorito, da *minha mulher*. — Virei seu corpo de costas para mim, imprensando-a na porta, e desci com as mãos para alcançar o zíper da sua calça, descendo a peça às pressas.

— Promessas e mais promessas. Faça — provocou, rebolando a sua bunda em direção ao meu pau.

Desci o zíper da minha calça social, tirando-o para fora, estava duro, louco para entrar no paraíso de fogo que era estar dentro da sua boceta.

— Tente não gritar, Melek — soprei as palavras perto do seu ouvido, com os dedos afastando sua calcinha para o lado. Sua boceta estava molhada demais e fiz um carinho na entrada, penetrando um dedo devagar, fazendo círculos. — Gostosa, minha.

Continuaria fodendo-a com o dedo se o tempo estivesse ao nosso favor, mas estava com saudade daquela mulher, precisava senti-la de vez. E Daniele partilhava desse sentimento, soltava gemidos baixinhos e rebolava com a cintura sem parar em minha direção.

Tirei o dedo para substituir pelo meu pau, penetrando-a com cuidado, lentamente, apreciando o calor descomunal que era estar dentro dela, da minha mulher. A bocetinha me apertava, sugava e quase não me contive, começando a investir com força, indo até o fundo, queria me perder nela, tomar tudo para mim.

Infiltrei as mãos por baixo da sua blusa, em busca de pegar seus seios. Afastei o sutiã para dar atenção àquela minha outra parte favorita do seu corpo, eram durinhos e os bicos pontudos me davam água na boca.

— Caralho de mulher gostosa. Nunca vou me fartar de comer essa bocetinha. Minha. Minha. — Dei uma sequência de estocadas com força, roubando o fôlego de Daniele, que começou a gemer alto.

Ela buscava apoio com as mãos na porta para não escorregar, mas eu a mantinha firme, nunca a deixaria escapar dos meus

braços. Outra promessa que fiz silenciosamente sem que ninguém soubesse.

Apertava o bico de seus mamilos com os dedos, metendo sem parar na sua boceta, estava à beira de gozar, delirando com o aperto que ela fazia ao redor do meu pau. Com a mão livre dei uma palmada na sua bunda para levar até sua boceta, tocar com o dedo seu ponto de prazer, durinho, e comecei a masturbar sem dó. Socava todo o meu pau nela, os corpos em sintonia, suados, famintos e vibrando.

— Me dê o seu prazer, molha o meu pau, Melek. Marca ele, goze. — Apalpei de novo sua bunda, tocando no ponto que a deixava ainda mais quente, sua boceta pingando, mantendo o ritmo das estocadas, desesperado e com mais força.

— SIM. RAFAEL! — Ela se sacudiu toda, gozando, e acompanhei, fodendo até o talo, enchendo sua boceta com a minha porra.

Gemi, encostando meu rosto no seu ombro, cheirando a sua pele molhada, macia, *porra*, eu nunca a deixaria partir.

— Agora sim, bom dia, Melek. — Tirei meu pau da sua boceta, segurando o seu corpo para não cair, e abracei-a com carinho, afagando suas costas com a mão. — Me espere. Nós ainda não acabamos, te quero na minha cama hoje, peladinha. Eu quero comer a sua boceta com a boca, ouviu bem? — Levei a mão até sua calcinha, colocando-a no lugar. — Assim, bem melhor. — Virei Daniele para mim e tomei seus lábios em um beijo apaixonado, rendido, sentindo naquele instante que o inevitável iria acontecer sem que eu tivesse o maldito controle para impedir.

Sim, eu poderia me apaixonar por aquela mulher que tinha voz de anjo.



A minha vida havia dado um outro salto inesperado.

Os dias passaram tão rápido e era como se eu estivesse sendo atropelada por eles. Algumas coisas faziam sentido, outras ainda eram confusas demais e a única certeza que eu tinha era de que estava completamente entregue e apaixonada. Era impossível fugir daquele sentimento toda vez que eu olhava para Rafael, quando admirava o seu sorriso contido, reservado e o meu coração se apertava instantaneamente. Havia aprendido a amá-lo com todas suas imperfeições.

Nossa relação durante o mês anterior havia progredido de uma forma que eu me sentia como se fosse parte dele. Rafael gostava de declarar aos quatro cantos que eu era a sua mulher, não tinha receio de demonstrar carinho quando alguém nos flagrava juntos, ele com o seu jeito complicado e falho fazia com que eu me sentisse única.

E eu sabia que era única. Quando me abraçava, sussurrava palavras carinhosas ou obscenas ao pé do meu ouvido, eu sentia que aquilo era real. Mantinha a esperança de que em algum momento aquele sentimento que nasceu em mim fosse recíproco, que ele sentisse o mesmo, mas duvidava muito daquilo. Rafael ainda era um poço de mistério e nas últimas semanas estava ausente. Agora que estava inteiramente recuperado, tinha voltado de vez ao trabalho. Eu ficava com Cida no apartamento o dia todo, sem ter muita coisa para fazer; aproveitava o tempo livre buscando uma nova opção de trabalho, já que era nítido que a minha serventia naquele apartamento havia acabado. Ainda não tinha parado para conversar com o Rafael sobre esse assunto, mas nem pensar naquilo me impedia de colocar todos os dias novos currículos e em hospitais principalmente.

A minha mãe ainda aguardava o momento em que conheceria o dono do meu coração, mas esse dia nunca chegava. Isso me angustiava e era o que me deixava aflita todos os fins de semana quando me dedicava a aproveitar cada segundo com ela e os meus irmãos. Tempo ao tempo. Era o que mantinha acesa a chama da minha esperança de que no momento certo as coisas iriam se encaixar como um ímã.

Acordei naquela manhã de sábado e vi que Rafael tinha se levantado, o seu lado da cama estava bagunçado. Fiz uma careta, pegando sua almofada para cheirar o seu perfume, que eu amava com todo meu coração. Não havia uma noite em que não dormíssemos juntos, e eu tinha me habituado com a nossa rotina.

Naquele final de semana, eu não iria visitar minha mãe como de costume, porque haveria um almoço na casa dos irmãos de

Rafael em comemoração ao aniversário de Gabriel, que mesmo relutante aceitara ir.

Para o meu namorado, algumas coisas ainda eram difíceis, eu percebia o quanto se sentia abalado pelo fato de que o seu gêmeo não participaria daquilo; era o lado rejeitado, excluído da família e eu me perguntava o verdadeiro motivo de fazerem isso com um deles, sangue do sangue.

Afastei as cobertas para me levantar, peguei uma blusa de Rafael que estava jogada no chão, vestindo-a para cobrir a nudez deixada pela noite anterior. Ele era insaciável — nós éramos, para falar a verdade — e isso parecia se multiplicar cada vez mais, um desejo desenfreado, alucinante.

Fui caminhando até o banheiro para fazer a higiene matinal, senti um gosto amargo na boca e tratei logo de ignorar. Tomei um banho demorado, lavando os cabelos, e quando saí fui vestir uma roupa que havia separado para o almoço; era um vestido longo e de estampa floral.

Enquanto arrumava os cabelos, senti um aperto estranho no peito.

— Melek. Bom dia — era a voz de Rafael entrando no quarto. Estava arrumado, e veio me abraçar por trás. — Que porra de mulher bonita. — Beijou meu ombro.

— Hum, afasta para lá. — Ri, tentando me desviar dele para o lado. — Tenho que terminar aqui — murmurei, concentrando-me de novo em secar os cabelos.

— Não demore. Vamos um pouco mais cedo para a casa dos meus irmãos.

— Preciso tomar café — lembrei, finalizando, e joguei os cabelos para trás. — O meu dia só começa depois de uma xícara de café forte e sem açúcar.

— Tudo bem, Melek. — Ergueu a mão em rendição, indo se sentar na beirada da cama. — Cida já preparou o seu café da manhã, está esperando por você. Aquela mulher não tira o seu nome da boca, basta que eu pise na cozinha.

— Oh. — Acabei rindo, deixei as coisas que estava usando para arrumar os cabelos na penteadeira e fui até ele, abaixando-me para beijar rápido seus lábios. Rafael abriu a boca para começar outro beijo, mas me afastei logo. — Não demoro.



Após o desjejum, não demorei muito a voltar para o quarto, Rafael pegou suas coisas e saímos do apartamento, indo para a garagem onde um de seus carros estava. Dessa vez ele iria dirigir, o que não fazia com frequência, já que quem sempre conduzia eram os seus irmãos ou eu, quando tinha a oportunidade.

Em menos de vinte minutos, chegamos à casa de seus irmãos e estranhei o lugar por fora, não gostando nem um pouco de estar ali e nem tinha precisado entrar para constatar.

Fomos recebidos pelos três tatuados, e não pude deixar de me lembrar do dia em que seus irmãos me abordaram e praticamente me obrigaram a trabalhar para eles; sobre isso eu nunca tinha tido coragem de falar com Rafael, não queria estragar de vez as coisas.

Entramos, fiquei contida, observando tudo nos mínimos detalhes até que o meu namorado teve que me deixar sozinha na sala para ir ao escritório com os três. Aproveitei que estava sozinha para respirar fundo, caminhar pela casa, mas parei na cozinha ao ser seduzida por um docinho. Tinha uma aparência deliciosa e a minha barriga roncou, implorando para provar. Mais cedo, não tinha conseguido ingerir nada além da xícara de café, e Cida havia ficado preocupada com aquilo, mas tentei tranquilizá-la avisando que era apenas um mal-estar no estômago, que eu logo tomaria algum remédio.

Peguei um docinho que havia em uma bandeja, na enorme mesa, e levei até a boca.

— São deliciosos, não são?

Quase me engasguei ao ver uma mulher caminhando em minha direção.

— Calma. Eu vou pegar um pouco de água para você — ela disse, e apenas acenei em concordância com a cabeça. — Eu sou a Natália e você deve ser a Daniele, namorada de Rafael, suponho. — Deu a volta pela mesa, pegando uma jarra com água e servindo em um copo. — Desculpe por chegar assim. — Veio novamente em minha direção e me entregou.

— Obrigada — aceitei, levando até a boca e dando goles pequenos. — Não tem problema. Eu só estava devorando um desses docinhos. — Fiz careta, terminando de beber para deixar o copo em cima da mesa.

— Não te julgo, querida. Eu amo esses docinhos. A minha mãe que os faz e eu não poderia me esquecer de trazer uma fornada para cá — explicou e parei para observá-la melhor, tinha os cabelos

coloridos, em um tom rosado, usava um vestido longo, mas o leve volume concentrado na sua barriga entregava a recente gravidez.

— São deliciosos mesmo. — Voltei a olhar para a mesa, querendo provar mais um.

— Fique à vontade para comer quantos quiser. Hoje é um dia daqueles em que estou enjoada, vou ficar apenas na vontade — murmurou, suspirando fundo. — Mas estou feliz que tenha aceitado o convite, é bom ter uma mulher por perto. — Puxou a cadeira para se sentar. — Sempre sou eu e esses meninos. — Acompanhei-a em seguida, sentada em sua frente, e peguei outro doce, comendo de uma vez.

— Você é a... — não sabia como falar aquilo sem soar ofensivo ou invasivo.

— Namorada, noiva, esposa de Miguel — brincou com aquilo, rindo logo mais. — Ou apenas Natália, Nat ou o que você preferir e achar melhor.

— Não sabia que ele... ele era casado. — Eu me servi com um pouco mais de água, bebendo de uma vez.

Aquele era o mais contido dos irmãos, centrado e objetivo.

— Essa é uma longa história que espero que você tenha tempo para ouvir.

— Todo tempo do mundo. — Abri um sorriso de lado, apreciando a companhia dela, como se já a conhecesse havia muito tempo, sentindo-me confortável ao seu lado.

Iniciamos uma conversa demorada, ela gostava de falar sem parar sobre a sua vida, gravidez, não me dando tempo para responder ou compartilhar. Mesmo assim, eu estava adorando tê-la

por perto, até que senti um embrulho no estômago e me levantei de uma vez da cadeira.

— Ei, está tudo bem, querida? — disse preocupada, levantando-se em seguida.

— Banheiro — foi a única coisa que consegui dizer, e Natália veio me ajudar, indicando onde ficava o mais próximo; apenas corri sem pensar duas vezes.

Escutei vozes, mas estava ofegante demais, ajoelhada com o rosto no vaso sanitário. Coloquei o que tinha e o que não tinha comido para fora, até que senti uma mão tocar as minhas costas, as lágrimas solitárias escorrendo pelos meus olhos.

— Melek... Está tudo bem, passou. O que aconteceu? Shiu...
— Afagava as minhas costas, e parei de vomitar para começar a chorar, desesperada e com medo.

— Está tudo bem. — Ele me puxou devagar para seus braços, sem se preocupar com a bagunça que tinha feito, me virou com cuidado e me abraçou. — Estou aqui.

— Família, parece que tem bebê chegando. Oh, céus! — ouvi a voz de Natália.

O que estava acontecendo? Fechei os olhos, meu coração batendo acelerado, fiquei tonta e, sem que eu pudesse evitar, tudo tinha virado um borrão escuro.

— DANIELE!



— Ela vai ficar bem, não precisa se preocupar. Assim que ela acordar, eu te chamo.

— Tem certeza? — falei por um fio, não querendo sair do lado de Daniele, que estava deitada na cama em um dos quartos de hóspedes da casa dos meus irmãos.

— Vamos, irmão — sussurrou Eziel.

Estava no escritório em reunião com Gabriel e os outros dois, Miguel e Eziel, quando escutei a voz da mulher do meu irmão chamar pelo meu nome, não pensei duas vezes ao sair correndo da sala para ver o que acontecia. Nada me havia preparado para ver Daniele daquela forma, no chão do banheiro, passando mal e vomitando muito. Foi um choque imediato por não saber o que fazer naquela situação, mas precisei buscar forças para cuidar dela, que necessitava do meu apoio. Consegui carregá-la no colo assim que desmaiou e a trouxe para o quarto, logo Natália tratou de chamar uma médica da família para vir atendê-la o mais rápido possível.

Estava agitado, eufórico e pela primeira vez sentia ansiedade, um medo absurdo do que viria.

Bebê. Essa palavra não parava de rodar pela minha cabeça. Isso não era possível, eu me recusava a acreditar nessas palavras ditas pela maluca com que o meu irmão do meio era casado. Ela só podia estar louca.

Enquanto segurava a mão macia de Daniele, não querendo sair do seu lado um segundo, os meus irmãos chegaram ao quarto e me tiraram a duras penas. A médica chegaria em uma hora e eu precisava estar em outro lugar que não fosse ali com a minha mulher. Segundo eles, estava à beira de explodir e faria alguma merda se cutucasse. Os meus irmãos sabiam que aquele era o ponto que me quebrava, a minha ferida aberta.

Eu nunca poderia ser pai.

Cinco crianças abandonadas em um abrigo para menores, filhos de uma mulher da vida que nunca nos dera amor ou demonstrações de carinho. A mulher que era a nossa mãe nunca parava em casa, vivia saindo, deixando-nos sozinhos, passando fome na maioria das vezes. Eu me recordava do seu rosto, das vezes que chegava bêbada e dos momentos em que tinha que proteger os meus irmãos da sua fúria, quando ela não conseguia dinheiro para as drogas que usava. Todos nós éramos marcados por aquele episódio difícil até que ela finalmente morreu de overdose. Livres daquele fardo terrível que era tê-la como nossa mãe, estávamos ansiosos para viver outra parte da nossa vida em um lugar decente. Outro pesadelo.

Agora a vida parecia querer me pregar uma peça me jogando de frente para o meu maior medo; ser pai. Eu não sabia como ser

um quando tudo que tivera na vida fora desprezo, abandono, aventuras, um fodido inconsequente e sem controle.

Aquele último mês ao lado de Daniele me dera uma dose de esperança, sentia-me diferente, entregue; antes julgava nunca ser capaz de criar sentimentos por alguém, mas estava totalmente enganado. Eu queria aquela mulher com todas as minhas forças.

Como aquilo era possível?

Fiquei sentado sozinho no escritório dos meus irmãos, enquanto Gabriel e Eziel haviam saído me dando tempo e espaço para respirar. Passei a mão esquerda pelo rosto todo, trêmulo por dentro, pensamentos acelerados, e não sabia mais o que pensar do que viria pela frente.

Miguel entrou na sala de repente, relaxado e com uma garrafa de uísque na mão; puxou uma cadeira e veio se sentar ao meu lado.

— Ouvi um velho sábio uma vez falar que uma garrafa dessas cura qualquer coisa. — Balançou o vidro no ar, abrindo logo em seguida com a boca. — Vai recusar?

— Passo, idiota. Sabe que não bebo depois daquele maldito acidente que quase tirou a minha vida.

Bufei, não acreditando que ele tinha esquecido que, ao acordar, eu havia feito um maldito juramento de que não iria beber nem sequer um copo de álcool. Duas doses daquelas que me fizeram perder o controle e a direção, mesmo que tivesse um dedo de outra pessoa querendo acabar com a porra da minha vida. Se ao menos naquela noite estivesse sóbrio, teria pulado do carro antes.

— Irmão, está ficando velho mesmo, caralho. — Deu um pequeno soco no meu ombro, tomando um gole da sua bebida de

uma vez. — Sei porque está aqui, afinal eu já estive nesse lugar várias vezes. Sua garota vai ficar bem, não se preocupe.

— Porra, como? Você ouviu as palavras daquela maluca? — disparei, grosso.

— Se não quiser morrer agora com essa garrafa na sua garganta, não volte nunca mais a chamá-la dessa forma, entendeu? Aquela mulher é a minha mulher — rosnou, dando outro soco no meu braço com força, aumentou o tom da voz e vi um Miguel diferente do que ele costumava ser, descontrolado protegendo a sua fêmea.

— Que seja, irmão. — Eu me levantei, não querendo sair logo dali, e caminhei até a janela.

— Vou desconsiderar hoje porque sei que você está confuso e perturbado com a possibilidade de uma gravidez — estava brando, voltando ao que era, contido e reservado. — A médica acabou de chegar e acredito que tenha sido apenas um mal-estar; como eu disse, não há com o que se preocupar.

— Caralho, como não? — Levei a mão até a cabeça, sentindo o ar correr lento pelos meus pulmões. — Nunca a vi naquele estado, estava tão fraca... E se? — disse baixo as últimas palavras, não querendo pronunciar aquilo em voz alta.

— E se ela estiver? E se você for pai? — ouvir isso era como levar um soco no estômago. Miguel gargalhou, voltando a degustar a bebida. — Irmão, acredite, eu já estive no seu lugar e, quando isso era apenas uma possibilidade, tudo que eu mais queria era pegar um avião e sumir no mundo. Sabe quantas vezes cogitei isso? Várias e várias. Mas não fiz, porque não sou um maldito covarde. — Parou de falar e deixou a garrafa de uísque no chão. — Você não é

mais um moleque, vai saber lidar com o que for se amar aquela garota de todo o coração.

— Eu. — Travei o maxilar.

Eu a amava? me questionei em silêncio.

— É, irmão, se você a ama não pode abandoná-la, não pode abandonar seu filho.

— Você quis fugir, porra — joguei a verdade contra ele, querendo me esquivar daquela pergunta que iria me atormentar pelos próximos dias.

Eu a amava?

— E ainda quero, esse é um fato que nunca mudou. — De relance, eu o vi se mover no sofá, para se levantar e caminhar em minha direção. — Quem pode mandar no coração? É uma terra sem dono. Eu quis a porra daquela mulher desde o primeiro momento em que a encontrei, querendo fugir, se esquivando como se me odiasse. Naquele dia eu jurei que a teria, jurei a mim mesmo que a primeira coisa que faria quando ela estivesse em meus braços seria torná-la mãe do meu filho. — Tocou com a mão no meu ombro. — Somos irmãos, viemos daquela merda. Você vai dar conta.

— Espero que... — Não terminei de falar. Natália entrou na sala, fazendo-me virar em um rompante para olhá-la. — Daniele? Aconteceu alguma coisa?

Miguel, que estava do meu lado, foi até sua mulher, abraçando-a por trás.

— Acho melhor você ir conversar com ela — respondeu a mulher de cabelos rosa, em que meu irmão babava enquanto fazia carinho em sua barriga.

Não respondi nada, passando por eles saí logo da sala. Precisei parar um pouco no corredor para puxar a respiração funda, voltando a caminhar em seguida, e parei em frente ao quarto onde ela estava com a porta semiaberta, entrei de uma vez. Nada me preparara para vê-la naquele estado, aos prantos, chorando, e aquilo me quebrou em mil pedaços, restando um nada, como se fosse possível me destruir ainda mais.

— Ei — chamei-a, correndo em sua direção, subindo na cama para abraçá-la. — Estou aqui com você. Está tudo bem. — Daniele não parava de chorar, me apertando com força, encostando logo seu rosto no meu. — Calma...

— Rafael — sua voz saiu cortada e me dilacerou ainda mais.

— Estou aqui — afirmei, afagando suas costas e fechei os olhos. — O que aconteceu? O que a médica te disse que te deixou assim? Hum? Me conte, Melek.

— Rafael, eu... — Ela me apertou com mais força. — Estou grávida.

Congelei.

Travei.

Quase morri.

O mundo havia parado. Não. Aquilo não era possível.

— Rafael? — Daniele me chamou, tocando no meu rosto, e eu me recusei a encará-la, pois sabia que se fizesse ela enxergaria a verdade que a iria quebrar.

Capítulo 17



Rafael Sanchez

— Rafael?

— Você está... grávida?

Vi quando sua mandíbula travou, havia se afastado do meu abraço para respirar fundo e, mesmo que eu estivesse com os olhos nublados de lágrimas, trêmula, consegui visualizar no seu rosto o que tanto temia; rejeição.

Não era preciso que ele falasse. Estava bem ali, estampado.

— Sim — confirmei a verdade que parecia ser real, aceitando aquele bebê que agora crescia em meu ventre, um pedaço de um quase amor não recíproco.

O sabor amargo na minha boca havia ganhado um significado, o sentido, dando lugar à descoberta de uma gravidez inesperada e não planejada, mas sentia que, no que dependesse de mim, eu levaria até o final, faria o que fosse pela vida do bebê. A ficha havia caído quando vi o teste mostrando o que Natália acreditava ser antes que a médica chegasse, e eu me negava a acreditar. Foi um verdadeiro choque acordar do desmaio com aquela dúvida rodeando minha cabeça e quando enfim foi confirmada, pela médica que me atendera carinhosamente, o choro veio com força.

Eu seria mãe.

Um bebê de Rafael.

Durante toda a minha adolescência havia tomado anticoncepcional regularmente para controlar o fluxo da menstruação, mas, mesmo com esse método, ainda passava por aquele problema. Depois, dedicando o meu tempo aos cuidados com Rafael, durante aquele último mês, o nosso envolvimento fervoroso, em sua cama e em seus braços, nunca poderia cogitar

uma possível falha. *Não era justo*, pensei em silêncio, reprimindo a culpa que se fazia presente e roubava todo o meu fôlego.

Sentia um misto de confusão na cabeça. Era medo mesclado com a alegria imensurável de realizar ainda jovem um dos meus maiores sonhos de menina. Sempre tivera aquela vontade, admirava a garra e determinação que a minha mãe tinha tido em criar os filhos, garantindo uma boa educação e que nada faltasse na mesa; mesmo depois da morte precoce do meu pai em decorrência do câncer, era forte e inabalável. Sabia que um dia, quando chegasse a minha vez de ter a minha família, eu seguiria o seu exemplo.

A médica foi embora, mas antes recomendou que um exame de sangue fosse feito para confirmar de vez o teste de farmácia e dar início ao acompanhamento da gestação. Eu fiquei sozinha com Natália, a garota de cabelos rosa, que estava vibrante e me deu um abraço de amiga antes de sair para chamar o Rafael.

Era o momento de contar a verdade a ele, que pelo que me foi dito por ela quando acordei, estava nervoso, tenso demais e preocupado com meu estado de saúde.

Quando o vi passando pela porta, as lágrimas voltaram, e ele me abraçou, acolhendo-me em seus braços, senti que tudo poderia ficar bem no final das contas.

Mas eu estava enganada. Nada seria como antes.

— Rafael? — chamei novamente, tentando tocá-lo com a mão.

Ele se afastou, levantando-se, e eu me encolhi na cama, trêmula por dentro.

— Porra, Dani. Um bebê. — Levou as duas mãos ao topo da cabeça, passando com força, para me virar as costas e dar um

pequeno soco na parede em seguida. — Como você pode ter tanta certeza de que está grávida? — disse frio e isso me machucou.

— A médica explicou que é uma gravidez de poucas semanas, mas de toda forma na segunda-feira irei fazer um exame para confirmar de vez — respondi, minha voz cortando e o choro entalado na garganta, querendo gritar e ir embora.

Vi de relance quando Rafael deu outro soco na parede, assustando-me ainda mais.

— Pare com isso. Você está me assustando — pedi, sussurrando baixinho.

— Porra, Dani. Como isso pode ter acontecido? — Virou-se, me encarando. Eu me encolhi ainda mais na cama, e ele ergueu um dedo em minha direção. — Eu lembro que você disse uma vez que tomava pílula ou algo assim.

— Sou tão culpada quanto você — acusei-o. — E não menti quando disse, devo ter esquecido de tomar um ou três comprimidos da última cartela, mas isso não anula o fato de que você também poderia ter se cuidado por nós. — Lembrei-o.

— Que seja — quase gritou ao responder. — Depois do acidente eu pensei que... — Parou de falar para respirar fundo. — Pensei que não estava tão saudável assim para fazer isso. Eu quase perdi o movimento das pernas, não esperava que me tornaria pai nas condições em que me encontrava, como um quase inválido.

— Isso? Isso, Rafael? — Era o fim. Levantei-me da cama, ignorando a vontade de chorar, e fui em sua direção, parando em sua frente para socar seu peitoral com toda força que tinha. — Você chama o seu filho de “isso”?

— Melek, pare. — Tentou pegar a minha mão, mas continuei, colocando para fora todos os sentimentos presos entalados na garganta. — Pare — pediu de novo.

Sua rejeição havia me quebrado por inteiro, desprezados miseravelmente, mas resolvi parar quando senti o sabor amargo das lágrimas por fim banhar o meu rosto.

— Vamos lidar com essa situação juntos. — Caminhou em minha direção para tentar tocar em meu rosto e limpar minha lágrima com a mão, mas o impedi.

— Não há nada para lidar. Não é a porra de um negócio que você cuida com seus irmãos, é o seu filho, seu babaca — explodi, gritei com ele e decidi procurar a minha sandália para calçar; encontrei no chão e me sentei logo na cama.

— Eu... nunca pensei em ser pai. Eu... — estava falando devagar, como se estivesse em choque; ainda assim veio me ajudar, mas o recusei novamente. — Melek.

— É, você não pensou, sinto muito, mas normalmente as pessoas pensam ou na maioria das vezes elas têm um posicionamento melhor do que você teve. — Terminei de colocar as sandálias no pé e me levantei. — Você teve o quê? Trinta e oito anos para pensar? — Levei a mão até o rosto para limpar as lágrimas.

— Isso nunca passou pela minha cabeça...

Enquanto Rafael falava, eu sentia que não havia como ele me quebrar mais.

— Eu esperava mais de você. Eu pensei que... — Calei-me um segundo para continuar falando. — Eu significava alguma coisa para

você, que *nós* era real. No final das contas você fez o que faz de melhor. Pegou o meu coração e o quebrou.

— Daniele. — Tentou novamente se aproximar. — Me escute, por favor.

— Acabou. Eu vou embora e, por favor, não venha atrás. — Passei por ele, que me encarava perdido.

Travei, abrindo logo a porta do quarto, e saí de uma vez.

Passei pelos quartos da casa e corri até a sala, não encontrando ninguém no caminho. Prendi o choro que insistia em voltar com intensidade, mas busquei forças para continuar, por mim, pelo bebê, e sair de vez daquele maldito lugar. Parei em frente à porta de saída, abri-a e caminhei para fora rapidamente. Rafael pela primeira vez me escutou e tentou não me impedir de ir embora, mas eu não sabia como fazer aquilo estando em um lugar tão longe e sem um celular em mãos. Atravessei a rua, parando em frente a uma árvore, esperando que o destino trouxesse Natália ou Miguel para vir ao meu encontro e tirar-me dali de vez.

— Ei. Está perdida? — Não demorou muito até que vi o irmão de Rafael caminhar até onde eu estava. Agradei aos céus em silêncio por ser ele. — Não quis esperar pela sobremesa? — Apesar de os traços entregarem o parentesco, ele tinha uma fisionomia jovial, coberto por tatuagens e trajes despojados e pretos.

— Pode me dar uma carona? — soltei de uma vez, sem fazer rodeios.

— Rafael? — perguntou pelo irmão, franzindo o cenho quando me analisou. — Oh, merda. As coisas saíram do controle. — Gargalhou e parou em minha frente. — Espere aqui. Vou pegar a minha moto e os capacetes, não demoro.

— Obrigada, Eziel — sussurrei baixinho, agradecendo.

Aquela seria uma bela forma para que eu o perdoasse por anos atrás me amedrontar com o outro irmão.

— Nós cuidamos da família. — Piscou um olho e entendi na hora que a sua presença inesperada ali não era vã, o Rafael o havia mandado ao meu encontro.

Eu não sabia mais o que pensar...



Daniele havia me abandonado. Ou era eu que tinha feito o contrário com ela.

Nunca mais tinha tido a chance de vê-la. Quando saiu do quarto, depois de jogar aquela bomba em minhas mãos, um vazio se fez presente no meu coração. Tentei impedir que fosse embora, queria correr e mantê-la presa em meus braços; apesar de não aceitar que seria pai, de alguma forma acharia uma solução para superar aquele medo que vivia em mim. Naquele momento, porém, tudo que ela precisava era de espaço, assim como eu necessitava, para entender aquilo tudo que tinha acontecido. Eu seria pai.

O meu irmão a levava até o meu apartamento e eu soube, por mensagem enviada por Eziel, que ela havia recolhido suas coisas; colocou tudo em uma mala e voltou para a casa da mãe. Foi difícil descobrir que Daniele tinha feito aquela escolha e eu me recusava a voltar para aquele lugar que em cada canto me lembrava dela, sua voz e seu jeito atrapalhado que me tirava do sério.

Fazia mais de duas semanas que eu estava na casa dos meus irmãos, trancado dentro do meu antigo quarto e sendo assombrado pelas palavras de Daniele. Ela havia se apaixonado por mim, um miserável que invadiu sua vida, marcando-a de todas as formas, e aquele bebê inocente em sua barriga era a prova viva. Quebrar o seu coração fez com que eu me sentisse ainda pior, desejando por um minuto não estar vivo, que a porra daquele acidente tivesse tirado a minha vida. Não era merecedor de estar respirando, continuando, uma vez que tinha ferido aquela que sempre esteve ao meu lado, iluminando o meu caos com sua voz doce.

Onde você está, Melek?

Eu não parava de pensar nela e no quanto fechava os olhos na busca incessante de conseguir sentir o seu perfume, imaginando por um instante que assim que abrisse a encontraria ali em meus braços, me tomando, porque eu pertencia a ela. O maldito orgulho, que me cegava, e o egoísmo por não aceitar que agora era pai me prendiam. Era um covarde por não ir atrás dela e lutar por nós, se é que isso ainda existia. Daniele era marrenta, pé firme no chão e talvez nunca me perdoasse por tê-la rejeitado daquela forma, quando tudo que mais precisava era do meu apoio.

Porra!

Estava acordado desde as duas horas da madrugada. Sem conseguir dormir, eu me levantei da cama e fiquei olhando, pela janela aberta do quarto, as pequenas estrelas e a lua brilhando no céu, vendo o tempo passar lentamente, até que o sol chegou clareando a minha escuridão.

Decidi que precisava sair daquele estado de negação, estava na hora de tocar a minha vida para a frente e descobrir como a voz

de anjo estava, *eles estavam*, lembrei que agora não era só ela, havia um pedaço de mim enraizado naquela garota.

Fechei os olhos com força e tratei de ir tomar um banho rápido. Quando terminei, fui pegar uma peça de roupa na mala feita por Cida, que a trouxe no dia seguinte quando soube que eu ficaria alguns dias fora de casa. Vesti qualquer roupa, uma blusa moletom preta e uma calça da mesma cor. Calcei os sapatos, coloquei os anéis que sempre usávamos, os cinco irmãos, e saí do quarto.

Caminhei pelo corredor, desviando para a entrada que dava à cozinha principal. Estranhei o silêncio, fixei o olhar na mesa e entendi o porquê. Vi os três sentados, distraídos, assim como a mulher de Miguel, que estava do seu lado. O café da manhã estava servido e tratei de puxar uma cadeira para me acomodar.

— Bom dia, irmãozinho. Um café pelos velhos tempos — brincou Gabriel, que pegou o bule e me serviu uma xícara. — É bom ter você de volta por aqui.

— É cedo para começar com as gracinhas, Gabriel. — Peguei a xícara da sua mão, e terminei de me servir, aproveitando logo para beber um pouco. — Alguma novidade? — perguntei por cima, evitando especificar do que se tratava, sabendo que ao usar aquelas palavras ele entenderia na hora.

Estávamos investigando, usando os nossos meios para descobrir de vez quem tinha tentado, com aquele suposto acidente, me matar. Ao longo dos anos colecionando inimigos pelo que fazíamos, com as transportadoras de drogas crescendo pela cidade, distribuídas pelo país inteiro, o que não faltava era inimigos e pessoas empenhadas em nos derrubar. Eu fazia parte daquela sujeira desde os meus dezoito anos, estava atolado naquilo até a

alma e, mesmo usando o meu nome em negócios limpos, Gabriel, Eziel e eu ainda mexíamos com a parte suja das negociações por baixo dos panos. O responsável por atentar contra a minha vida não queria apenas me eliminar, mas ferir os meus irmãos, um por um. Eles acreditavam, quando acordei, que tinham um nome para culpar por aquela desgraça, mas investigando com mais afinco surgiram outros, possíveis e suspeitos.

Temia pela minha vida e pelos meus irmãos, que eram a minha família, e pelo meu gêmeo, apesar de ele estar fora daquilo tudo. Eles eram a minha base, mas no momento a minha preocupação era outra. Daniele.

— Talvez — Gabriel respondeu com desdém. — Passe no meu escritório mais tarde para conversarmos melhor. Agora preciso sair. — Levantou-se, pegou sua jaqueta, colocando-a. — Vamos, Eziel — disse e caminhou para fora da cozinha.

— Hum? Já? — murmurou o irmão mais novo, guardando o celular no bolso da calça. — Tchau, família — despediu-se e foi atrás de Gabriel, que já tinha saído.

Miguel tomava uma xícara de café, mantendo seu olhar preso no meu.

— O quê? — resolvi perguntar, incomodado com a forma como ele estava me fitando.

— Novidade, irmão? — imitou, colocando sua xícara na mesa. — Você tem outra merda para resolver. Pensa em ficar naquele quarto até quando? Até que o seu filho esteja andando, chamando outro homem de pai?

Travei a mandíbula com a sua resposta. Conseguia visualizar o meu gêmeo nele.

— O que quer dizer com isso? Sem rodeios, caralho. Fale — sussurrei, grosso.

— Rafael — a mulher do seu lado finalmente abriu a boca para falar, tocando na mão do seu marido, que estava ficando nervoso sem motivo algum. — O que Miguel está tentando te falar é que você precisa ver a Daniele. Tenho conversado com ela todos os dias por mensagens e, pelo que parece, não está muito bem de saúde.

— Porra! Como você vem dizer isso hoje? Hoje? Caralho. — Eu me levantei da cadeira, nervoso, ficando agitado ao ouvir aquilo. — O que mais ela disse? O quê?

— Calma, Rafael. Não é o que está pensando. Acho melhor você ir vê-la e descobrir o que está acontecendo. — Natália suspirou, pegou o seu celular e estendeu na mesa em minha direção. — Ela me passou o endereço do consultório onde vai ter uma consulta com uma médica. Eu prometi que a acompanharia, mas acho que esse é o momento certo para você tentar conversar com ela.

Peguei o aparelho, desbloqueando a tela e vendo a conversa das duas. Evitei ler as outras mensagens, focando apenas no endereço, e tratei logo de colocar o meu número na sua agenda, encaminhando a localização para o meu celular.

— As chaves do carro — falei, pedindo ao Miguel, que mantinha o olhar sob o meu.

— Pensei que nunca iria pedir. — Levou a mão até o bolso da calça. — Aqui, seu idiota. — Procurou e, quando encontrou, jogou em minha direção. Peguei logo com a mão. — Não faça merda, honre a porra do seu nome. Faça como Romeu, assumo as consequências das suas escolhas.

— Valeu. — Guardei a chave no bolso, peguei o meu celular e me afastei para caminhar em direção à porta da cozinha que dava para a saída pelos fundos.

As palavras da cabelo rosa me assombravam, saber que o meu anjo não estava bem era como receber outro golpe, comprovando mais uma vez que eu tinha feito uma escolha errada. Sabia que havia inúmeras chances de ela não me perdoar por tê-la abandonado em um momento como aquele, mas eu lutaria até o fim.

O carro do meu irmão estava estacionado em frente a casa. Fui até lá, engolindo o medo que sentia toda vez que sentava no banco da direção. Isso era algo que sempre iria me assombrar, lembrando-me do dia em que perdi o controle e quase morri. Fechei os olhos, respirei fundo e apertei o botão da chave do carro para destravar a segurança que eles usavam. Abri a porta da frente e entrei de vez, acomodando-me no banco, para em seguida ligá-lo e ir ao encontro de Daniele, eu lutaria por ela.

Por ela e o nosso filho.



Na vida eu só tinha uma certeza e um impasse. Primeira: eu precisava criar forças e levantar daquela cama. Segunda: tinha que reagir e cuidar daquela criança que estava crescendo em meu ventre. A verdade é que fazer as duas coisas era difícil e a minha única vontade era continuar deitada, ignorando a minha nova realidade. Não era como se eu não estivesse tentando fazer as duas coisas ao mesmo tempo, porque me esforçava todas as manhãs por isso, mas ainda assim me encontrava regredindo. Para algumas pessoas é fácil lidar com situações como essa, mas pela primeira vez me sentia incapaz, uma parte do meu coração quebrada.

Havia uma esperança.

Será?

Desde que fiz as minhas malas às pressas, e voltei para a casa da minha mãe conduzida pelo irmão do babaca que insistiu em me ajudar, esta havia se tornado a minha nova rotina. Levantar, fingir para todos ao meu redor que estava tudo bem, com um sorriso no

rosto, quando a verdade era outra. Eu só queria voltar para o quarto e chorar. Ainda não tinha tido coragem para falar a verdade para a minha mãe, eu não sabia como começar. Estava evitando contar sobre a minha situação amorosa e ela, por outro lado, parecia entender, ainda não tinha perguntado.

Oi, mãe. Estou grávida.

Oi, mãe, estou grávida e rejeitada.

Ah! Eu escrevia todos os dias o que diria a ela no bloco de notas do meu celular, mas apagava tudo em seguida, sendo vencida pelo medo que me assombrava. Sabia que a minha mãe não era daquelas que me julgariam por ter ido para cama com o meu chefe e ter ficado grávida. O pior era contar que ele havia me rejeitado.

Rejeitado o nosso bebê.

Por isso tinha decidido que primeiro iria fazer uma ultrassonografia marcada pela Natália, que havia se tornado uma grande amiga desde então. O meu plano de saúde não cobria toda a minha família e por isso estava na fila de espera por uma vaga para fazer aquele exame, mas ao comentar com a maluquinha em uma conversa paralela foi como travar uma guerra. Ela tomou as rédeas da situação e se prontificou em me ajudar. Eu apenas concordei sem delongas, pensando no bem-estar do bebê, o meu orgulho ficaria em último lugar. Aquele ciclo de amizade inesperado havia começado dias depois após o caos, ela apareceu na minha casa com seu marido e ambos me fizeram companhia até o consultório, onde foi colhido o meu sangue, que comprovou a verdade. Eu estava grávida. Era estranho estar próximo a pessoas que faziam parte da vida de Rafael, mas só daquela vez eu ignorei

que aquele babaca existia e respirava. Não suportava pensar mais nele.

AH!

Era raiva.

Saudade. Não. Era ódio mesmo.

Levantei cedo naquela manhã, tomei um banho demorado, uma vez que todo dia acordava enjoada, colocando para fora o que tinha na barriga. Era intenso lidar com aquelas mudanças com os meus vinte e poucos anos, mas, mesmo fraca por dentro, emocional abalado, eu não desistiria tão fácil assim. Era por mim e pelo bebê. Queria recuperar a minha vida, minha alegria, e iria começar pelo hoje.

Depois de colocar para fora o que tinha comido na noite anterior, levantei-me meio tonta. Esperei até me recompor para dar continuidade com a minha higiene matinal e tomar banho.

Fiz o que era necessário no banho e caminhei em seguida para o quarto, enrolada na toalha. Tinha uma peça de roupa na cama separada para aquela manhã e tratei de vestir. Era um dos meus poucos vestidos soltinhos, que disfarçava tudo, ainda que a minha barriga estivesse plana e magra, mais do que o normal. Eu me ajeitei adequadamente, disfarçando a cara de sono e enjoo. Deixei os cabelos para trás, penteados e um pouco molhados por não querer secar dessa vez.

Um passo de cada vez.

Peguei a minha bolsa com os documentos e o endereço da clínica. Dei uma breve conferida para ver se estava tudo certo e saí por fim do quarto, fechando a porta e indo em direção à cozinha. A casa estava silenciosa, os meus dois irmãos haviam ido para a

escola como de costume e a minha mãe estava sentada em sua habitual cadeira de balanço, enquanto lia alguma coisa no jornal, tomando o seu café quando a encontrei.

— Bom dia, mamãe — cumprimentei um pouco alto, para que me ouvisse.

— Bom dia, minha querida. — Desviou o olhar para mim, sorrindo largo. — Aonde pensa que vai tão cedo, mocinha? — Franziu o cenho me analisando.

— Ah. — Mordi o lábio. O que eu diria? — Vou a uma entrevista de trabalho — pensei rápido e isso foi a única coisa que saiu pelos meus lábios, o que por um lado não era mentira.

Tinha esperança de logo encontrar um novo serviço.

Eu precisava. Por nós.

— Não vai tomar nem um café? — minha mãe perguntou. — Fiz panquecas...

— Não — sussurrei rápido. — Como alguma coisa na rua. — Caminhei até ela, pegando sua mão direita livre, e beijei. — Volto logo, mamãe.

— Daniele, sabe que sou a sua mãe e amiga acima de tudo. Eu sempre vou estar aqui — disse calmamente e abriu um sorriso de lado, meiga.

— Eu sei, mamãe. — Suspirei, disfarçando logo com um sorriso. — Volto logo. Tente não fazer muito esforço. Hoje o almoço é por minha conta. — Eu me afastei um pouco.

— Que os anjos te acompanhem, minha filha.

Despedi-me dela com um aceno e caminhei para fora da cozinha. Peguei as chaves reservas da casa em cima da estante, guardei na minha bolsa e abri a porta da frente, saindo logo em

seguida. Eu me certifiquei de trancá-la por fora, e descí pelas escadas até alcançar enfim a rua, mas, antes de dar um passo, travei imediatamente ao ver quem estava em frente, parado me esperando.

Rafael.

— Daniele — falou, mas fingi não estar ouvindo. O que ele estava fazendo ali? — Daniele. Um minuto, por favor.

— Nem um nem dois — resolvi responder, torcendo os lábios. — Vai embora!

— Não posso ir sem antes falar com você. Por favor. — Estava encostado no carro, uma distância favorável e que me dava tempo para correr.

— Não quero conversar com você. Tchau. — Ergui a mão, acenando para ele. — Vai embora, Rafael. Nos deixe em paz — falei firme essas últimas palavras.

— Certo. Está no direito de não querer me ver, fiz merda das grandes. Deixe-me ao menos te acompanhar até o consultório — Rafael diminuiu o tom da voz, parecia arrependido, mas nem aquele ato foi capaz de fazer com que eu o odiasse menos. — É só uma carona. Não vou tentar te tocar ou fazer com que me escute.

— Natália — respondi, brava ao constatar que ele não estava ali em vão.

Ela tinha comentado com ele, mesmo depois de eu ter implorado para não fazer isso.

— Ela me falou que você iria a essa consulta. Eu pensei que...

— Você não pensa em ninguém além de si mesmo, Rafael — disse com desdém, caminhando até ele para dar a volta e abrir a

porta do carro. — É só uma carona. Eu ainda te odeio e isso não vai mudar, entendeu?

— Posso lidar com isso, Daniele.

— Ótimo. — Entrei de vez, sentando-me no banco.

Sabia que tinha feito uma péssima escolha ao aceitar que ele me levasse, mas o tempo naquele minuto era o meu inimigo e nas condições em que estava não aguentaria uma viagem de ônibus.

Tudo era pelo bebê.

Não dei atenção quando ele entrou no carro, fiquei quieta olhando pela janela após colocar o cinto de segurança. Quando eu voltasse para casa, iria ter uma conversa com a Natália. Não era justo que ela tivesse feito aquilo. Rafael havia escolhido rejeitar o nosso bebê e agora nada do que fizesse me faria o perdoar. Tempo ao tempo, era o que eu acreditava enquanto fechava os olhos.



Ainda não podia crer no que estava acontecendo. Depois de uma viagem de menos de trinta minutos, Rafael se recusava a ir embora. Quando ele estacionou o carro, eu saí logo em seguida para acabar de vez com aquele momento constrangedor, mas, como o cachorrinho que era, o babaca me acompanhou.

A clínica onde eu fazia a ultrassonografia era bastante renomada, um prédio conceituado, e logo me senti deslocada. Por fim, achei melhor não discutir com ele na frente daquelas pessoas desconhecidas, mas quando saíssemos dali eu o colocaria em seu devido lugar.

Depois de falar com uma recepcionista, entregando os meus documentos, fui uma das primeiras a serem atendidas. Ainda era duro e difícil estar no mesmo ambiente que ele, sentir o seu perfume tão próximo e reprimir o maldito desejo que ainda existia.

Caminhei até uma poltrona para me sentar e Rafael veio, acomodando-se em outra um pouco distante da minha. *Melhor assim*, comemorei em silêncio e quietinha.

Passaram-se alguns segundos até que o meu nome foi chamado. Levantei-me, segui a recepcionista até a sala da médica e senti uma mão tocar em meu ombro. Era ele. Por muito pouco não me desequilibrei com aquilo e caí com o seu contato.

— Eu... posso entrar com você? — Tive que parar junto com a mulher loira e alta, quando escutei a voz dele sair embargada, quase gaguejando.

— O quê? — rebati, não acreditando naquilo. — Não — respondi e me arrependi quando vi seus olhos azuis ganharem um tom triste, a sua expressão se quebrou.

— Tudo bem. — Eu o vi respirar fundo e virar as costas para ir embora.

Era o certo, não? Pensa, Daniele. A mulher que estava do meu lado parecia não entender o que estava acontecendo e decidi ouvir o meu coração, que vibrava.

— Rafael — chamei-o. — Tudo bem. Você pode entrar.

Ele virou-se rapidamente e vi de relance um sorriso brotar em seus lábios, tímido, quase acreditei que havia uma faísca de lágrima se formando em seus olhos. Eu não poderia ceder.



De tudo de ruim que eu já havia passado na vida, nada chegava perto do que sentia naquele momento. Medo e incerteza. Não era capaz de existir sem a Daniele e viver com aquela maldita certeza, eu escolheria milhões de vezes estar morto. Não existia vida sem ela ao meu lado, sem o seu sorriso dócil, puro e eu sabia que não conseguiria mais respirar sem tê-la. Estar tão próximo do meu mundo e não poder tocá-la, me aproximar e trazê-la para os meus braços, que antes de tudo ruir era o meu e seu lugar preferido. *Ela agora me odiava.* Seu olhar não era mais o mesmo e por um triz não me deixou participar daquela consulta que julguei antes não ser capaz de presenciar. E lá estava eu, implorando quase de joelhos para que me deixasse ficar.

Por um segundo, ela hesitou e eu sabia que, se o fizesse, eu entraria naquele carro sem rumo. Aquela era uma guerra em que eu era o maior perdedor.

Quando abri os olhos pela primeira vez depois de anos, foi como ser jogado em outro buraco; precisei me adaptar àquela nova realidade, passar por todo um processo de reabilitação e, quando estava enfim pronto para ser *eu*, tinha perdido o verdadeiro motivo pelo qual estava aguentando tudo aquilo. Daniele. Tinha sido por ela e eu soube no mísero minuto em que a encontrei saindo de casa, vislumbrando no seu olhar um pouco da coragem que me faltava para lutar por nós e o bebê. *Ela me odiava*. Sabia que tinha um longo caminho pela frente para reconquistá-la, ter o seu perdão, e, mesmo ciente de que talvez aquele dia nunca chegasse, eu tentaria.

Precisava provar a Daniele que estava arrependido por tê-la abandonado ao saber da gravidez, queria explicar o motivo por trás da minha atitude, ainda que aquilo não fosse justificável. O bebê em sua barriga nunca seria culpado pelo passado traumático que tive e era por aquela vida que estava pronto para ser um pai. Eu não sabia por onde começar a ser um de verdade, mas tinha esperança de que conseguiria, assim como os meus dois irmãos passaram pela paternidade com êxito. Romeu, que era o mais recluso e reservado, por amor, para ter o seu final feliz, fora capaz de abrir mão e renegar o sangue. Eu me pegava pensando nas vezes que jurei estar interessado na sua garota, quando na verdade Ísis sempre foi feita para ele. Miguel, o mais estranho, viajante, estava com uma das mulheres mais improváveis, que trabalhava em uma das nossas boates. Os dois encontraram no amor uma chance. Uma chance para serem felizes. Provando a mim, que não acreditava no amor, que para ter um final feliz era preciso lidar com os medos, superá-los e ir em frente.

Estava no canto da sala, observando de longe o diálogo de Daniele com a médica, que por sinal era uma das profissionais amigas e de confiança dos meus irmãos. Não conseguia prestar atenção ou gravar uma única palavra que falavam, o meu olhar estava vidrado na barriga plana que em breve estaria grande, redonda e bela. Daniele estava deitada na cama, a profissional da saúde, ao seu lado, e um aparelho foi colocado sobre seu ventre, refletindo na televisão as imagens borradas.

O que era aquilo?

— Oi, mamãe e papai.

— Mamãe — Daniele cortou a fala da mulher baixinha de cabelos escuros, corrigindo-a, ignorando a minha presença e importância na vida da criança.

Justo.

Eu merecia o seu desprezo.

Merecia que ela me odiasse.

— Temos um bebê forte aqui, mamãe — a médica continuava falando, e eu estava com o olhar vidrado na imagem; no borrão que era a prova de que um “nós” existia, que ainda havia chance para a minha redenção e que podia ser alguém melhor.

Céus, eu queria, pela primeira vez.

— Meu Deus.

— O quê? — fui o primeiro a falar por ficar assustado com suas palavras, aproximando-me rápido, logo em seguida, de onde elas estavam. — O quê?

— Calma, papai. — A mulher deu um sorrisinho de lado. Daniele me encarou de relance, estendendo a sua mão direita para que eu segurasse, e assim fiz.

Ela estava gelada, não só pelo ar-condicionado, que estava ligado, mas provavelmente por estar da mesma forma que eu me sentia; nervoso e aflito com aquilo tudo. Tinha o dobro de idade dela e compreendia as suas inseguranças com a recente gravidez.

O meu anjo era forte por nós três, mas, ao sentir nossas mãos unidas, trêmulas, eu me dei conta de que precisava ser o dobro, assumir as rédeas e cuidar dela, do nosso bebê.

— Está tudo bem — sussurrei, abaixando o rosto para beijar o topo da sua cabeça. — Eu estou aqui. — Não sabia se aquela promessa servia para a Daniele, que naquela altura do campeonato me queria em qualquer lugar menos ao seu lado.

— Olhem só o que temos por aqui, dois pequenos embriões, que em breve nascerão saudáveis. Os dois foram abençoados em dose dupla. Parabéns!

— Gêmeos? Dois... Dois bebês? Você disse DOIS? — Apertei ainda mais a mão de Daniele, tentando me manter firme, de pé quando eu parecia querer ir contra o chão.

— Isso mesmo. Ao que tudo indica, eles serão gêmeos univitelinos — respondeu a médica, que não tirava o sorriso do rosto. — Um presente duplo para amar e cuidar.

— Assim como eu e o meu irmão. — Travei a mandíbula, soltando a pequena mão de Daniele, para passar em seguida em meu rosto. — Meu Deus.

— Que surpresa, doutora. Minha nossa — finalmente a voz de anjo havia expressado alguma emoção; estava, assim como eu, surpresa. — Os bebês estão bem mesmo, doutora?

— Sim. Não há com o que se preocupar. Continue se alimentando direitinho, tomando as vitaminas que irei receitar e

agora mais que nunca tem que se cuidar, por você e por eles. Serão longos meses pela frente, os enjoos imagino que estejam cada vez mais intensos, certo? — perguntou a Daniele, que concordou com a cabeça. — Supus que sim, vamos cuidar disso para tentar amenizar um pouco. É uma garota jovem, quase na flor da idade, vai dar tudo certo, minha querida.

— Eu... — tomei a frente, respondendo primeiro. — Vou cuidar deles. — Olhei para a Daniele, que me encarava com o cenho franzido como se fosse me engolir vivo. — Irei me encarregar de colocá-la no meu plano de saúde daqui da clínica. Quero o melhor acompanhamento para ela e os bebês.

— Rafael, pare. — Pigarreou, estava incomodada, mas eu não voltaria atrás.

— Cuidarei da sua família, senhor Sanchez.

— Melek. — Eu me abaixei novamente para sussurrar baixinho e beijar sua testa. Senti quando ficou tensa na cama, me encarando dentro dos olhos. — Vou te deixar sozinha com a médica agora, estarei lá fora te esperando. Ok? — Inspirei o perfume dos seus cabelos, aproveitando aquele momento para afastar a saudade.

Porra. Eu me recompus logo, reprimindo o desejo vivo de continuar ali ao seu lado, mas logo me afastei dela para cumprimentar a médica e abrir a porta, saindo da sala de exame. Finalmente consegui respirar fundo, encostando-me no canto da parede do corredor, que estava vazio. Caralho. Eu seria pai de dois. Gêmeos. Permaneci parado, tentando raciocinar sobre o que estava acontecendo na minha vida. Desde que havia sobrevivido ao coma, novas mudanças não paravam de acontecer, sentia que estava o tempo todo sendo atropelado e cada vez mais perdendo o controle.

Pai.

Gêmeos.

Não sei quantos minutos passaram, mas despertei dos pensamentos quando vi a porta da sala sendo aberta por Daniele, que deu logo em seguida um último abraço na médica, despedindo-se para em seguida caminhar em minha direção.

— Tudo bem? — parou em minha frente, perguntando.

Ela ainda se importava?

— Tudo. Precisa de alguma coisa? Está com fome ou algo assim?

— Não. Obrigada. Pode apenas me levar para casa?

— Para casa. — Por um momento pensei que o meu lar era o seu. Tinha me tornado um bosta iludido. — Claro. Eu te levo. — Coloquei as mãos nos bolsos, procurando as chaves do carro, pegando-as. — Tem certeza de que não quer comer alguma coisa?

— Talvez um hambúrguer com batata frita e Coca... — Deu um risinho e quase vi a minha garota nela, que não me odiava e me queria com afinco, paixão e desejo.

— Seu pedido é uma ordem — respondi, quase sorrindo e com uma fagulha de esperança. — Não acha muito cedo para comer isso tudo?

— Cala a boca e vamos logo. — Ajeitou a bolsa de lado e passou rápido na minha frente, permitindo-me admirar a sua beleza, suas curvas, que eram a minha perdição.

Quase fiquei tonto ao recordar-me dos nossos momentos na minha cama, do seu corpo sem aquelas vestes, nua, com a sua boceta aberta tomando o meu pau.

— Rafael? Estou esperando — chamou, despertando a minha atenção para ela, que estava parada no final do corredor com os braços cruzados, e quase sorri bobo.

Eu a amava. Porra.

— Estou indo.



— Me passa essa maionese, por favor — pedi, dando outra mordida no hambúrguer, fechando os olhos para saborear aquela iguaria deliciosa.

— Aqui. — Entregou-me, estendendo-o com a mão direita em minha direção. — Não acha que está exagerando um pouco? — o babaca do Rafael perguntou com um tom preocupado. — Vai mais devagar ou vai passar mal.

Ele estava sentado em minha frente com o seu celular sobre a mesa e o olhar fixo no meu.

— Não. — Continuei comendo sem me importar com o que tinha dito. — Está com medo de ficar um pouco pobre depois de alimentar os meus filhos? — brinquei com ele, tentando descontrair o clima tenso que nos cercava desde que tínhamos entrado naquele restaurante havia pouco menos de trinta minutos.

Era uma cilada e eu tinha plena certeza disso. Respirar o mesmo ar que Rafael era perigoso demais para o meu coração, que

se esforçava em esquecê-lo. Havia muita coisa para processar e uma delas era que eu estava grávida de dois.

Dois.

Deus, dois bebês.

Foi uma surpresa inesperada ouvir da médica que teria dois bebês, uma surpresa para a qual eu não estava nem um pouco preparada, e que tinha me deixado em choque naquela cama do consultório.

Duas vidas. A vida tem dessas, ela não nos pergunta se estamos prontos para viver algo, simplesmente nos pega firmemente pelas pernas e nos coloca de frente para reagir. Sorria, respire e continue.

No fim, consegui relaxar um pouco mais e confiar que aquele era um presente do destino em dose dupla para mim e Rafael. *Não*. Aquelas crianças eram apenas minhas, só minhas. Ele não as queria e, a sua maneira, deixara bem claro. O fato de estar ao meu lado durante toda a consulta, como se importasse, e agora em minha frente, não apagava o que fizera dias atrás ao descobrir que seria pai. A rejeição do babaca ainda me cortava e era uma ferida aberta que não tinha cicatrizado.

Quando desviava o olhar para ele, parado em minha frente com o seu semblante fechado, recluso, o meu coração se apertava, ficando pequeno demais. Era uma tola mesmo, que apesar de tudo ainda gostava dele como antes, o amava. Aquela era uma terra em que ninguém mandava e, com tantos motivos para não nutrir nada por Rafael além do desprezo, aquele maldito sentimento ainda vibrava em mim, mais vivo que nunca; enquanto mantinha os olhos fixos nele, eu sentia que aquilo não morreria tão cedo. Ainda mais

quando dois bebês, dele, cresciam dentro de mim. Não era como se eu tivesse o poder de arrancar aquele amor dentro do coração, levaria tempo e o Rafael não parecia colaborar, querendo se aproximar, voltando para minha vida. O que ele queria, afinal, com tudo aquilo? Primeiro aparecera na minha porta, querendo me levar à consulta, depois de não tentar dar um passo durante aqueles últimos dias de ausência; em seguida ficava do meu lado, atencioso, aproveitando cada abertura que tinha para me tocar, como se quisesse ser o pai.

E ele queria? Era confuso demais e eu não parava de me perguntar mentalmente.

— Nossos — corrigiu, colocando as duas mãos sobre a mesa, e pegou um lenço para me entregar. — Os nossos filhos, Daniele — pontuou cada palavra, pegando-me desprevenida, e fiquei estática na minha cadeira. — Pegue.

— Você. — Tossi, tinha me engasgado com um pedaço e deixei o hambúrguer de lado, em cima do prato. — Você... — Não saía nada.

— Calma. — Decidiu por fim me ajudar, ergueu a mão com o lenço de papel, para limpar o canto da minha boca e em seguida me entregar o copo com suco. — Beba em goles pequenos. E, antes que você não me deixe continuar falando, preciso reforçar novamente as minhas palavras. São os nossos filhos, eu os quero.

Precisei respirar fundo e me recompor para responder.

— Está de brincadeira, não é? — Coloquei uma mão na mesa, usando-a como suporte. — Eu não acredito em nada do que diz, Rafael. Você não pode ter mudado da noite para o dia, ou esqueceu que os chamou de ISSO? Você... — Precisei parar para puxar o

fôlego e manter o controle sobre' a respiração acelerada. — Nunca os quis e deixou isso bem claro naquele dia.

— Sim, porra... Eu nunca vou me perdoar por ter feito aquilo. Nunca, ouviu bem? Mereço o seu desprezo, mereço que me odeie com todo o seu coração e que me tire o direito de fazer parte da vida dos gêmeos. Eu só quero que saiba que os quero com todo o meu coração se é que ainda existe um em mim. — Notei quando travou a mandíbula, por um segundo fechando os olhos. — Eu nunca tive um pai, uma mãe de verdade, tudo que tive mais próximo de amor são os meus irmãos. Eu fiquei com medo, *tá legal?* Medo. Descobrir que seria pai foi...

Parou de falar, a respiração acelerada, colocando em seguida as mãos no rosto, para passar sobre a pele. Nunca tinha visto Rafael daquela forma, quase consegui visualizar o homem adormecido naquela cama em coma. Perdido. Triste.

— Não precisa falar sobre isso se não quiser — sussurrei baixinho. — Olha, eu ainda te odeio, ok? E o que você fez não tem perdão, mas não posso tirar o seu direito de pai e além do mais essa vai ser uma escolha deles quando crescerem.

— Eu... Obrigado por isso — respondeu baixo, sem me encarar nos olhos. — Essa é uma parte difícil da minha vida, em algum momento espero ter fôlego para falar dela, e sei que, apesar disso, nada justifica o que fiz com você. Os gêmeos não são culpados por eu ter um passado traumático que fodeu a minha cabeça e é por eles que eu prometo ser melhor, um pai que nunca tive de verdade. Eu prometo, Melek.

Ok. Isso me quebrou.

Eu ainda era o seu anjo.

Eu ainda o amava.

Não. *Eu o odiava.*

— Bom. — Abri um sorriso forçado de lado. — Isso é um bom começo. Acho que você ainda continua sendo rico e eu aceito um copão de milk-shake de chocolate — brinquei querendo encerrar o rumo que aquela conversa tinha tomado.

Estava certa da minha decisão de que ele participaria da vida dos gêmeos. Selar aquele acordo não significava que eu o perdoaria por nos rejeitar e que voltaríamos. Aquilo nunca mais aconteceria. Era apenas pelos bebês, uma escolha que pertenceria a eles quando tivessem idade suficiente para decidir o futuro.

— Todos que você quiser. Eu gastaria a porra de todo o meu dinheiro com vocês — murmurou, levantando-se em seguida. — Vou fazer o seu pedido — disse antes de se virar e caminhar em direção ao balcão.

Aproveitei aquele minuto sozinha para admirar o quanto ele estava gostoso naquela manhã, usando uma daquelas suas roupas sociais, calça e blusa em tom azul-marinho, relógio no pulso, anéis nos dedos como costumava usar e cabelos alinhados para trás. Um pecado.

Que tentação. Ele poderia ser um pouco mais feio, não? Minha nossa. Rafael estava completamente recuperado, os movimentos das suas pernas eram firmes, estava fisicamente forte e isso se dava pelos exercícios diários que eu sabia que ele fazia.

Desviei o olhar, pegando a minha bolsa, abrindo-a para pegar o celular. Aproveitei para mandar uma mensagem para minha mãe, avisando que chegaria logo em casa. Estava mais do que na hora de contar que ela seria avó.

— Daniele. Aqui. — Rafael tinha voltado, estava parado ao meu lado. Guardei o aparelho de volta na bolsa, para pegar o copo com a bebida que pedi. — Ia pedir dois, o que acha?

— Um parece bom. Obrigada — agradei com um sorriso, ajeitando o canudo para provar um pouco. — Delicioso. Hm... — Ele continuou ao meu lado, franziu um pouco o cenho, como se estivesse me analisando. — Quer? — ofereci, passando a língua nos lábios, sentindo-me um pouco estranha de repente.

— Não gosto de doces — murmurou rouco, afastando-se para voltar ao seu lugar e se sentar. — Se quiser mais alguma coisa, é só pedir. — Puxou o seu celular, que estava largado na mesa, dando atenção a ele.

Fiquei olhando os seus movimentos calculados, a forma rápida com que digitava alguma coisa, e mordi com força o canudo, curiosa para saber com quem tanto falava.

— Rafael, pode me levar em casa? — falei, deixando o milkshake na mesa.

— Hm. Já? — respondeu calmo e não tirou o foco do celular.

— É. Tipo agora. — Afastei a cadeira, levantando-me em seguida; peguei a bolsa, colocando-a de lado, e resgatei a minha bebida. — Vamos.

— Antes quero te levar a um lugar. Prometo que será rápido.

— Aonde?

— Você vai descobrir.

Fiquei sem entender, mas acabei aceitando ir com ele.



A única coisa que tinha passado pela minha cabeça era que aquele lugar parecia ser o espaço perfeito para levar Daniele e os gêmeos em sua barriga para conhecer. Tinha enviado uma mensagem para Eziel, pedindo que ele avisasse ao caseiro para que deixasse as chaves da casa ao meu dispor assim que eu pisasse os pés naquela propriedade que era uma de tantas outras que tínhamos. O mais novo dos irmãos respondeu rápido, confirmando que estava tudo sob controle e que se ocuparia do meu trabalho pelo restante do dia. Me dando tempo e espaço para de alguma forma amenizar as coisas com o meu anjo.

Nos últimos dias eu estava focado em abrir um novo negócio, limpo e sem ligação com a minha família, mas antes de levar aquele plano adiante precisava encerrar o capítulo trágico da minha quase morte. Havia um culpado e ele pagaria por isso, não pelas minhas mãos, porque aquele era um assunto de Gabriel e Eziel, os cabeças e chefes.

Nunca tinha sujado minhas mãos com sangue e nunca seria capaz.

Tudo indicava que o culpado por aquilo estava ligado ao Gabriel, algum de seus inimigos tinha me usado para mandar algum aviso ao cabeça-dura e travar o início de uma guerra com ele. O meu irmão era perverso quando queria ser e não teria chegado tão longe se não tivesse passado por cima de pessoas perigosas ao redor da cidade, quebrando as regras. Era de nosso conhecimento que ele ultrapassava sempre os limites, brincava com fogo sem ter medo das consequências, e a verdade é que nada nessa vida fica impune.

Eu havia sido mais uma peça no seu tabuleiro, a peça que caíra e quase morrera no jogo. Aquela situação era uma maldita confusão, que começara com o pai de Ísis morto, mulher do meu gêmeo Romeu, e parou em mim, mudando todo o rumo da história. Por sorte eu estava vivo e, mesmo os amando e a nossa ligação por tudo que tínhamos passado e construído ao longo dos anos, eu tive a minha segunda chance; escolheria ficar com os bebês e Daniele.

— Para onde estamos indo? — indagou curiosa, olhando pela janela do carro.

Aquela era a segunda vez que ela perguntava e eu quase ri.

— Você vai descobrir. Estamos quase chegando — respondi, prendendo o riso.

O meu pequeno anjo parecia uma criança e naquele momento apreciei a oportunidade de levá-la ali. Por um minuto pensei que fosse recusar, quando fiz a proposta, mas acabara aceitando, para o meu total e puro alívio. Ainda tínhamos muito para acertar sobre o “nós”, mas eu não desistiria da minha família.

— Vacas. Matos. Olha os passarinhos. — Apontou com um dedo e eu olhei de relance, não querendo tirar o foco da estrada.

Aos poucos vencia o medo de dirigir. As primeiras vezes que tinha parado para fazer isso, depois de estar devidamente estável de saúde e com os movimentos exatos nas pernas, as minhas mãos tremiam quando pegava no volante. Eu travava, a recordação do acidente voltava em peso. Não sabia como tinha conseguido vencer aquele maldito medo, porque não tinha ido a nenhuma sessão com a psicóloga que foi marcada pelos meus irmãos, embora as da fisioterapia eu não tivesse perdido nem uma.

— Sabia que você iria gostar. — Mantive o olhar fixo na estrada.

Fazia muito tempo que não pisava os pés ali, quase não me lembrava do caminho e utilizei como ajuda o GPS do carro. Estava próximo de chegar a nossa primeira parada. Tinha a esperança de que a Daniele fosse gostar quando chegássemos a minha casa que levava o nome de “Descanso”. Aquele era um lugar sagrado, puro, a que antes vínhamos aos finais de semana. Ficávamos os cinco irmãos em frente a uma fogueira, lembrando de que tínhamos um sobrenome, um sangue que nos ligava além das nossas diferenças. Mas, com o passar do tempo e acúmulo de trabalho na cidade, reunir todos em momentos como esse havia se tornado raro, ficando apenas na nossa memória. Uma sagrada recordação.

Conduzi o carro por uma curva que levava até o portão central, que logo foi aberto, quando chegamos em frente à enorme propriedade. Nos fundos da residência, morava uma família que cuidava da propriedade, mantinha as coisas organizadas e produtivas. O Gabriel se encarregava de manter tudo aquilo

prosperando, eles sabiam o quanto aquele lugar significava para o nosso elo.

Estacionei em um lugar reservado e tirei o cinto de segurança para sair do transporte, abrindo a porta para a Daniele.

— Meu Deus! Que lugar é esse, Rafael? — perguntou assim que saiu do carro.

— Bem-vinda. — Segurei sua mão sem a sua permissão, para deixar um beijo, pegando-a desprevenida. Ela arregalou os olhos castanhos. — Essa é uma de nossas propriedades, minha e dos meus irmãos. E futuramente dos nossos gêmeos — falei orgulhoso, sabendo que tudo que tinha, um dia, seria deles.

— Você está muito emocionado. — Afastou a mão para ajeitar o vestido no corpo. — E primeiro, os bebês ainda não nasceram, não acha que está cedo demais para falar essas coisas?

— Não é cedo. Desde que abri os olhos naquele quarto de hospital tudo que eu mais quero é aproveitar cada segundo da minha vida como se fosse o último. Se eu pudesse dar o mundo a eles e a você, não hesitaria, não pensaria duas vezes.

— O Rafael daquela manhã não diria essas coisas — ela me alfinetou.

— Você nunca vai me perdoar — eu disse baixo e senti o sabor amargo das palavras.

Aquela era uma maldita verdade dura e crua.

— Não, e que bom que você sabe disso — sua resposta foi vaga, levando-me a ter uma faísca de esperança de que um dia me perdoaria. — Hm, vamos entrar? Quero conhecer esse tal lugar... — mudou de assunto, passando logo na minha frente.

— Claro. — Respirei fundo, fechando por um segundo os olhos para tomar fôlego, equilibrando os pensamentos acelerados, para acompanhá-la em seguida.

Não desistiria facilmente.



— Eu amei este lugar — disse Daniele, enquanto pegava uma uva e levava até sua boca, para morder levemente, causando um rebuliço no meu pau. Era uma verdadeira tortura ficar do lado dela, sentir o seu perfume ainda que de longe. — Nunca passou pela sua cabeça morar por aqui? — perguntou.

Abri um sorriso de lado, admirando-a. Estávamos sentados na área externa da casa, após apresentar a Daniele cada canto daquele lugar.

Ela parecia apreciar aquela pequena estada, captando cada momento com seus olhos escuros, brilhantes e que iluminavam a sombra da escuridão dos meus. Era inexplicável estar ao lado dela e me alimentava daquelas migalhas de sua atenção para manter viva a esperança de que um dia voltaríamos a ser o que éramos antes de tudo ruir.

— Não — fui sincero. — Nunca passou pela minha cabeça. Na cidade tenho os meus irmãos e os nossos negócios para administrar, mas posso em algum momento cogitar essa possibilidade, afinal eu estou beirando os trinta e nove anos. Não há muita coisa nesta vida que me prenda mais, além de você e os bebês.

— Entendi. — Pegou outra fruta, devorando-a em seguida. — O que vocês são? Assim, eu sempre tive um pouco de curiosidade para saber com o que trabalha. Os seus irmãos parecem banhados no dinheiro e você também.

— Você continua curiosa, Melek. — Eu me ajeitei nas almofadas.

Havia pedido para a mulher do caseiro preparar um lanche para a Daniele, que aceitou sem reservas, e em seguida a trouxe para um espaço reservado e tranquilo para que descansasse um pouco os pés. Os dias que havíamos passado distantes, pude visualizar o quanto estava diferente, sentir a falta do seu peso, mais magra, com olheiras de quem provavelmente não estava dormindo nem um pouco bem, e eu não estava diferente. Tinha sobrevivido àquele distanciamento por pura sorte.

Não havia vida sem ela.

— Sem segredos, Rafael. — Ela me olhou, piscou os cílios e cedi à tentação de contar.

— Somos parceiros e sócios de um grande negócio espalhado pelo mundo. Eu sou dono de uma grande parte e provavelmente você não conhece as nossas empresas, uma delas está relacionada às boates que temos no centro da cidade.

— Hum. Eu não... Não conheço.

— Tenho certeza de que não. Afinal, se eu já tivesse visto você entrando em uma das nossas boates, teria me encarregado de tomá-la para mim.

— Você só iria fazer isso se eu quisesse. Não se esqueça disso. — Deu um risinho de lado, sendo irônica.

— Você seria minha, Daniele. Nunca fui um bom homem e, acredite, se a tivesse visto sozinha em alguma noite naquelas boates, teria a levado para o escurinho e te possuído enquanto a música tocava, pessoas dançavam... E sabe o que mais? — Passei a língua nos lábios. — Você não iria fugir.

— Como... como pode ter tanta certeza? — falou trêmula e vi seus olhos piscarem.

— Você pode me odiar com todo o seu coração, mas o seu corpo ainda é meu — soprei as palavras, movendo-me do lugar para me aproximar e pegar uma uva. — Sua boca é minha, os seus pensamentos estão em mim e a sua boceta deve estar pulsando por mim, toda molhada. — Mordi a fruta para provocá-la.

— Está errado, babaca. — Respirou fundo, desviando o olhar para o lado.

— Então olhe nos meus olhos — pedi me aproximando de vez de onde ela estava sentada, diminuindo a nossa distância para tocar em seu rosto. — Diga, porra. Diga que mesmo me odiando, querendo que eu suma da sua vida, você ainda me deseja. — Fechei os olhos, apertando-os com força. — Que ainda é minha e sempre vai ser.

— Você... me confunde. — Ela me encarou finalmente, fuzilando-me com o olhar, e ergueu a mão direita para bater em meu rosto. — Eu te odeio. — A ardência se fez presente na minha pele, mas ignorei, porque nada doía mais do que não a ter. — Isso não significa que te perdoei — sussurrou por fim e me beijou.



Que beijo!

A boca de Rafael era feroz, tomava tudo para si e não me dava tempo para respirar. Eu segurava na sua blusa como apoio, controlando a vontade de subi-la de vez. Sabia que era errado tomar aquela iniciativa em beijá-lo e que aquele era um caminho sem volta, mas o meu corpo traidor se recusava a se afastar, cedendo à maldita tentação. A saudade reprimida de dias. O babaca estava certo, ainda que eu o odiasse por ter feito o que fez, o meu coração ainda era dele. Só dele. Naquele momento eu só queria esquecer tudo e aproveitar aquele nosso momento.

Talvez fosse o último.

Lamentei-me por dentro ao pensar naquela possibilidade, enquanto a sua boca trilhava um caminho perigoso até o meu pescoço, ele sabia que ali era a minha parte sensível que me deixava em erupção. Rafael me provocava, deixando mordidas, lambendo onde a minha veia ficava marcada, arrancando suspiros

da minha boca. Aos poucos fui me inclinando para trás, deitando-me na manta de veludo estendida no chão para o nosso lanche, que fora servido minutos atrás pela mulher. Ele veio logo por cima, tendo cuidado para não me sufocar com o seu peso desproporcional ao meu, tomando a minha boca novamente em um beijo intenso. Eu me permiti tocá-lo, passando as mãos pelos seus cabelos ralos, alinhados e puxando-os devagar, quase chorando de emoção, saudade e amor.

Eu queria aquele homem.

Separei nossos lábios para recuperar o fôlego e Rafael me encarou, com seus olhos azuis. Pude ver o quanto estava abalado pelas emoções assim como eu. Sua mão esquerda tocou o meu rosto para descer com a ponta dos dedos até os meus lábios, passando-os naquela parte, arrancando-me um pequeno gemido baixinho.

— Ah, porra. Eu senti falta disso. De você, nós. — Encostou a testa na minha, e relaxei um pouco, embriagada pelo seu cheiro natural.

— Nós não... — Não me deixou terminar de falar, selando os meus lábios.

— Não fale mais nada, por favor. Eu só preciso de um pouco de ilusão para continuar vivendo a vida de merda que tenho sem você do meu lado. — Segurou o meu rosto com a palma da mão, fazendo-me encará-lo, e preendi por um segundo a respiração. — Eu não posso viver sem o seu beijo, sem a sua boca — murmurou contido e soltou uma mão da minha pele para descê-la até o meu ventre. — Sem os nossos bebês. Os meus filhos.

— Rafael — tentei responder, mas as palavras se perderam com sua declaração, fazendo o meu coração bater acelerado.

Céus. O que eu faria?

— Me deixe amá-la — disse em um rosnado, ainda tocando na minha barriga coberta pelo vestido, com carinho, e quase acreditei que realmente os queria. *Será?* — Só por hoje e nada mais. E saiba que não importa o quanto eu tenha que lutar para conquistar você, eu não vou desistir facilmente da nossa família. Você é ainda a porra da minha mulher, deixe-me provar isso. — Veio com a boca para o meu pescoço, raspando os pelos da barba recém-feita na minha pele.

— Sim. — Fechei os olhos e abri em seguida, respondendo.

Só dessa vez. Era o que eu dizia mentalmente para mim mesma e acreditava naquela promessa falsa.

— Caralho, mulher, eu te amo porra!

Abri a boca em choque, como se o meu mundo tivesse parado naquele momento.

Ele me amava. *Não.*

Ele tinha me rejeitado. Rejeitado a minha gravidez. *Como podia?*

Fiquei parada, tentando raciocinar o que havia dito e para afirmar novamente as palavras ainda confusas em minha cabeça. Rafael segurou nos fios dos meus cabelos com um pouco de força, arrepiando-me inteira para sussurrar de novo.

— Eu te amo, Melek. Você tem a porra do meu coração. — Me deu um beijo demorado nos lábios, apaixonado, para descer com o seu corpo até a minha barriga. Ergueu o meu vestido para cima, encostou a cabeça na minha pele e beijou a minha barriga plana

várias vezes. — Eu amo vocês, bebês. A porra do amor sempre foi uma maldita droga que eu julgava nunca ser capaz de experimentar até conhecer a mãe de vocês e isso mudar completamente. Me perdoem por reagir daquela forma quando descobri que já estavam aí. Eu nunca quis deixar vocês, ouviram? Nunca quis. O papai é um idiota que tem muito a aprender e, por favor, até lá não desistam de mim, estamos entendidos? Ótimo. — Beijou novamente, e não aguentei, deixando as lágrimas escorrerem pelos meus olhos. — Agora o papai vai roubar a mamãe e fazê-la se sentir única, a minha mulher.

Apertei os olhos, fechando-os. Não tinha forças para encará-lo, pois sabia que se fizesse aquilo seria como perder uma guerra que estava sendo travada entre nós. Rafael não me deu tempo, vindo logo mais em minha direção para beijar cada uma das minhas lágrimas, sem se preocupar que estávamos em uma área aberta, sozinhos, tendo o céu como testemunha da sua redenção, em que eu acreditava. O que ele tinha dito era real e eu conseguia sentir verdade nas suas palavras. Poderíamos não ficar juntos para sempre como eu sonhava, mas os meus bebês teriam um pai que os amaria.

— Não chore. Eu estou aqui com você e vou amá-la. — Tocou com o dedo em meu queixo delicadamente; quando me beijou, saboreando-os, senti o gosto salgado nos lábios dele.

Levei as mãos ao redor do seu pescoço, envolvendo-o e trazendo seu corpo para junto do meu como se pudesse nos fundir em um só. Aos poucos fui me deixando levar pelas sensações provocadas pelo beijo suave que tocava na minha alma, permitindo-me ser amada por aquele que tinha entrado de forma devastadora

em minha vida. Ele carinhosamente foi afastando a boca para descê-la até o vão dos meus seios, raspando o nariz ali e me arrepiando.

Éramos apenas nós.

Suas mãos se infiltraram por baixo do meu vestido, tirando-o de vez por cima da minha cabeça, e seu olhar me devorava como sempre fazia quando estávamos juntos. Veio logo abrindo o meu sutiã para deixá-lo de lado e atacar com a boca, sugando os bicos um por um. Eu me rendi ainda mais ao gemer, contorcendo o corpo para o lado, e ele tratou de me manter parada a sua mercê, dominando-me toda. Mamou em cada mamilo, revezando na mesma intensidade; deixou mordidas suaves como se soubesse o quanto estavam sensíveis desde a descoberta da gravidez. Eu sabia que o Rafael estava sendo contido, tentando ir devagar e isso me deixava cada vez mais louca, perdida e querendo mais. Desceu com os beijos até a minha calcinha, deixando uma mordida na minha coxa para tirar de vez a peça restante, mas antes de descartá-la fungou o meu cheiro, deixando-me vermelha.

— Safado!

— Você nunca reclamou, Melek. — Deixou-a de lado para levar o dedo à boca, chupá-lo devagar e conduzi-lo em seguida para a minha boceta. — Veja só. — Passou-o pela minha entrada, roçando no meu ponto de prazer. — Toda molhada e tão minha. Vou provar do meu sabor favorito, a minha droga. — Levou a boca até a minha intimidade, passando a língua pelos pequenos lábios, captando minha pele e deixando mordidas para me atigar ainda mais, até que enfim se fartou, sugando o meu clitóris, fodendo-me desesperado, faminto como sempre era.

Inclinei a cabeça para trás e os meus cabelos acompanharam o movimento. Remexi a cintura em sua direção, quase me esfregando sem um pinga de vergonha. Rafael sabia como me tocar, me deixar louca e à beira de implorar para me tornar sua. Senti quando penetrou um dedo na minha boceta, que aceitou, receptiva e quente demais, e me arrancou um gemido alto. Começou a movimentá-lo com rapidez, indo e voltando, sem parar de me chupar, lambendo e mantendo a língua circulando a minha entrada. Eu sentia que não conseguiria aguentar muito e que era demais. As sensações misturadas e que davam lugar ao prazer sublime. Rafael penetrou outro dedo, seguindo um ritmo acelerado, fazendo uma pressão exata no meu ponto, e gritei pelo seu nome, alcançando o ápice.

— Delícia, Melek. Eu amo te assistir gozar na porra do meu dedo, mas o meu pau fica com ciúmes e quer essa boceta só para ele — o safado murmurou rouco.

Não consegui responder nada, energizada pelo orgasmo que me havia devastado.

— Eu vou te foder tanto, Melek. — Tirou os dedos para levá-los à boca, chupando-os um por um. — Continue assim com essa boceta aberta. — Ele se afastou para abrir o zíper da sua calça, descê-la até o joelho e tirar o pau da cueca, segurando-o com a mão. — Queria sua boquinha atrevida aqui, mas vamos ter tempo para isso. — Masturbou o seu mastro enquanto me encarava nos olhos.

— Cala boca. Só... vem logo. — Puxei o fôlego, mordendo os lábios.

E ele veio, posicionando-se por cima para em seguida beijar todo o meu rosto, seu pau se acomodando de pouco em pouco em

minha boceta. Senti que daquela vez era diferente, que não era só sexo, que o Rafael estava determinado em me amar.

A palma da sua mão esquerda fazia um carinho em meus lábios e gemi quando senti o seu pau me penetrar por completo. O incômodo pelos dias distantes se fez presente, mas logo sumiu quando sua boca tocou a minha, beijando-me. Abracei sem reservas, sem medo o seu pescoço, retribuindo com sede, paixão e idolatria. Rafael rebolava a cintura, dando estocadas lentas. Saiu todo para entrar de uma vez, fazendo com que eu me mexesse querendo mais e mais. Aos poucos foi perdendo o controle, para a minha total alegria, descendo a mão até minha bunda, apertando com afinco, e meteu sem dó, com toda sua força. Finalizou o beijo para segurar em meu queixo, trazendo-o para perto do seu, os nossos olhos fixos.

— Minha. — Estocou seu pau cada vez mais fundo, gemendo rouco próximo aos meus lábios, sua mão não dando trégua a minha bunda para logo apalpar forte. — Nunca se esqueça disso, Melek. E que eu te amo, porra. Te amo, mulher!

Eu também te amo, babaca. Pensei em abrir a boca e responder, mas o silêncio se fez presente, me travando toda em meio à sua declaração. Era óbvio que eu o amava com todo o meu coração, mas ainda não estava pronta para me declarar assim, não quando uma parte do meu coração ainda estava ferida. Rafael não se importou com a minha falta de resposta e continuou me fodendo, comendo a minha boceta, feroz, o calor do momento nos consumindo e nos levando para outra dimensão. Senti que estava caindo em um abismo, mas o seus braços fortemente me

alcançaram e ele explodiu, gozando dentro de mim, marcando-me toda.

Sua!

Rafael não parou mesmo após se derramar em mim, continuou dando estocadas e seu dedo encontrou o meu clitóris. E me masturbou até que relaxei, gemendo alto, manhosa. Rendida por aquele homem que tomava tudo para si, encontrei logo o meu prazer, que se formara aos poucos, e fui quebrada pelo orgasmo.



DIAS DEPOIS

Se eu não te amasse tanto assim...

Quando voltei do passeio inesperado, no final da tarde, com o pai dos meus filhos, aproveitei para apresentá-lo formalmente à minha doce mãe e contar em seguida que teríamos um bebê. Ainda me recordava de como Rafael reagira a toda aquela situação, com naturalidade e vibrando de felicidade. Com a minha mãe não foi diferente, ela ficou à beira de explodir de tamanha alegria, tirando um enorme peso do meu coração, que julgava que ela não aceitaria muito bem aquela novidade. No fim tinha dado tudo certo.

Os dias passaram voando e aos poucos a minha barriga ganhou um pequeno volume, quase entregando para quem quisesse ver que ali crescia um bebê, na verdade dois. Os sintomas da gravidez ainda tiravam o meu sono e me deixavam indisposta. A minha rede de apoio era a minha mãe, que me ajudava e tinha todo cuidado com a minha alimentação. Sabia que era ela quem merecia cuidados pelo seu problema de saúde, mas nessa altura do campeonato os papéis haviam sido invertidos até que eu conseguisse colocar a minha vida no eixo.

Era o que eu acreditava.

Estava fazendo economias com o que tinha ganhado nos últimos anos e o que ganhei enquanto fiquei cuidando do Rafael em seu apartamento, mas sabia que aquele dinheiro não duraria para sempre e precisava encontrar logo um trabalho. Todos os dias conferia o meu e-mail esperando ser chamada para algum serviço na minha área, de enfermagem, mas era sempre a mesma coisa; nada. Tentava manter viva a fé, mas, com uma casa para cuidar e

dois bebês chegando, ficar sentada, esperando pelo milagre não era uma opção favorável.

— Vai ficar só olhando para essa vitamina, filha?

— Hm, não estou com fome. — Torci os lábios, fazendo careta.

Estava sentada no sofá da sala com a minha mãe ao meu lado, enquanto ela bordava uma manta, que, segundo me disse, seria para os meus bebês. Nas últimas semanas era o que mais fazia; planejar peças que os gêmeos usariam em breve.

— Sabe que precisa se alimentar melhor. Está cada vez mais magra e isso não é nada bom. — Parou o que estava fazendo, para me olhar e começar um de seus sermões. — Quando é a sua próxima consulta, minha filha?

— Semana que vem — respondi, procurando o meu celular no bolso da calça, e abri o aplicativo de mensagens.

Estava lotado com o grupo em que Natália tinha me adicionado, os preparativos para o chá do seu bebê estavam a todo vapor.

Eu ainda guardava um pouco de raiva por ela ter vazado a informação da minha consulta para o Rafael, mas apesar disso mantinha ainda um vínculo superficial com ela. Algumas vezes respondia a seus recados, outras apenas ignorava, e naquele curto período de tempo pude conhecer a esposa do Romeu, gêmeo do babaca. Ísis e sua filha coloriam o grupo com vídeos, áudios e eu me pegava participando daquilo. A colorida queria me colocar naquela família, enquanto eu, por outro lado, continuava evitando contato com o Rafael, ignorando o que tinha acontecido entre nós dois. Ainda me sentia abalada com tudo, lembrando-me de suas declarações, mas tinha optado por dar tempo ao tempo, deixar que as coisas no momento certo encontrassem o seu devido lugar. Ele

todos os dias me ligava, trocávamos apenas duas palavras e logo desligava. Era pelos gêmeos. Todos os finais de semana ele passava na minha casa e por ali foi-se criando um vínculo; a minha mãe estava apaixonada por ele assim como os meus irmãos, mas eu ficava neutra.

Tentava disfarçar o quanto ficava incomodada todas as vezes que o via chegar usando uma daquelas suas roupas formais, banhado no luxo; seu perfume impregnava todo o ambiente, e eu controlando a vontade de correr para abraçá-lo. *Não posso ceder!* Aos poucos ele demonstrava que estava arrependido, tentando de alguma forma fazer parte da vida dos nossos filhos, e eu o admirava por isso. Nunca é tarde demais para se redimir, mesmo que jamais voltássemos a ficar juntos. *Tonta!* Eu acreditava fielmente que as coisas deveriam continuar assim.

Será?

— Muito bem! Bom, eu vou ao mercado fazer umas compras para o jantar enquanto você fica aí devorando esse copo de vitamina todo, estamos entendidas? — Deixou o bordado na cadeira para se levantar em seguida.

— Eu vou com a senhora, mamãe. — Deixei o celular de lado no sofá, para me levantar. — Só vou trocar de roupa...

Ela me cortou, respondendo logo:

— Oh, não precisa se preocupar. Eu vou rapidinho, minha filha. — Veio em minha direção, para beijar o topo da minha cabeça. — Descanse. Daniel e Davi — quase berrou, chamando os meus irmãos, que estavam na área da casa jogando bola.

— Tudo bem, então. O meu cartão está na carteira da bolsa que está na primeira porta do meu guarda-roupa — expliquei,

sorrindo para a minha mãe.

Os meninos logo chegaram, correndo e a abraçando pela cintura.

— Eu já disse que não precisa se preocupar.

— Como assim não, mamãe? Eu tenho dinheiro reservado para as compras. — Franzi o cenho, confusa com sua resposta.

— É tudo que você precisa saber. — Afastou-se, virando as costas para subir para o quarto com os meus dois irmãos.

— Mamãe, como assim? O que eu preciso saber? — Decidi acompanhá-la, indo logo em seguida atrás, mas ela parecia determinada a não me contar nada.

— Filha, não seja teimosa. Apenas descanse e logo estarei voltando.

— Não sem antes me contar essa história direito. — Cruzei os braços, parando na porta do seu quarto, ela já tinha entrado e estava procurando uma roupa no armário. — Vamos, mamãe, eu estou esperando.

— O que, minha filha? — Virou-se para me olhar. — Não é nada de mais. Apenas que... o pai dos seus filhos está tentando cuidar de vocês. Satisfeita agora?

O que Rafael tinha a ver com aquilo?

— Ele te deu dinheiro? O que quer dizer com isso?

— Ora, minha filha. Você mal o deixa se aproximar, quando ele chega na nossa casa fica toda contida e não o deixa falar menos que duas palavras. O Rafael está preocupado com a sua saúde e quer dar alguma ajuda; sabe que se tentasse fazer isso diretamente, você recusaria. Não vejo problema algum nisso. — Foi como se tivesse jogado uma bomba em minhas mãos. — Além do mais, esta

casa em breve estará em seu nome e não precisaremos mais pagar aluguel.

Arregalei os olhos. Uma coisa era ajudar, outra era comprar o nosso canto.

— Chega, mamãe. Eu não quero ouvir mais nada. — Ergui a mão em sinal de rendição, saindo dali para caminhar até o meu quarto.

Entrei nele em seguida e às pressas tratei de encontrar uma roupa confortável para sair. Eu precisava resolver aquele assunto.

Peguei a primeira peça que encontrei no guarda-roupa, uma calça jeans e uma blusa moletom soltinha. Calcei os sapatos e peguei a minha bolsa de lado, saindo logo mais para descer até a sala. Guardei a chave reserva no bolso e caminhei até a porta, saindo de vez sem ao menos avisar a minha mãe, porque aquela era uma conversa para outra hora. Aproveitei para pegar o celular e mandar uma mensagem para Natália, que saberia onde encontrar o babaca do Rafael.

“Preciso falar com o seu cunhado. Sabe onde ele está?”

Sua resposta foi imediata.

Nat: *“Não sei se é um bom momento, mas ele está em reunião na casa dos irmãos. Precisa de carona, querida?”*

Assim que vi o que tinha enviado, guardei o celular na bolsa.



Estava de frente para a casa dos irmãos Sanchez, ainda parada na mesma posição desde que saí do carro de aplicativo que

peguei para me levar a minha parada. Pela primeira vez, não sabia o que falar e o que estava confuso ficou ainda mais quando ouvi as confissões da minha mãe; tinha pegado não só de surpresa como me deixara em estado de choque. Sabia do que ele era capaz, só não imaginava que iria tão longe a ponto de querer comprar aquele lugar. Rafael estava de alguma forma tentando cuidar dos bebês, ainda que de longe e sem o meu consentimento.

Precisava conversar com o pai dos meus filhos de uma vez por todas, porque, mesmo ainda nutrindo rancor, raiva e paixão por ele na mesma proporção, daquela vez estava disposta a dar uma chance para nós. Suas demonstrações e atitudes das últimas semanas me surpreenderam. Ele não tinha desistido, agia como prometera. Mesmo que me tirasse do sério com aquela insistência, respeitando de certa forma o meu espaço e tempo, eu conseguia sentir o seu cuidado, o seu amor real.

— Está perdida? — uma voz rouca me fez dar um saltinho para trás, assustada.

Eziel. É claro que eu nunca me esqueceria dele.

— Não. — Respirei fundo, recompondo-me para me virar e olhá-lo nos olhos. — Quero falar com o seu irmão — fui clara.

— Imagino que ele queira a mesma coisa. — Deu passos em minha direção e passou a mão nos cabelos. Era um homem alto, sua fisionomia lembrava um pouco Miguel. Todo coberto de tatuagens pelos braços, pescoço e piercing no nariz. — O que está esperando para entrar? A casa é toda sua, patroa. — Indicou com o olhar. — Mas antes me diga, está grávida mesmo? — perguntou.

— Sim. — Sorri de lado, buscando o pouco de coragem que restava para atravessar a rua, ignorando-o, e passei pelo portão da

frente.

Toquei na porta principal e ela por sorte estava aberta. Entrei de vez e senti uma vontade absurda de voltar correndo para onde estava, mas eu não podia fazer isso.

Tudo estava silencioso como costumava ser por ali, mas caminhando pela enorme sala ouvi de repente umas vozes, risadas na área externa e as segui, acompanhando de onde o som vinha. Parei na porta que dava acesso ao ver quem era. Rafael. Era ele e uma mulher. Ambos sentados em uma poltrona, cada um folheando algum documento em mãos para os quais não dei importância alguma, focando apenas no que acontecia. Poderia ser qualquer pessoa, mas aquilo me fez recuar.

Eu teria corrido se ele não tivesse me visto quando ergueu o olhar.

— Daniele — falou chamando minha atenção. A mulher que estava ao seu lado, loira de cabelos longos, olhos verdes, me encarou também, observando tudo. — Você... Oi. Está tudo bem? — disse pausadamente, como se não tivesse acreditado que eu estava ali à sua frente.

— Uhum. Não quero atrapalhar vocês — eu disse com desdém, fazendo um gesto com o dedo. — Volto em outra hora.

— Não. Fique, por favor. — Caminhou rápido até onde eu estava, alcançando-me, e segurou em minha mão direita. — Não estava esperando por você, mas estou feliz por vê-la aqui. Fique — estava quase implorando.

— Não. — Afastei a mão, dando um passo para trás. — Continue o que estava fazendo. Vejo que estava em boa

companhia, não é mesmo? Ops, me esqueci que você não muda, continua sendo o mesmo de sempre.

— O quê? Não. Porra, não é nada do que você está pensando, eu posso explicar, Melek — murmurou quase baixo e tentou de novo me tocar.

— Eu não quero ouvir nem uma palavra que sai da sua boca. É tudo mentira.

— Daniele, ela é...

— Adeus, Rafael. — Virei as costas, saindo dali o mais rápido possível.

Uma parte do meu coração que pertencia a ele tinha se quebrado.



Ela tinha me deixado pela segunda vez.

Todas as tentativas para provar que eu estava rendido, arrependido e determinado a ser um pai de verdade para os gêmeos e um homem digno para Daniele haviam caído por terra. Ela tinha me deixado sem ouvir o que eu tinha para falar. Como um furacão, a minha garota tinha chegado naquela tarde me procurando, parecia serena, estava com um brilho no olhar que alimentou a minha alma sombria, mas foi questão de segundos para que fosse embora, escapando pelos meus dedos.

De novo.

Eu não sabia mais o que fazer para provar que a amava de verdade quando a Daniele se mostrava relutante quanto àquilo, presa a minha antiga e suja versão. Nos últimos dias estava sobrevivendo com pequenas migalhas dadas pela minha mulher, que, desde que a tive em meus braços tomando tudo de mim, havia decidido me ignorar por completo; como se aquilo não tivesse

significado nada quando para mim foi tudo. Ainda aceitava as minhas ligações, respondia quando eu falava e perguntava sobre os bebês quando passava em sua casa para visitá-la, mas era apenas isso e nada mais. No entanto, nem mesmo esses empecilhos no caminho me faziam desejá-la e amá-la menos. Eu iria até o fim, por ela e pelos nossos filhos. O que distraía a minha cabeça, tocando a vida, era comandar o meu novo negócio, que aos poucos ganhava vida e cor. Estava cada vez mais motivado a fazer as coisas certas enquanto meus irmãos resolviam as questões do nosso passado. O culpado pela minha quase morte estava na mira de Gabriel, o seu inimigo declarado, e agora meu irmão mesmo trataria de colocar um ponto-final nisso.

Uma página fechada.

Naquela tarde em que fui flagrado ao lado de uma mulher pela voz de anjo, Daniele tinha entendido tudo errado; tratava-se de ninguém menos que uma consultora de negócios, que havia sido contratada para me auxiliar naquele novo ramo em que eu estava ingressando. Queria abrir uma multinacional em outro lugar, longe de tudo, e tinha todo um projeto orçamentado com a ajuda do meu gêmeo, que seria o meu sócio. Estava só esperando o momento certo para contar a Daniele a novidade, que eu estaria indo embora daquela cidade e me desligando de vez dos negócios ilícitos, mas ela não me deu tempo para explicar.

Os meus três irmãos, no calor do momento, já estavam cientes da minha decisão e, sem relutância alguma, concordavam, dando-me total apoio naquela nova jornada; pena que não quisessem papo com o Romeu, que se mantinha longe com sua família. E para mim faltava ainda o elemento principal, que dava sentido a tudo. A mãe

dos meus bebês. Fazia mais de duas semanas que tentava falar com ela para me explicar, mas todas as minhas ligações eram ignoradas com sucesso. Tentei ir a sua casa para conversar cara a cara, mas sempre era sua mãe que me atendia, falando que desse o tempo a Daniele. Eu voltava todas as vezes para casa cabisbaixo, perdendo as esperanças. Ainda continuava ajudando-as financeiramente e não queria que nada lhe faltasse, mesmo que me odiasse um pouco mais por aquilo, porque eu sabia que era do seu conhecimento. A minha garota poderia não me querer, mas eu faria de tudo para cuidar da minha família de longe.

Eu os protegeria.

— Rafael. Porra... Você voltou a beber? — perguntou Miguel, entrando na sala do meu escritório.

Eu tinha abandonado de vez o meu apartamento para ficar ali com eles pelo tempo que ainda restava até que eu fosse embora da cidade para tocar o meu novo negócio. Uma parte de mim ficaria com a Daniele e os gêmeos.

— É só uma dose e nada mais. — Peguei o copo da mesa, erguendo-o no ar.

— Quebrando sua promessa, idiota? Que porra está acontecendo, irmão? — Puxou a cadeira, para se sentar em minha frente, pegando a garrafa de uísque.

— *Acontecendo?* — Quase ri, sem som, incrédulo de sua pergunta. Ele sabia exatamente o que acontecera e sua esposa era amiga da minha garota, os dois estavam por dentro de tudo. — Eu vou embora nesse final de semana. O Romeu está me esperando, finalmente vou conhecer a minha adorável sobrinha, não soa quase

estranho isso? E pensar que eu já quis a mulher dele. — Peguei minha bebida e dei um gole de uma vez.

— Idiota. Isso é coisa do passado. — Abriu a garrafa e deu um gole, me acompanhando. — E vai deixar a sua família? A porra da sua mulher e seus filhos?

— Ela não me quer por perto. Daniele me odeia — falar isso tinha um sabor amargo e o meu coração se apertava ainda mais. — Me odeia — repeti. — O que posso fazer de melhor é sair da sua vida de uma vez por todas. Quero vê-la feliz com os nossos filhos e, para isso acontecer, eu preciso partir para longe.

— Sabe que isso não é a melhor saída. — Parou de beber para me encarar. — Tente conversar com ela pela última vez e só assim poderá tomar essa decisão.

— Não há o que conversar, irmão. Ela não me deixa chegar perto, recusa todas as minhas ligações e além do mais... — Apertei o punho, dando um soco na mesa. — É melhor assim. Daniele nunca me perdoará por tê-la rejeitado naquele dia.

— Você explicou os seus motivos, babaca. Tenho certeza de que ela vai te perdoar. Ainda que não pareça e seja quase impossível de acreditar, aquela garota te ama.

— Caralho! Não é verdade. — Apontei um dedo em sua direção.

— Espero que não se arrependa por escolher o pior caminho quando poderia continuar aqui, tentando conquistá-la quantas vezes fosse necessário.

— Eu nunca vou desistir de fazer isso, irmão. Apenas vou dar o que ela tanto quer — abri os braços para ilustrar minhas palavras —, tempo. Tempo ao tempo.

— Duas cabeças duras. — Estendeu sua mão para tocar na minha. — Conte comigo, babaca. Eu vou cuidar da sua família enquanto você estiver fora.

— Eu estava contando com isso. — Apertei a sua selando o acordo. — Agora me ajuda a derrubar o resto deste litro. — Eu me ajeitei na cadeira e sorri de lado.

— Aos velhos tempos.

— Aos velhos tempos — devolvi as palavras, servindo-me com mais uísque.



As horas passaram e não me dei conta de que tinha chegado ao final da tarde. Miguel tinha me ajudado a devorar aquela bebida, perdidos em conversas paralelas, até que sua mulher chegou à sala para buscá-lo e nosso momento de irmãos acabou.

Estava me sentindo um pouco sonso pelo efeito do álcool, caminhei para o meu quarto, descartei toda a minha roupa em cima da cama e fui tomar uma ducha. Não demorei para terminar o banho, saí enrolado na toalha e vesti uma calça preta, colocando a primeira blusa que achei na frente, para em seguida pegar o meu celular com as chaves do carro. Enquanto saía do quarto, abri o chat de mensagens para digitar um recado para a Daniele, que estava fazendo poucos segundos online.

“Eu te amo. Estou indo te ver...” Enviei logo e guardei o aparelho no bolso.

Desci as escadas, passando pela porta da frente, que estava aberta, para ir em direção à garagem onde estavam os nossos carros. Destravei o alarme do meu modelo BMW X1, e entrando nele coloquei o cinto de segurança. Respirei fundo antes de girar a chave e ligá-lo. Sabia que não deveria fazer aquilo nas condições em que me encontrava, mas não dei voz à razão que falava na minha cabeça e agi pela emoção. Arranquei com o carro certo de que iria ver a minha mulher antes de partir. O meu celular começou a vibrar e peguei com a mão livre, atendendo logo, sem ver quem era o número na tela.

— Rafael — era a voz do meu anjo e eu não estava delirando.

— Estou indo te ver — murmurei quase embolado.

— O quê? Rafael, você bebeu? Pare o carro agora! Está me ouvindo?

— Será rápido. — Estava com o olhar focado na estrada, mas senti uma pequena tontura, que fez com que meus olhos se fechassem por um minuto. — Eu te amo...

A minha mão que estava no volante começou a tremer sem parar, lembranças do acidente vieram em peso, roubando o meu fôlego, fazendo o meu coração se acelerar, e perdi o controle do carro, desviando para uma direção contrária da estrada. Não consegui abrir os olhos e aos poucos perdia a consciência, ao sentir que nunca voltaria a ouvir aquela voz. Daniele.

Nós.

Os bebês...

— RAFAEL!



Aparecer em sua casa naquela tarde havia sido um erro dos grandes, provando mais uma vez que o Rafael era um babaca e aquilo nunca tinha mudado. Eu já deveria estar acostumada com isso, que ele nunca seria capaz de mudar o que estava enraizado em seu sangue, mas ninguém nunca se habitua com o lado torto da vida. Estava cada vez mais difícil remover aquele sentimento dentro do meu peito e o maldito ciúmes pelo babaca me deixando cega.

— O pai de vocês é um idiota — sussurrei, fazendo carinho em círculos na minha barriga exposta. — Eu juro que tento entendê-lo, mas ele não colabora... Será que vocês vão também perder a paciência com aquele babaca? Eu espero que não, bebês, realmente espero que tudo seja diferente. — Fechei os olhos, apertando-os.

Toda história tem dois lados assim como uma moeda, mas eu preferia acreditar no que os meus olhos tinham visto. Rafael tinha seguido sua vida na primeira oportunidade e vê-lo ao lado daquela

mulher só provava isso. *Eu era substituível. Ou não.* Aquela cena ficava passando pela minha cabeça, dando voltas e mais voltas. Era duro imaginar que outra mulher ocuparia os braços que eram meus, a boca que me beijava com idolatria e paixão. Pensar nisso era dilacerante e não dei oportunidade para que ele se explicasse, as suas mentiras não me convenciam. As suas tentativas de se aproximar eram todas vãs, suas ligações eram todas recusadas e eu tinha me fechado completamente para ouvi-las. *Tempo ao tempo.*

Com o avanço da gravidez dos gêmeos, as minhas emoções pareciam ficar cada vez mais intensas e o que me dava ânimo era ver que os meus bebês estavam bem, crescendo fortes e saudáveis, ainda que eu tivesse resistência à minha alimentação. Aos poucos conseguia vencer aquelas fases, inclusive os enjoos, que, com os chás ensinados pela Natália, estavam amenizando aquilo cada vez mais. Havia dado uma segunda chance para a cabelo rosa, voltando frequentemente a conversar com ela, que se convidou para me levar a uma das consultas com a médica. Eu me apegava a momentos como esse, conectando-me com novas pessoas para esquecer a mágoa que apertava o meu coração, na tentativa vã de esquecê-lo.

Era vã.

Naquela tarde estava com o celular na mão atenta às mensagens no grupo das meninas, ainda nos preparativos do chá do bebê da Natália, que se aproximava, quando uma foto enviada pela Ísis chamou a minha atenção assim como o texto embaixo dela. Era a mulher que estava naquele dia ao lado de Rafael, dessa vez era com o seu gêmeo, jogando na minha cara a verdade dura e crua. A imagem era de um mês atrás em que a mulher estivera na cidade de Romeu. Parei colocando a mão na boca, em choque por

estar dessa vez completamente errada. A loira era ninguém menos que uma profissional e que estava ali a trabalho, aparentemente ajudando os dois irmãos Sanchez em um novo negócio.

O que eu tinha feito? Respirei fundo e digitei uma mensagem em resposta.

“Isso é verdade? Ela é uma consultora mesmo? Jura?”

Segurava o aparelho com a mão direita e a outra mantinha em minha barriga. A Ísis não demorou para me responder:

Ísis Andrade: “Sim. Ela é minha amiga. Está na cidade ajudando o Rafael...”

A culpa me acertou em cheio, arrancando dos meus olhos uma lágrima solitária. Havia sido enganada pela minha intuição e me fechado para ouvir a verdade que estava o tempo todo clara. Fechei logo o chat de conversas para procurar pelo contato do Rafael, precisava daquela vez me redimir, assumir o meu erro, e ele tinha que me escutar falar tudo que eu tinha para falar. Céus, o Rafael precisava ouvir...

Obra do destino ou não, ele tinha acabado de me enviar um recado.

Babaca: “Eu te amo. Estou indo te ver...”

Foi impossível não sorrir, passei as mãos no rosto e apertei no botão, ligando.

— Rafael — falei rápido, assim que me atendeu.

— Estou indo te ver. — Nada havia me preparado para ouvir sua resposta, que entregava o seu estado atual, a voz estava arrastada e eu soube na hora que tinha bebido.

— O quê? Rafael, você bebeu? Pare o carro agora! Está me ouvindo? — insisti na pergunta, as minhas mãos logo começaram a

ficar trêmulas.

Ele não podia...

Bebida e carro.

— Será rápido. Eu te amo...

O celular que estava na minha mão quase caiu quando ouvi o que tanto temia.

— RAFAEL! — gritei alto e ele não me respondeu. — NÃO! POR FAVOR, NÃO ME DEIXE. RAFAEL! — O desespero me consumiu, o medo tomou conta e chorei.

Deixei o meu aparelho cair na cama, sendo vencida pelas lágrimas, abraçando com as mãos a barriga. Aquilo não podia estar acontecendo, eu me recusava a acreditar. Reuni coragem por mim e pelos bebês para pegar o celular de volta, ligando para a primeira pessoa que encontrei.

A mulher de Romeu entrou em pânico quando atendeu a ligação, ouvindo o que eu falava rápido mesmo que tivesse dificuldade para interpretar as minhas palavras, mas logo tratou de me ajudar. A Ísis encerrou a ligação, mas antes avisou que eles chegariam logo à cidade. Não sei quantos minutos passaram, eu estava deitada em prantos, em posição fetal, quando a porta do meu quarto foi aberta, passando por ela Natália, seu marido e Eziel. Eles estavam sabendo do que tinha acontecido e vieram me buscar. Não me preocupei com o que estava vestindo ou o que ficaria para trás, eu os acompanhei.



— Aqui. É um chá de camomila que vai te ajudar a ficar mais calma — ofereceu Natália, que em seguida se sentava ao meu lado em uma das cadeiras do hospital. — Nunca imaginei que uma coisa dessas aconteceria de novo.

— Obrigada. — Aceitei, fungando pelas lágrimas que insistiam em cair. — Eu... não sei o que dizer. Estava a um passo de me desculpar por ter sido uma idiota com ele no dia em que o encontrei com aquela mulher. Eu só queria ter tido uma chance para...

A minha fala foi cortada pelo choro.

— Oh, querida, eu sinto muito por isso. — Ela esticou a mão para tocar na minha, apertando, dando um pouco da força que eu tanto precisava naquele momento. — O Rafael vai ficar bem, felizmente foi apenas uma batida e ele estava protegido.

— Você... Os médicos te falaram isso?

— O Gabriel ficou sabendo de todos os detalhes do acidente em primeira mão, quando aconteceu não demorou muito para sermos avisados. O pouco de bom senso que ainda existe no Rafael fez toda a diferença, estava com cinto de segurança e tentou frear o carro impedindo que o impacto fosse grande na árvore. Ele vai ficar bem, ouviu? Você sabe que aquele homem é duro na queda.

— Sim, mas... — murmurei baixo.

Eu quase o perdi.

— Beba um pouco do seu chá, vai ficar tudo bem, minha querida. Tenha fé.

Olhei para a Natália e concordei balançando a cabeça. Tudo tinha que terminar bem. Dei pequenos goles no que fora oferecido por ela e vi de relance os três irmãos chegarem, encostando-se logo na parede. Me animava saber que, apesar de serem sombrios,

misteriosos e de terem me ameaçado no passado, ambos estavam sempre ali, prontos para agir, porque pelo Rafael fariam o que fosse possível para salvá-lo e protegê-lo. Todos aqueles anos que passei cuidando enquanto ele ainda estava em coma, pude visualizar um lado dos homens que estavam escondidos debaixo daquelas roupas pretas, o sangue que pulsava em suas veias estava acima de tudo.

Estava me sentindo parte deles, como se aquela família também fosse minha. Aqueles desconhecidos se preocuparam em me trazer para o hospital, sendo uma rede de apoio familiar que eu tanto precisava naquele momento tão difícil. Não consegui falar com minha mãe antes de vir com ambos, mas digitei uma mensagem rápida avisando por cima sobre minha saída inesperada, com a ajuda da mulher de Miguel, que não saía do meu lado. Assim que cheguei, soube logo que o Rafael já tinha sido socorrido e logo teríamos notícias detalhadas sobre seu estado de saúde.

As horas passaram na velocidade de uma tartaruga e aquilo me deixou ansiosa.

— Familiares do Rafael Sanchez? — O médico apareceu no corredor onde estávamos reunidos à espera de notícias.

— Sim — Gabriel tomou a frente respondendo logo, e eu me levantei, nervosa.

— Como ele está? — perguntei rápido e Natália veio em seguida ao meu lado.

— Está tudo sob controle. O paciente se encontra estável de saúde, graças a Deus ele está consciente, reagindo bem desde que foi atendido pela nossa equipe, mas precisamos medicá-lo por causa das fortes dores no corpo, que está sentindo devido ao impacto. Vamos realizar mais alguns exames e logo poderão entrar

para vê-lo — o profissional da saúde explicou detalhadamente. — Ele não parou de chamar um segundo por um Romeu, sabem quem é?

— Sim. Ele está chegando — dessa vez Eziel respondeu, deixando no ar um clima estranho e tenso.

— Volto em algumas horas para conduzir a primeira visita.

Gabriel acompanhou o médico e ficamos em silêncio. Outro milagre.



Abri os olhos aos poucos voltando após passar o efeito do remédio. A luz clareando o meu rosto fez com que eu quase os fechasse imediatamente, incomodado pelo reflexo, mas logo reparei que não estava sozinho, ao ouvir um murmurar baixinho. Foi quando virei a cabeça para ver quem era, visualizando Daniele sentada em uma poltrona próximo a minha cama. O meu anjo.

Ela estava ali.

— Oi. Nunca pensei que diria isso, mas... é bom te ver de novo — consegui finalmente ouvir com exatidão sua voz.

Não era um sonho.

— Melek — soprei o apelido que era seu e por um fio não chorei de emoção.

— Senti a sua falta, babaca. — Levantou-se para se aproximar, sentando-se na beira da cama. — Nunca mais, escute bem, nunca mais me dê um susto desses. Eu...

— Eu prometo com a minha vida. Agora, vem aqui. Se aproxime um pouco mais, por favor, eu preciso sentir que é real e que não estou sonhando. — Ela assentiu com a cabeça, vindo aos poucos em minha direção. — Porra... eu esperei muito por esse dia. — Olhei dentro do seus olhos e abri um sorriso largo. — Te amo.

— Nunca pensei que diria isso também... — Suspirou, tocando com a ponta dos dedos em meu rosto. — Eu te amo também.

Quase não acreditei e senti quando o meu coração acelerou.

— Isso... Está falando sério? Porra, você me ama mesmo?

— Sim, babaca. Não me faça repetir, porque estou morrendo de vergonha. — Deu um risinho e seus olhos acompanharam o movimento.

Linda e minha.

— Caralho, eu vou querer ouvir isso pela vida toda, entendeu? — Ergui a mão para tocar na sua, que me acariciava para beijá-la. — Nunca mais me deixe, por favor. Naquele dia o que você viu não era nada do que estava pensando, ela era...

— Sim, eu sei quem é ela. Me perdoe por não ter te ouvido todas as vezes que tentou. Novamente, dei ouvidos ao meu orgulho, que me cega de ver a verdade, e acabei me privando de te dar uma chance para se explicar. Por um segundo imaginei que não teria essa chance... Uma chance para me desculpar. — Seus olhos marejaram e com um pouco de força, ignorando as fagulhas de dor naquela parte do meu corpo, puxei-a para perto, incentivando a me abraçar.

— Está bem. — Ela com cuidado envolveu os braços ao redor da minha cintura, encostando o rosto no meu peitoral, e pude abaixar a cabeça para cheirar seus cabelos. — Eu mereci, Melek.

Quebrar o seu coração me destruiu, me devastou por inteiro, e eu juro que passaria o resto da minha vida fodida em busca de consertar pedacinho por pedacinho dele. — Fechei os olhos e logo os abri devagar, embriagado com o seu perfume, senti que tinha o meu mundo de volta na palma das mãos. — Por que demorou tanto para voltar aqui e me falar isso?

— A minha mãe teve uma queda de pressão e por isso me ausentei, mas você sempre esteve vivo em meus pensamentos, todo santo dia. Tenho certeza de que te amo desde que te vi naquela cama inconsciente, e eu me pegava lendo seus álbuns de fotos, lendo um daqueles meus livros de romance acreditando que você estava me ouvindo ainda que do outro lado. Essa é a verdade, eu sempre te amei.

— Ah, porra, mulher. Se eu soubesse que um acidente iria fazer você dizer tudo isso. — Ela esticou a pequena mão e tapou minha boca.

— Não diga uma coisa dessas, ou eu mesma te mato, idiota. Eu estava há dias remoendo a cena que tinha visto, pensando que você já tinha outra, sofrendo em silêncio quando a verdade estava em minha frente. Naquele dia recebi uma mensagem no grupo de Natália enviada pela Ísis e descobri quem era aquela mulher. Eu estava pronta para largar tudo e ir te encontrar, mas quase era tarde demais — lamentou-se. — Por pouco você deixava os nossos bebês sem um pai.

— Nunca. Eu voltaria do Inferno só para ficar com vocês. — Sorri de lado, e senti um pigarro na garganta que me fez tossir.

— Fique quietinho aí, vou pegar água para você. — Ela se ajeitou, recompondo-se para caminhar até a geladeira que havia no

quarto do hospital.

— Acho que a senhorita está contratada de novo, Melek — brinquei para descontrair, movendo-me na cama para encontrar outra posição confortável.

— Claro, senhor Sanchez. Vai ser um prazer voltar a lavar seu pau. — Antes de virar as costas, ela me olhou e piscou um olho, gargalhando de suas próprias palavras.

Um milagre.

A sorte estava ao meu favor. Havia feito uma grande burrada ao dirigir sob efeito de álcool, não previa o quanto estava colocando a minha vida em risco novamente. O meu lado racional tinha ido para o caralho no instante em que girei a chave do carro, movido pela paixão desenfreada que tinha por Daniele e os meus filhos; tudo que queria era chegar bem a sua casa, mas o destino me reservava uma surpresa. Eu perdi completamente o controle, joguei-me contra uma árvore, e soube pelos meus irmãos que antes de o pior acontecer ainda consegui apertar o freio impedindo que o impacto fosse ainda maior; desse detalhe eu não me lembrava nem um pouco, uma memória perdida entre tantas outras.

Fazia dois dias desde o acidente que eu estava internado no mesmo hospital que me atendeu durante os anos em que estive em coma. Os meus irmãos garantiram que eu teria o melhor cuidado enquanto estivesse ali me recuperando e a minha maior vontade era me levantar para ir embora daquele ambiente que me causava pânico. Tinha alguns cortes pelo rosto, tendo em vista o impacto, o meu corpo ainda estava todo dolorido, mas os exames mostravam que estava tudo bem e que eu não tinha quebrado nenhum osso, logo teria alta médica.

No momento em que abri os olhos, fui surpreendido com a chegada do meu irmão gêmeo, fazia muito tempo desde a última vez que tínhamos nos visto. Como um fraco que estava me tornando, quase chorei ao vê-lo, de emoção. Era bom tê-lo de volta, era como se a minha outra metade tivesse encontrado o seu encaixe; apesar das diferenças que tínhamos, o nosso ia além de tudo. Pude também ter a oportunidade de rever sua esposa e sua bebezinha. As visitas não paravam de chegar e a mais aguardada delas estava bem perto dos meus braços.

Finalmente.

Daniele.

Tudo que mais queria desde que acordei era vê-la, os nossos filhos em seu ventre e, apesar de ouvir pela boca de um dos meus irmãos e dela mesma que tinha tido um imprevisto com a mãe, o medo me consumiu. Tinha receio de que ainda estivesse movida pelo ódio a ponto de não ter coragem de vir me ver, mas lá estava ela e tudo parecia encontrar o seu devido lugar como peças de quebra-cabeça.

— Aqui, beba devagar. — Daniele estava ao meu lado e estendeu o copo descartável com uma quantidade razoável de água.

— Obrigado, Melek. — Ergui a mão direita para pegar, segurando-a, e levei até a boca, dando um gole para saciar a sede.

— Eu vou cuidar de você, esqueceu? — Piscou os dois olhos em sintonia.

Perfeita.

— Está muito confiante disso, Melek. — Terminei de beber e entreguei de volta o recipiente. — Sei que nunca perguntei sobre

isso, mas... como os meus irmãos conseguiram te encontrar? Melhor, deixa eu reformular a minha pergunta baseado no quanto eu os conheço. Quais métodos eles usaram para fazer isso? — Aquela era uma dúvida que passava pela minha cabeça, mas nunca fui a fundo para saber.

— Pensei que você nunca ia perguntar sobre isso, afinal faz tanto tempo. — Foi se sentar na poltrona e colocou as duas mãos na barriga. — Eu estava voltando de um plantão do trabalho quando Gabriel e Eziel me abordaram no caminho. Você sabe..., eles não são muito simpáticos. Eu fui literalmente coagida a ser a sua cuidadora, mas não pensei em gritar ou fugir, porque precisava daquele dinheiro. A minha mãe necessitava de um tratamento de saúde para o problema do coração, os meus irmãos e uma casa para manter. No fim foi a minha melhor escolha.

Ouvir aquela verdade despertou o desejo de matar os meus irmãos.

— Não sei se agora quero acabar com a vida deles lentamente ou agradecer porque encontrei em você o amor da minha vida, a mãe dos meus gêmeos.

— Recomeçar, Rafael. Se permita recomeçar mais uma vez. — O seu sorriso doce acalmou a minha fúria, que estava se despertando quando descobri que os do meu sangue tinham sido capazes de amedrontá-la, a culpa veio em peso ao pensar que o meu gêmeo Romeu havia passado por aquela mesma situação no passado.

— Por você e pelos nossos filhos. Eu amo vocês — declarei-me. — Vem aqui, eu quero conversar um pouquinho com os meus bebês, matar essa maldita saudade.

— Quem disse que eles sentiram sua falta? — Franziu o cenho, eu sabia que estava tentando me provocar, mas ainda assim aceitou, levantou-se e veio em minha direção.

Eu me ajeitei deixando um espaço para ela ficar ali comigo e deitou-se do meu lado.



SEMANAS DEPOIS

— Não ouse levantar dessa cama ou corto suas bolas, ouviu bem? — ameacei o Rafael, que estava deitado à beira de se levantar para vir em minha direção.

— Suas ameaças não me colocam medo, Melek. — Afastou o lençol do corpo, exibindo o seu peitoral exposto, usando apenas uma cueca boxer, e o observei se levantar pelo reflexo do espelho. — Não vai fugir para sempre e em minha total defesa você está uma tentação nesse vestidinho que eu poderia facilmente tirar. — Passou as mãos pelos cabelos bagunçados, arrumando-os para cima.

Terminei de colocar o último par de brincos na orelha, prendendo o riso.

— Em minha defesa, você é um cafajeste, galanteador e muito safado. — Balancei a cabeça para os lados, os meus cabelos ondulados acompanharam o movimento e por fim girei, gostando do meu resultado final.

Naquela manhã tinha levantado cedo, disposta e cheia de energia para ir a mais uma consulta.

Finalmente havia chegado o dia de descobrir o sexo dos bebês.

Estava usando um vestido longo, babado simples e no tom rosa; nos pés uma sandália baixinha, confortável para o dia. Aquele tinha sido um dentre tantos outros presentes do Rafael, que parecia não se importar em torrar todo o seu dinheiro com coisas para os bebês ainda em meu ventre e para mim. Eu sempre reclamava, rebatendo que ele não poderia fazer aquilo, mas tanto o babaca quanto seus irmãos, que participavam agora desse momento, não me davam a mínima. Eram palavras ao vento.

Os três irmãos, desde o acidente de Rafael, se tornaram ainda mais presentes em nossa vida, costumavam aparecer em nosso apartamento um dia ou outro e sempre com um embrulho em mãos. A essa altura do campeonato já havíamos enchido um dos quartos de hóspedes da casa para guardar tudo para a chegada dos bebês, que logo se aproximava. Os gêmeos inesperados iriam saber o quanto já eram amados por aquela família totalmente fora dos padrões.

Os meus pensamentos me levaram ao dia em que o Rafael teve alta médica, o seu estado de saúde era estável e em poucos dias estaria livre das dores no corpo causadas pelo impacto no acidente. Não gostava de pensar naquele dia, pois o medo me assolava ao imaginar que poderia perdê-lo para sempre. Como a minha mãe dizia puxando a minha orelha, eu havia sido uma grande tola ao me fechar e negar uma segunda chance àquele homem, pai dos meus bebês. Quando parei de olhar para o lado distorcido da história, as coisas foram se encaixando pouco a pouco. A insegurança era a minha maior inimiga e me negava a ceder, quando o amor estava ali de braços abertos para me receber. Eu tinha que me redimir e perdoá-lo por um erro que ficaria apenas no passado. O homem que tinha o meu coração havia mudado, se transformado na pessoa dos meus sonhos, só havia sido teimosa demais para enxergar a verdade. Eu não queria perder mais nem um minuto longe do “nós”. Em vista disso, não pensei duas vezes em aceitar vir com ele para o seu apartamento, retornando de volta à vida que tínhamos ali, no nosso cantinho.

Aquela escolha repentina de Rafael fez tremer os seus irmãos, que já estavam acostumados a tê-lo por perto em sua enorme casa.

Gabriel chegando a discordar, mas acabaram aceitando no final das contas, era o melhor a ser feito.

A nossa mudança foi passiva, tranquila. Minha mãe, depois do susto que me deu semanas atrás, apoiou a minha decisão. Estava nos meus planos e do meu namorado trazê-la em breve para morar no mesmo prédio que o nosso, era questão de dias agora até que concretizássemos isso, acalmando a minha preocupação.

A recuperação do Rafael foi rápida e em menos de dias ele voltou ao trabalho. Eu sabia por alto que estava abrindo um novo negócio e que logo me contaria tudo. Ficava em casa me dedicando ao meu novo objetivo; cursar fisioterapia. Desde que tinha acompanhado a recuperação do meu babaca, o desejo de trabalhar nessa área brotara em meu coração. Em uma noite, após me perder nos braços do pai dos meus bebês, comentei sobre essa vontade e, no outro dia, lá estava ele, pronto para realizar mais um dos meus sonhos, sendo o meu grande apoiador.

As peças de quebra-cabeças perdidas haviam encontrado o seu encaixe.

Éramos peças quebradas e imperfeitas que se completavam.

Os empecilhos no caminho da nossa história nos separaram, fazendo-me quase odiá-lo para sempre, apegada ao fato de que ele havia rejeitado os nossos bebês, mas a verdade é que, assim como qualquer pessoa, Rafael tinha os seus fantasmas e levaria um tempo até fechar de vez aquela página triste de sua vida. Se bem que havia me surpreendido ao aparecer naquela primeira consulta com um brilho no olhar e disposto a ser um pai, mostrando que iria honrar todas as suas promessas. Eu só não queria acreditar que aquilo era real, mas, desde que a venda caíra dos meus olhos,

descobri que o amava cada vez mais e que ele sempre seria o dono do meu coração. Aquele que o faria bater acelerado, domaria o meu lado difícil e complicado. O seu amor imperfeito completava todas as lacunas do meu.

— Está tão linda, *cheirosa demais*. — As suas mãos envolveram minha cintura, trazendo o meu corpo para junto do seu.

Rafael encostou o rosto na curva do meu pescoço, cheirando-me, e me arrepiei inteira.

Não podia cair na tentação, fiz uma anotação mental.

— Vamos nos atrasar se continuar assim. — Mordi os lábios, rindo do seu jeito desesperado, raspando os pelos ralos da sua barba na minha pele. — Rafael.

— Eu posso ser rápido, Melek. É só levantar seu vestidinho, afastar sua calcinha para o lado e sua bocetinha vai estar pronta para receber o meu pau. — Ele me mordeu, fazendo-me arfar e quase por um fio ceder à tentação que era.

— Quem sabe mais tarde você cumpra essa promessa. — Afastei-me dele com um pouco de esforço e caminhei rapidamente até a porta do quarto. — A consulta será em menos de duas horas, não podemos nos atrasar, papai — lembrei, piscando os olhos.

— Eu não perderia por nada. — Virou-se para me olhar nos olhos e vir em minha direção, ficando de joelhos na altura da barriga, que havia crescido muito nos últimos dias, tornando-se um volume nítido em qualquer roupa.

E eu me emocionava ao ver.

Os meus bebês.

— Finalmente chegou o dia de descobrir se irei morrer mais rápido ou lentamente. Porque sei que vão nascer herdando toda a

beleza dessa mulher por quem sou completamente apaixonado — o meu namorado brincou, porque iria morrer de ciúmes quando os gêmeos nascessem. Falava com o rosto encostado e eu abri um sorriso largo. — Agora é sério, o papai está ansioso pra caralho para segurar vocês nos braços. — Deixou um beijo demorado sob o vestido e me segurei para não começar a chorar com uma dentre tantas declarações que ele fazia todos os dias.

— Bobo. Nós te amamos muito, papai. — Toquei com os dedos em seus cabelos, fazendo um carinho suave. — Agora, por favor, trate de vestir uma roupa. Sabe o quanto fica delicioso assim e eu não posso cair em uma tentação dessas.

— Tudo que você quiser, minha mulher. — Levantou-se e veio beijar meus lábios.

— Vou te esperar lá na sala. — Sorri e o beijei de volta, apaixonada e rendida.

Ele concordou com a cabeça e logo tratei de sair do quarto, fechando a porta.



A minha médica me olhava desconfiada, disfarçando com um sorriso o incômodo por a sala da ultrassom estar literalmente cheia, e eu me contive para não rir. O meu namorado fizera questão de convidar a sua família para participar daquele momento e eu não fui relutante, aceitando sem mais delongas, trazendo junto também a minha mãe. Aquele era o primeiro momento mais marcante de toda

a minha vida, do meu ventre nasceriam em breve duas metades do meu amor e do Rafael.

O pai dos meus bebês segurava em minha mão, eu sentia o quanto estava nervoso por nós dois. Não o julgava por isso e teria toda a paciência que fosse necessária, pois sabia o quanto se esforçava para diariamente ser o melhor em todos os sentidos.

— Então. Vamos começar — a profissional da saúde falou, colocando um aparelho sobre a minha barriga exposta, que havia sido preparada para a ultrassonografia. — Estão prontos, casal? — As imagens começaram a surgir na enorme tela, pegando todos de surpresa, e as lágrimas banharam o meu rosto sem que tivesse controle.

— Porra... São os meus bebês — Rafael quase berrou e apertei a sua mão com força, tentando fazê-lo entender que não era hora para palavrões. — Estão vendo? Ca...

— Sim — tratei de responder logo e fiquei ainda mais emocionada, como se fosse possível.

Havia esperado tanto por aquele momento que a emoção me consumia.

— Estão se desenvolvendo bem e fortes como a mamãe. Veja só. — A mulher apontou com um dedo da mão livre para um ponto e franzi o cenho sem entender. — Têm duas lindas menininhas aqui, papais.

— Caralho. Duas? Duas? — O meu namorado ficou em choque e acabei rindo em meio às lágrimas. — Porra, mulher... Como eu te amo — ele me surpreendeu, enchendo o meu rosto com beijos estalados, sem se importar com o resto das pessoas que estavam

ali presenciando a cena. — Eu te amo, ouviu? Amo as nossas filhas. Você me deu a porra do melhor presente do mundo.

— Parabéns, papais — finalizou a médica e logo vieram Miguel com Natália, Gabriel e Eziel nos cumprimentar.

Quase não conseguia responder às felicitações, pois o pai das minhas meninas não me largava, grudado enchendo-me de beijos.

A comemoração durou por minutos, preenchendo todo o ambiente da maneira que nunca imaginei viver, até que enfim o exame foi finalizado e ficamos sozinhos.

Nós.

— As nossas meninas. — Sorri largo, tocando no rosto de Rafael. — Eu te amo.

— Até o meu último suspiro. Te amo.



— Que gostosa... — A minha boca faminta mamava sem dó na boceta quente de Daniele, que estava com a cabeça inclinada para trás na cama, gemendo manhosa.

Fazia poucos minutos que o sol havia adentrado a janela do nosso quarto denunciando que um novo dia chegava, mas a minha mulher parecia não se importar com as horas. Tinha me acordado com beijos por todo o peitoral, nu ainda da noite passada, que fora quente como tantas outras. O lado animalesco e possessivo que vivia em mim despertava quando se tratava de tomá-la para mim. Era como uma verdadeira iguaria ao meu dispor, a qual eu não tinha nenhuma pretensão de recusar. Logo despertei, partindo para o ataque e reivindicando sua boca, seu corpo que era completamente meu. Com o avanço da gravidez, a minha garota havia triplicado o apetite sexual, e eu me encontrava ao seu dispor.

Todos os lugares mais improváveis da nossa casa haviam se tornado perfeitos para uma foda selvagem, mantendo ainda a

consciência e cuidado com a sua barriga. O meu olhar sempre estava voltado para a Daniele, eu a amava de todas as formas, mas parecia que com o passar do tempo ficava ainda mais gostosa, receptiva e a porra da minha mulher. Desde o momento em que havia me dado uma chance, a descoberta das nossas princesas, jurei a mim mesmo que viveria para fazê-la feliz. Morreria com a maldita culpa por um dia ter magoado seu coração, mas tinha toda uma parte da minha vida para me redimir, provar que era merecedor do seu amor.

Das nossas filhas.

— Ainda vou te comer aqui, amor. — Dei batidinhas com a língua em seu clitóris, levando o dedo para o centro da sua bunda, cutucando o lugar proibido, e a vi se remexer. — Safada. Eu sei que você gosta quando falo assim, a porra da sua boceta pinga de tanto tesão que sente — murmurei em um rosnado, voltando a chupá-la com afinco, sentindo que estava cada vez mais perto de fazê-la gozar.

— Rafael — sua voz saiu estrangulada, enquanto se esfregava em meu rosto. — Eu vou...

Mantive os movimentos, saboreando cada pedaço da minha perdição, fodendo-a com a língua, meus dois dedos entrando e saindo sem parar. O meu pau babava, quase gozando só por assistir a minha mulher sentindo prazer. Decidi acabar com aquela tortura reduzindo aos poucos, arrancando suspiros dela. Em um movimento virei-a de costas para mim, deitando-a de bruços de forma que ficasse confortável com a sua barriga redonda. A safada empinou a bunda em minha direção, ergui de imediato a mão, dando-lhe uma palmada com força.

— Vai gozar agora, Melek. — Levei a mão livre até o meu pau, manuseando até sua entrada, dei pequenas pinceladas até penetrá-la por inteiro.

— Sim... Rafael. — Rebolou sem pudor e a agarrei pela cintura, beijando seu ombro.

Comecei a estocar com o meu membro em sua boceta apertada, quente e que me deixava descontrolado quando me espremia, sugando-o todo até o fundo. Mantive as mãos no seu agarre, mantendo-o quase presa, ao meu dispor, recebendo a minha fúria, fome e desejo por aquela mulher. Éramos assim, sem controle, desesperados e ela se entregava, recebia, pedia por mais. Eu dava tudo, penetrando-a com força, sem um pinga de dó, rebolando o meu membro quando alcançava pontos que a deixavam ainda mais molhada, meu pau deslizando rápido.

Fechei os olhos, deixando sair pelos meus lábios um gemido rouco; quase alcancei o ápice, sem parar o movimento, e os abri a tempo de vê-la gozar. Daniele se desmanchou toda no meu pau, que ainda a fodia com afinco, idólatra por ela. Gritou pelo meu nome, inclinando o rosto contra a almofada da cama. Dei mais umas estocadas com força em sua boceta querendo viver ali para sempre, e comecei a enchê-la com a minha porra até a última gota. A porra do meu lar.

— Caralho... Eu te amo. — Dei um impulso fundo até que saí aos poucos, vendo o meu líquido escorrer pelas suas pernas, e abri um sorriso malicioso.

A vontade de voltar para ali queria despertar, mas reprimi, minha garota precisava descansar.

Eu me recompus, respirando fundo para virá-la para mim, ajeitando-a na cama. Estava linda pós-foda, com os cabelos bagunçados, suor escorrendo, e parei no seu ventre observando o volume que me enchia de orgulho ao ver o crescimento das gêmeas. Não me contive de emoção e desci logo com o rosto, encostando em sua barriga.

— Oi, princesinhas, não sei se estão acordadas, mas me perdoem pela bagunça. A mamãe está se aproveitando do papai, mas tudo bem, ela pode, não é? — Quase ri e Daniele estendeu sua mão, puxando devagar os fios dos meus cabelos.

— Ainda vou lavar essa sua boca com sabão, seu babaca — brigou, mas logo começou a rir. — Tenho certeza de que elas farão gato e sapato de você, sabia?

— Tenho certeza de que sim, afinal se me pedirem uma estrela é bem provável que eu entre em uma astronave no exato segundo. Eu faria absolutamente tudo por vocês, espero que nunca se esqueça disso, Melek. — Dei um beijo em sua pele e captei o segundo exato em que as gêmeas se mexeram. — Porra, elas... elas... Oi, amores do papai. Estão ouvindo o papai, hum? Espero que sim, saibam que eu amo vocês.

— Ah, minhas menininhas — meu anjo sussurrou emocionada. — Elas não têm ideia da sorte que têm por ter um pai como você. Eu sinto o seu amor e seu cuidado. Na verdade, temos muita sorte, minhas pequenas, não é? — Senti outro chute do lado direito da barriga e o meu coração quase parou de tamanha alegria.

Eu não era merecedor do amor, mas elas me amavam. Deixei vários beijos sem parar em seu ventre e comecei a subir até encontrar os lábios de Daniele.

— Vou te levar a um lugar.

— Hum? Assim do nada? — Franziu o cenho, um pouco confusa.

— Sim, mas primeiro vamos tomar um banho juntos e vou alimentar minhas meninas. — Rocei o meu nariz no seu, inspirando o seu cheiro, que eu amava.



Cumpri o que prometi ao banhá-la, lavando cada pedacinho do seu corpo para depois dar a devida atenção ao meu; logo concluímos e a levei para o quarto. Deixei que se vestisse enquanto fazia o mesmo, para em seguida descer e preparar nosso café. Desde que estávamos por ali ainda não tinha contratado de volta a cuidadora do lar, que havia se tornado amiga da minha namorada, mas faria isso em breve junto com a chegada da sua mãe com irmãos que aconteceria nos próximos dias. Seria o presente de aniversário do meu anjo, que ainda não tinha conhecimento daquela notícia. Sabia que isso aconteceria, pois era uma de suas vontades, mas deixei os detalhes mais importantes em segredo, para a sua total surpresa. Preparei uma das panquecas de que tanto gostava, junto do café com o leite, que nunca faltava na sua rotina diária, e eu tinha aprendido a apreciar também. Logo a minha mulher chegou, iluminando o ambiente com seu sorriso. Tomamos o desjejum juntos, sempre deixando no ar sua curiosidade, mas era outra de tantas surpresas.

Quando terminou foi acabar de se arrumar e a acompanhei para fazer o mesmo. Optei por uma roupa social, em tons azul-marinho e desci para esperá-la na sala.

A mãe das minhas bebês logo desceu, pronta e uma verdadeira rainha, usando um de seus vestidos longos, este de um tom verde, florido. Corri para abraçá-la, cheirar seu pescoço, mas tratei de manter as mãos no lugar e cumprir o que tinha planejado.

Dentro de minutos havíamos saído de casa, mantive as portas trancadas e fomos juntos para a garagem. Desde o acidente, era a primeira vez que iria dirigir, as outras vezes contei com a ajuda do meu irmão Miguel. O olhar da Daniele me confortou, dando coragem para continuar, e logo estávamos acomodados em um dos meus novos carros, equipado e totalmente seguro para minhas meninas.

Prestei atenção na estrada, mantendo o foco para nos conduzir à nossa parada principal. Dentro de vinte e cinco minutos chegamos. Eu tinha ansiado muito por lhe mostrar esse lugar nas últimas semanas, mas fui cauteloso ao esconder bem, sem que ela desconfiasse dos meus planos para aquele dia.

Parei o meu carro na vaga de estacionamento, tirei o cinto de segurança para sair primeiro e ajudá-la, abrindo em seguida a porta. Daniele saiu, aceitando a minha mão que estava estendida, tive um vislumbre do seu olhar curioso observando o condomínio. A enorme e luxuosa casa que nos aguardava seria o futuro lar das nossas meninas.

O nosso recomeço.

— Rafael... O que significa isso? Você — começou a falar, mas parou e respirou fundo. — Comprou uma casa? É isso mesmo?

— Sim, Melek. A nossa casa. — Levei sua mão até meus lábios, beijando-as. — Tem uma coisa que quero te mostrar lá dentro. Me concede a honra?

— Sempre. — Sorriu doce e jurei que tinha me apaixonado ainda mais.



Eu não conseguia acreditar no que os meus olhos estavam vendo. Uma casa. Um lar para as nossas filhas. As minhas mãos não paravam de tremer e o meu coração começou a ficar acelerado, assim como as duas bebês começaram a se mexer, agitadas. As gêmeas estavam ali fazendo parte daquele capítulo marcante da nossa história de amor. A redenção do Rafael, meu eterno babaca imperfeito, o nosso verdadeiro recomeço, livres dos erros, empecilhos do passado. Tudo que havíamos vivido juntos nos levava até ali, onde em breve seríamos quatro.

— Pelo seu rostinho, tenho quase certeza de que gostou, Melek. — O meu namorado me abraçou por trás, enquanto eu não parava de admirar a propriedade por fora.

Queria ficar mais um pouco ali só para ter absoluta certeza de que não era um sonho.

— Estou apaixonada, Rafael. Só ainda não consigo acreditar em como você conseguiu esconder isso de mim. Eu poderia ter te

ajudado a escolher — lembrei.

— E estragar a surpresa? Perder a oportunidade de ver esses olhinhos brilharem? Eu sabia que este era um de seus sonhos, ter uma casa grande com piscina e um jardim. — Deixou um beijo em meu ombro e passou a mão em minha barriga. — Não me esqueci daquele dia em que você comentou sobre isso e desde então me dediquei para encontrar o lar perfeito para a nossa família, nossas princesinhas.

— Obrigada, Rafael, por ser tão atencioso, carinhoso quando eu sou teimosa, por realizar meus sonhos, e por amar nossas meninas, me amar com todos os defeitos.

— Eu não mudaria nada em você, é perfeita e me completa. Nasci outra vez para te amar, para te tornar a mulher e mãe das minhas filhas — declarou-se e sorri boba.

— Não pode me fazer chorar agora. — Funguei me segurando para não chorar. — Eu ainda quero conhecer cada cantinho da nossa casa.

— Seus pedidos são sempre uma ordem, Melek. — Vi de relance quando levou a mão até o bolso da sua calça social, vasculhando-o até tirar uma chave. — É sua. — Ele me entregou, colocando na minha mão, e segurei, apertando-a.

Ainda abraçados caminhamos até a porta principal, precisei respirar fundo para dar o passo final e enfim abri-la, logo a emoção me consumiu e chorei de felicidade. O Rafael veio em seguida, entrando, e parou ao meu lado. O nosso lar era grande, tinha uma ampla sala, cômodos divididos e uma enorme escada que levava ao andar de cima. Estava toda mobiliada em tons amadeirados, um

estilo rústico pelo qual eu era completamente apaixonada naquela decoração, e ele sabia disso.

Meu namorado tratou de me conduzir pelo primeiro cômodo, mostrando paciente cada pequeno lugar, afirmando que eu poderia mudar tudo e deixar do jeito que quisesse. Mas como estava era perfeito demais, eu não teria coragem de trocar nada, ao menos não naquele momento; estava tão focada em preparar o quarto das nossas bebês antes da sua chegada, que aconteceria dentro de poucos meses.

Paramos nosso *tour* no jardim que ele mencionara e sorri feito uma criança, poderia muito em breve plantar, cultivar rosas e muitas coisas. Havia uma grande piscina e próximo dela, uma menor, como pensei. O Rafael tinha pensado em cada pequeno detalhe, tornando tudo em um conto de princesa. Ele continuava me acompanhando até que precisou sair para fazer um pedido no celular, de lanche, esse era um de seus cuidados, me manter sempre alimentada. Fiquei sozinha, caminhei pelo lugar matando um pouco mais da curiosidade. Cada vez mais me sentia como se fizesse parte daquele lugar, mesmo que não morasse ali ainda.

— Princesas, desta vez o papai acertou em cheio. Tenho certeza de que, assim como eu, vocês vão se apaixonar por esta casa — sussurrei baixinho, tocando em minha barriga. As danadinhas começaram a se mexer, cheias de gás. — O papai é um bobão, mas pensa em cada detalhe com carinho e sei que é tudo por amor a nós três.

Acaricieei com a ponta dos dedos a região em que sentia a elevação das gêmeas em sintonia se moverem, eu me pegava pensando se iriam herdar os olhos azuis de Rafael ou que poderiam

ser tão teimosas como eu era na maioria do tempo. Pensava em tudo e, apesar da zero experiência com a maternidade, tinha absoluta certeza de que, com o apoio do meu namorado, tudo daria certo no final das contas. Eu não estava sozinha. Seríamos bons pais, ainda que imperfeitos e falhos.

— Melek — ouvi sua voz rouca e desviei o olhar para ele, sorrindo. — Vamos subir? Precisa descansar um pouco os pés.

— Hum, é verdade. — Fiz careta, lembrando que ficavam sempre inchados. O pai das minhas filhas era generoso naquela parte, ele me fazia massagem todos os dias. — Quer carregar uma gravadinha nos braços, não?

— Sabe que isso não é nenhum desafio para mim. A resposta é sim. — Caminhou até me alcançar, mas antes que me pegasse nos braços eu o impedi rápido.

— É brincadeira, bobão. Eu consigo ir sozinha. — Fiquei na ponta dos pés e beijei seus lábios. — Mas obrigada mesmo assim. Eu te amo — e me abraçou.

O seu sorriso em resposta aqueceu meu coração, vendo no seu olhar que era recíproco. O seu amor estava presente em tudo que fazia por suas meninas.

Fiquei por mais alguns minutos no agarre de seus braços, inspirando o seu cheiro natural misturado com o perfume amadeirado que eu amava, sexy e viril. O Rafael beijou os meus cabelos, afastando-nos para segurar minhas mãos e nos conduzir até a enorme escada. Permaneci quieta, analisando aquela outra área gigantesca e com mais quartos do que eu poderia contar ou prever. *Exagerado.*

— Quero te mostrar uma coisa, Melek.

— Mais surpresas? — sussurrei baixinho.

— Uma de muitas. — Parou em frente a uma porta no meio do corredor e fiquei confusa. — Feche os olhos, por favor. Prometo que você não vai se arrepender — pediu carinhoso e obedeci, fazendo o que solicitou.

Ouvi seus passos vindo em minha direção, pegando de volta na minha mão para me levar até a entrada do quarto, que deduzi mentalmente ser um.

Ele me conduziu aos poucos para dentro e precisei respirar fundo para conter o nervosismo. O que era?

— Pode abrir, Melek — soprou as palavras e assim fiz, não crendo no que havia perante os meus olhos.

Era um quarto todo decorado em tons rosados com lilás.

— Rafael — murmurei emocionada novamente. — Que lindo, minha nossa. Você pensou em tudo. — Eu me aproximei captando cada detalhe, apaixonada por tudo.

Havia dois berços próximos, móveis planejados e prontos para recebê-las. Na parede, quadros com fotos nossas, fotografias recentes, e um espaço que provavelmente seria ocupado quando as meninas chegassem.

Sorri tão boba.

— Eu quero uma vida com você, com as nossas meninas. Fui um completo babaca no começo, errei e quase a perdi para sempre, mas a vida me deu outra chance. Uma chance para fazer valer cada segundo do seu lado, provando todos os dias que, apesar de ser um fodido, eu te amo verdadeiramente e com todo meu coração.

Eu me virei para olhá-lo dentro dos olhos, vendo-o se ajoelhar em minha frente.

— As coisas entre nós sempre foram intensas demais, complicadas e acabei me esquecendo do passo mais importante de nossa vida, essa que quero hoje e para sempre com você. — Levou a mão até o bolso da calça, tirando de lá uma caixinha de veludo vermelha. Abri a boca, chocada com o que estava prestes a acontecer. — Quero envelhecer do seu lado, das nossas meninas e dos futuros filhos que iremos ter. Quero encher esta casa de luz, amor e te ver realizando todos os seus sonhos. Amar e ser amado por você. Aceita se casar comigo, Daniele?

Senti quando as lágrimas inundaram o meu rosto.

— Sim. Milhões de vezes, sim — disse alto repetidamente.

Com as pernas quase bambas, eu me aproximei dele e estendi a mão para colocar o anel brilhante.

— Eu te amo, Melek. Hoje e para sempre. — Colocou a joia em meu dedo e o beijou.

— Nós te amamos — falei por mim e pelas gêmeas, que voltavam a se mexer na minha barriga sem parar.

Admirei a peça que simbolizava a nossa segunda chance e peguei o outro par para colocá-lo em seu dedo também, fazendo o mesmo ao beijar.

O meu noivo se levantou, alcançando-me para me abraçar, e me beijou.

Ao nosso amor imperfeito.

Epilogo



Rafael Sanchez

3 ANOS DEPOIS

Eu observava pela varanda da minha casa a movimentação das pessoas, crianças correndo ao redor sem parar, enquanto outras estavam se divertindo em um dos brinquedos que foram alugados para colorir a festa de aniversário das minhas meninas, Heloisa e Helena. As gêmeas completavam os primeiros três aninhos de vida, eram espertas, habilidosas e herdaram o gênio da mãe, quando toda a aparência lembrava os meus traços, desde os olhos até o dedinho do pé. Havia sido escolha delas fazer aquela enorme comemoração, que foi totalmente decorada com o cenário de castelo de princesas, assim como elas eram as minhas.

Minhas pequenas princesas.

Daniele por pouco não criou cabelos brancos ao preparar aquilo tudo em poucos meses, mesmo contando com toda a ajuda da esposa do Miguel e a de Romeu, Natália e Ísis, que eram madrinhas das meninas.

Eu me orgulhava da minha esposa, pela sua paciência, determinação. Daniele se desdobrava em duas para realizar o sonho de se tornar uma fisioterapeuta e ser a minha voz, meu anjo, a mãe das minhas filhas pelas quais eu era completamente apaixonado. Amor esse que só se multiplicava a cada novo amanhecer. A nossa relação com o passar dos anos havia se tornado ainda mais forte e inabalável. Conseguíamos juntos superar os desafios, aprendendo com os erros do passado e fazendo de cada minuto o mais importante de nossa vida.

Toda história de amor tem as suas fases ruins e a nossa não era diferente. No primeiro ano de casados, com duas bebês

pequenas, as dificuldades vieram em peso, mas sempre parávamos para sentar, conversar e tudo terminava bem; principalmente eu por cima, reivindicando sua boca, seu amor e a sua boceta. Éramos a mistura perfeita de fogo, paixão e explosão.

Lembrar disso me fez voltar ao passado onde aconteceu a nossa cerimônia poucos meses depois do pedido de casamento, em uma igreja em que a mãe da Daniele era devota. Tínhamos convidado apenas os nossos familiares mais próximos e celebramos o nosso “nós”. A minha maior alegria naquele dia foi ver todos os meus irmãos juntos, ambos vivendo o perdão e fechando um ciclo do passado, aceitando o Romeu de volta, nossa família.

Eu me sentia realizado, completo em todos os sentidos com quase quarenta e um anos, alguns fios de cabelos brancos na cabeça, e cicatrizes que me trazem a lembrança da experiência que passei em cima de uma cama em coma. Eu tinha recebido um milagre mesmo não sendo merecedor, ganhara a chance de ter um amor, que se multiplicou acrescentando mais dois, fazendo meus dias ainda mais felizes, e cheios de paz.

Com o passar dos tempos, consegui conciliar os meus negócios na minha cidade, abrindo a tão esperada empresa multinacional tendo meu irmão gêmeo como sócio; os resultados dessa parceria vieram, progredindo e alcançando altos níveis.

— Papai! Papai! — a voz das minhas meninas despertou minha atenção e me virei a tempo de vê-las vindo correndo e parando em minha frente. — Pai.

— Princesas. — Eu me abaixei para ficar na altura delas, que eram pequenas, delicadas e tinham os cabelos escuros, iguais aos da mãe. — Estou aqui, amores.

— A mamãe está *lá* no quarto. A titia tá esperando *muito* lá embaixo — Heloisa falou e quase não entendi.

Apesar de serem idênticas, ambas tinham alguns pequenos traços no rosto que as diferenciavam, além de que a minha esposa tratava de colocar um pingente com a inicial do nome delas em cada roupinha.

— Sua tia está esperando, entendi. E onde está a mamãe? — perguntei.

Fazia poucos minutos que eu a tinha visto na sala de estar da nossa casa.

— Num sei, *dol*. Fael vai procurar — foi a vez da Helena tomar a frente, falando.

A minha pequena gostava de me chamar assim quando queria alguma coisa, e eu ri.

Conhecia todas as artimanhas das gêmeas que me tinham na palma da mão. Seus olhos, azuis como os meus, brilhavam, as bochechas gordinhas e o sorriso doce.

— Tudo bem, princesas. Que tal vocês irem dizer à titia que a mamãe já desce, combinado? — propus e dei um beijo na testa de cada uma, fungando o cheirinho de bebê que sempre tinha o poder de me acalmar.

Porra, eu as amava tanto.

— Pode, papai, *num* demora, *tendeu*? — Heloisa falou tão firme, e vi nela o reflexo da minha esposa marrenta.

A gêmea pegou na mão da sua irmã e saíram correndo. Eram unidas em tudo que faziam, dividiam bonecas e raramente brigavam por algo.

Os meus irmãos eram apaixonados pelas minhas filhas. Gabriel e Eziel ainda eram infiltrados em atividades ilícitas pela cidade, liderando os negócios de que tanto se orgulhavam. Persistiam mesmo depois de Miguel também se desligar desde o nascimento do seu filho, fruto do amor pela colorida de cabelos rosa. Mas, quando estavam na minha casa, eles se tornavam outros, passivos e carinhosos. A mudança me pegou de surpresa, pois vivendo tantos anos com os cabeças-duras nunca imaginei que ambos seriam capazes de mudar, o amor realmente transforma até os piores.

Havia feito uma escolha no passado e resolvi encerrar um ciclo, não querendo mais saber de vinganças, culpados, eu estava seguro com a minha família longe de toda sujeira. Eu sabia que o Gabriel, chefe de tudo, não deixaria aquilo passar em branco, entretanto não era mais um assunto meu, e sim seu. Certo dia abri o jogo sobre meu passado para minha esposa, contei o que éramos, o que eu fazia. O seu olhar assustado me quebrou e a certeza de que tinha feito a melhor escolha ao me desligar daquilo me confortou. Eu queria o melhor para minhas meninas. A Daniele, no final das contas, me entendeu, me ofereceu seu melhor abraço, provando mais uma vez que me amava além de todas as imperfeições.

Respirei fundo, afastando os pensamentos, resolvi ir atender o pedido das meninas e encontrar a Daniele. Caminhei rápido em sentido contrário, em busca da escada que levava até o quarto onde estava o meu anjo. Ao chegar lá, vi a porta aberta, estranhei de imediato e logo entrei, fechando-a em seguida.

— Melek? — sussurrei, vasculhando com o olhar o cômodo, e não obtive resposta. Só havia um lugar em que ela poderia estar, no

banheiro. — Daniele?

Diminuí a distância e fui até onde julguei estar a minha esposa; logo a encontrei, sentada no vaso com as duas mãos no rosto, chorando ainda que baixinho. E aquilo me assustou.

— Porra, Melek... — Eu me ajoelhei apoiando em suas pernas, tentando tocar seu rosto. — O que houve? Fale comigo, por favor. Eu estou com você.

— Rafael. — Seus olhos encontraram os meus e fungou manhosa. Fez um movimento com a mão indicando o chão e captei na hora, vendo o motivo do seu choro. Havia um teste de gravidez de lado e peguei logo, surpreso com o inesperado. — Estou grávida — afirmou o que eu no auge já sabia, por ver o resultado.

— Caralho, mulher. — Apertei a prova em minha mão e sorri largo. — Eu te amo. Te amo, ouviu bem? — falei alto, e fui abraçá-la apertado, beijando seus cabelos sem parar. — Você não se cansa de me fazer feliz, não? Porra, mais um bebê. Melek, você e as nossas pequenas são as mulheres da minha vida, e agora a nossa família vai se completar. Eu vou estar aqui com você, e para sempre.

— Eu tive tanto medo... Não tínhamos conversado sobre essa possibilidade, mas acabou acontecendo. Fazia umas semanas que estava desconfiando e o resultado só mostra que as minhas dúvidas estavam certas, vamos ter mais um bebezinho. Céus, e se forem gêmeos? — Em meio a lágrimas, começou a rir.

— Vamos fazer dar certo — acalmei-a. — Pretendo nunca te deixar, estar ao seu lado em cada fase, em cada enjojo, pés inchados, saciando o seu apetite sexual, e prometo te amar até o meu último suspiro, porque revivi de novo só para te amar.

— Eu te amo. — Retribuiu o abraço com força, eu me sentia completo. — Te amo muito.

Que sorte a nossa.

— MAMÃE! — As nossas filhas surgiram correndo e entraram no banheiro. Nos afastamos para olhar o fruto do nosso amor. — *Tá chutando, é?* — Heloisa se preocupou, ficando na altura da mãe para tocar em seu rosto com a palma da mão.

— Fael, num pode fazer a rainha chorar, *tendeu?* — Helena me repreendeu.

— O papai não está fazendo a mamãe chorar, são lágrimas de felicidade. Estamos felizes porque no dia do seu aniversário recebemos um presentão.

— O que, papai? — as duas falaram em sintonia.

— Vamos ter um bebezinho, um irmão ou uma irmãzinha para vocês — minha esposa respondeu, acalmando-as, e elas saltaram alegres e felizes.

— Poxa vida, vamos contar a Ísis e o Heitor. — Heloisa pulava sem parar, com o seu vestidinho de princesa que usava naquela tarde.

— Vou contar a vovó Deh — murmurou a outra gêmea e saíram novamente correndo.

Ficamos rindo das nossas lindas filhas, que ainda não entendiam muito sobre a vida, mas iriam descobrir em breve um novo amor, o poder da cumplicidade, companheirismo, e aprender que o perdão transforma e liberta nossa alma.

A minha sogra iria puxar as minhas orelhas por engravidar novamente sua filha, mas acabaria, no final, rindo, ajudando-nos como vinha fazendo sempre. Ainda mais agora, que era a nossa

vizinha na casa que adquiri para que ficasse próximo da minha esposa, que monitorava de perto sua saúde; quase por um milagre Deh estava melhor, ativa.

Ajudei o meu anjo a se levantar e se recompor para que pudéssemos descer e continuar festejando com as nossas pequenas. Daniele levou o seu tempo para se arrumar e assim que acabou saímos juntos do quarto, caminhando para o jardim onde a comemoração continuava a todo vapor em animação.

De mãos dadas fomos recepcionados pelo pessoal com sorrisos sinceros, acenos, e avistei as gêmeas brincando no parque com seu priminho e a pequena Íris. O meu gêmeo, Romeu, estava no canto, acalmado o seu filho, que chorava, com a sua esposa do lado. A uma mesa se encontravam os meus irmãos, junto de Miguel com sua esposa, que estava com uma barriga de oito meses de uma menina. Era bom vê-los reunidos ali, todos juntos, o amor prevalecendo, sobressaindo-se diante de todas as diferenças.

— Que sorte a nossa, Melek. Eu te amo. — Virei-me para olhar em seus olhos e deixar um beijo em sua testa. — Obrigado por me amar com todas as imperfeições.

— Eu te amo — sussurrou e logo me abraçou apertado.

O amor nascia dos lugares mais improváveis e florescia nos corações feridos.

Fim